UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

IRIS MARIA BOSCO TETZLAFF

Escolhas ou escolhidos?
Estudantes das camadas populares em uma escola de ensino médio técnico
federal

Ribeirão Preto
2017

IRIS MARIA BOSCO TETZLAFF

Escolhas ou escolhidos?
Estudantes das camadas populares em uma escola de ensino médio técnico
federal

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Debora Cristina Piotto

Ribeirão Preto
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Tetzlaff, Iris Maria Bosco

Escolhas ou escolhidos? Estudantes das camadas populares em uma escola de ensino médio técnico federal. Ribeirão Preto, 2017.

125 f.: i.; 30cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/ USP. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Debora Cristina Piotto

1.Escolhas. 2.Escola. 3.Camadas populares.

TETZLAFF, I. M. B. Escolhas ou escolhidos? Estudantes das camadas populares em uma escola de ensino médio técnico federal. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.^a Dr.^a:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.^a Dr.^a:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Aos alunos que por mim passaram e aos muitos que estão por vir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por me conceder saúde e a possibilidade de trabalhar em busca de conhecimento.

À minha amada mãe, Lusdalma, pelo amor, carinho e dedicação em todos os momentos de minha vida.

Ao meu esposo, André, meu socorro presente dia a dia, que de forma paciente e carinhosa me apoiou em todos os momentos. Sem você e minha mãe, nada seria possível.

Aos meus filhos, Igor e Artur, que, embora não tivessem compreensão de meus estudos, entenderam os momentos de silêncio ou ausência.

À minha valiosíssima querida orientadora, Prof.^a Dr.^a Debora Cristina Piotto, pelo voto de confiança e valorosa generosidade dedicada às minhas inquietações e, principalmente, ao meu aprendizado. Um exemplo de comprometimento e dedicação à profissão e à academia.

À querida Prof.^a Dr.^a Elaine Sampaio Araujo, que me recebeu muito amavelmente em uma de minhas primeiras disciplinas na pós-graduação, e ao grupo de estudos. Foram muitos aprendizados. Agradeço também seu aceite em generosamente contribuir com suas arguições para a efetivação deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Márcio Mucedula Aguiar, cujo auxílio foi fundamental durante o desenvolvimento deste trabalho. Com olhar atencioso, trouxe valiosas contribuições às reflexões teóricas e de análise.

A Gabriela Bessa, estudante de pedagogia e caríssima companheira de estudos, que muito me auxiliou nas transcrições das entrevistas.

Às companheiras de mestrado e todos dos grupos de estudos dos quais faço parte, pelo compartilhamento de reflexões, debates e amor aos estudos.

À minha ex-diretora, Elvira, pelo estímulo e incentivo pela busca do mestrado.

À família de meu esposo: minha sogra, Roseli, e cunhada, Lilian, pelo incentivo e cuidados com meus filhos. Em especial, às tias Tania e Amarilis, pelo também incentivo e tempo dedicado às correções textuais.

Aos meus irmãos, Iran, Humberto e Aramício, pelo estímulo.

Não posso deixar de lamentar a ausência do meu amado pai, Celso Ribeiro Soares, e agradecer toda experiência que me proporcionou em sua enorme simplicidade, mas imensa sabedoria.

Meu muito obrigada a todos vocês.

“A palavra não esteve no princípio. No princípio esteve a ação.
A palavra constitui antes o fim que o princípio do
desenvolvimento. A palavra é o fim que coroa a ação”
(VIGOTSKI, 2009, p. 485).

RESUMO

TETZLAFF, I. M. B. **Escolhas ou escolhidos? Estudantes das camadas populares em uma escola de ensino médio técnico federal**. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

O estudo tem como objetivo compreender como se dá o processo de escolha por uma escola de ensino médio técnico federal pelos estudantes de camadas populares. Para tanto, partimos de estudos que abordam a temática da escolha do estabelecimento de ensino e da longevidade escolar em meios populares. Realizamos entrevistas em profundidade com dez estudantes pertencentes às camadas populares, com idades entre 16 e 19 anos, de séries variadas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), da região de Ribeirão Preto-SP. A análise das entrevistas destaca alguns aspectos comuns entre os estudantes, como a característica de “bons alunos”, a valorização da educação e da escola de ensino médio técnico federal, como também o forte desejo por uma escola de melhor qualidade e pela continuidade educacional em detrimento de uma formação para o trabalho. Os dados indicam que a escolha pela escola se deu por um processo socialmente construído, sobretudo no âmbito escolar, no decorrer de toda escolarização dos estudantes. A atividade prática de estudo dos entrevistados possibilitou que o IFSP surgisse como opção de escolha de escola de ensino médio de qualidade e também viabilizou a tomada de consciência e formulação de sentidos referentes à educação. Há forte participação da escola de ensino fundamental, principalmente dos professores, no processo de escolha pela escola de ensino médio técnico federal nas camadas populares. A participação da escola torna-se visível ao propiciar aos bons alunos informações sobre a opção do IFSP como escola de ensino médio de qualidade e, principalmente, ao incentivar esta opção de escolha escolar para esses estudantes. Assim, consideramos que a presença de estudantes de camadas populares em uma escola de ensino médio técnico federal é menos uma escolha por parte deles do que resultado de um processo em que são, muitas vezes, escolhidos.

Palavras-chave: Escolhas. Escola. Camadas populares.

ABSTRACT

TETZLAFF, I. M. B. Choices or chosen? Students from the grassroots at a federal technical high school. 2017. 125 f. Dissertation (Master in Education) - Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

The study aims to understand how the process of choice by a federal technical high school by students of popular classes. To do so, we start with studies that address the issue of school choice and school longevity in popular settings. We conducted in-depth interviews with ten undergraduate students aged 16 to 19 from the Federal Institute of Education, Science and Technology (IFSP), from Ribeirão Preto-SP. The analysis of the interviews highlights some common aspects, such as the characteristic of “good students”, the valorization of Education and the federal secondary school, as well as the strong desire for a better quality school and for the continuity of education to the detriment of a Training for work. The data indicate a process socially constructed mainly in the school environment through the practical activity of these students that made possible the awareness and formulation of meanings. There is strong participation of the school, especially of the teachers in the process of choosing the federal technical high school in the popular classes. The participation of the school becomes visible in providing the good students with information about the option of the IFSP as a high school of quality, but mainly of encouraging that this school could be part of the school choice of these students. Thus, we find that the presence of grass-roots students in a federal technical high school is less a choice on their part than a result of a process in which they are often chosen.

Keywords: Choices. School. Popular layers.

RESUMEN

TETZLAFF, I. M. B. **¿Elegidas o elegidas? Estudiantes de las capas populares en una escuela secundaria técnica federal.** 2017. 125 f. (Maestría en Educación) - Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

El estudio tiene como objetivo comprender cómo se da el proceso de elección por una escuela de enseñanza media técnica federal por los estudiantes de capas populares. Para ello, partimos de estudios que abordan la temática de la elección del establecimiento de enseñanza y de la longevidad escolar en medios populares. Se realizaron entrevistas en profundidad con diez estudiantes pertenecientes a las capas populares, con edades entre 16 y 19 años, de series variadas, del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología (IFSP), de la región de Ribeirão Preto-SP. El análisis de las entrevistas destaca algunos aspectos comunes, como la característica de “buenos alumnos”, la valorización de la Educación y la escuela de enseñanza media técnica federal, así como el fuerte deseo por una escuela de mejor calidad y por la continuidad educativa en detrimento de una educación Formación para el trabajo. Los datos indican un proceso socialmente construido sobre todo en el ámbito escolar a través de la actividad práctica de esos estudiantes que posibilitó la toma de conciencia y formulación de sentidos. Hay una fuerte participación de la escuela, principalmente de los profesores en el proceso de elección por la escuela de enseñanza media técnica federal en las capas populares. La participación de la escuela se hace visible al propiciar a los buenos alumnos, informaciones sobre la opción del IFSP como escuela de enseñanza media de calidad, pero principalmente de incentivo para que esta escuela pudiera formar parte de la opción de elección escolar de esos estudiantes. Así, consideramos que la presencia de estudiantes de capas populares en una escuela secundaria técnica federal es menos una elección por parte de ellos que resultado de un proceso en el que a menudo son escogidos.

Palabras clave: Elecciones. Escuela. Las capas populares.

LISTA DE SIGLAS

Anped	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
Etec	Escola Técnica Estadual
FFCLRP/USP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
MEC	Ministério da Educação
PAE	Programa de Assistência Estudantil
Proeja	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
ProUni	Programa Universidade para Todos
Ufac	Universidade Federal do Acre
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Objetivo	24
1.2 Metodologia	24
2 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – IFSP	29
3 OS ESTUDANTES, A ESCOLA E O IFSP	35
3.1 Conhecendo os estudantes e suas trajetórias escolares	35
3.2 Estudantes de camadas populares no IFSP: os “bons alunos”	46
3.3 A escola pela ótica dos estudantes	55
4 ESTUDANTES DAS CAMADAS POPULARES NO IFSP: ESCOLHAS OU ESCOLHIDOS?	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE "A"- Roteiro de entrevista semiestruturada.....	89
APÊNDICE "B" - Entrevista do estudante Luiz.....	91
APÊNDICE "C" - Entrevista do estudante Gilberto.....	102
APÊNDICE "D" - Entrevista da estudante Olívia.....	115

APRESENTAÇÃO

Sou professora¹ há vinte e dois anos, distribuídos em oito anos de escola particular, cinco anos de coordenação pedagógica e nove anos de escola pública. Atuei durante treze anos na área da alfabetização com grande satisfação, inicialmente como assistente de professora, depois professora e concluindo o ciclo de escola particular como coordenadora pedagógica. Há nove anos, após concurso público, sou professora de educação infantil, o que também me traz enorme prazer, e atualmente atuo como diretora de um Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto. As questões voltadas à educação sempre me inquietaram. Desde muito jovem orientei minha formação para a área educacional: inicialmente, passei por um vestibulinho e ingressei no ensino médio público no curso de Magistério do Colégio Estadual “Otoniel Mota”, na graduação cursei Pedagogia no Centro Universitário Barão de Mauá, na pós-graduação especializei-me em Práticas de letramento e alfabetização (Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ) e também em Práticas educacionais inclusivas na área de deficiência intelectual (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp). Hoje, sou mestranda do programa de educação (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP/USP).

Inicialmente, minhas reflexões orientavam-se para a indisciplina escolar, as dificuldades de alfabetização, o aprendizado, a docência e a própria educação como forma de mobilidade social dos sujeitos. Como mãe e tia, observo em meus familiares, estratégias para aprimorar o conhecimento dos filhos ou mesmo para monitorar o tempo de brincar, de estudar e de ler. Já como professora, tenho observado uma mudança nas preocupações dos pais de alunos. Antigamente, detinham-se em observar comportamentos e notas; hoje, percebo que muitos pais buscam orientações com a escola (mais especificamente, com os professores dos filhos) sobre como melhorar o desempenho educacional das crianças já nas séries iniciais, preocupados em incentivar e promover uma boa educação dos filhos, visando ao bom percurso para alcançar a universidade.

Essas situações me estimularam na busca por informações. Sobretudo ao ingressar no mestrado, fui apresentada a estudos que tratam de estudantes provenientes de camadas populares e escolas públicas que conquistaram vagas em universidades de alto padrão. São

¹ Na “Apresentação”, o texto apresenta-se na primeira pessoa do singular, por se tratar do relato de minha experiência pessoal. Ao longo do texto, foi utilizada a primeira pessoa do plural, pois revela um trabalho coletivo.

histórias instigantes, contadas em trajetórias de dedicação e superação que tocam emocionalmente as pessoas, principalmente quem vive de educação. Tais estudos me levaram a observar que, além da motivação advinda das famílias ou mesmo de um professor em estimular esses estudantes na continuidade dos estudos, há a disposição e o empenho (seja da família ou do próprio aluno) na busca por uma escola de qualidade, mesmo que para isso sejam necessários grandes esforços, por exemplo, de locomoção.

Sendo assim, inicio meu percurso de estudante pesquisadora buscando elucidar neste trabalho a questão da escolha da escola de ensino médio nas camadas populares. Estes estudos possibilitaram ampliar meus conhecimentos conceituais, auxiliando minha vida profissional e, sobretudo, pessoal. Tornaram-me melhor como pessoa e trouxeram afago à crença de que a educação ainda é, se não o único, o melhor caminho.

1 INTRODUÇÃO

O tema da escolha do estabelecimento de ensino vem sendo abordado desde a década de 1990. Maria Alice Nogueira (1998) explora a relação entre família e escola e o problema dos pais em definir o “melhor” estabelecimento de ensino para os filhos. Para a autora, as famílias dos diferentes meios sociais são desigualmente equipadas para exercer a “boa escolha”, e os critérios utilizados no ato da escolha variam de acordo com o meio social: “[...] as modalidades e critérios de escolha do estabelecimento dependem de uma série de fatores, [...] todos eles correlacionados com o nível sociocultural da família” (NOGUEIRA, 1998, p. 53). Nogueira ainda mostra que, em países onde a escolaridade é colocada como bem privado, a escolha da escola constitui o novo e maior fator de manutenção e fortalecimento das desigualdades de oportunidades educacionais. As famílias se veem ante a obrigação de definir um projeto educativo, de confrontar, discutir e selecionar os estabelecimentos desejados.

O conceito de “projeto educativo” pode ser mais bem compreendido por meio dos estudos de Gilberto Velho (2003, p. 40), que, ao analisar o percurso educacional de uma imigrante portuguesa na Inglaterra, utiliza o conceito de projeto apoiado em Alfred Schütz: uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Observamos que projetar envolve definir ações individuais ou coletivas de acordo com um “campo de possibilidades” – percepção de diferentes perspectivas, espaços, tempo, situações – que, organizadas e analisadas, favorecem articular as ações com os meios disponíveis e os fins almejados. Um processo complexo, segundo o autor, que envolve relações entre a subjetividade das importâncias individuais e as estruturas de cultura e sociabilidade (VELHO, 2003, p. 40).

Apesar da complexidade de elaboração de um projeto educativo, que envolve desejos e recursos disponíveis, também em meios populares é possível identificar o desejo crescente dos pais de participarem da vida escolar dos filhos e efetuarem escolhas pertinentes a eles. Observa-se que não há passividade, os pais estão cada vez mais ativos nessa busca (NOGUEIRA; RESENDE; VIANA, 2015): “[...] também entre os setores menos favorecidos da população ocorrem processos ativos e diferenciados de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias” (RESENDE; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2011, p. 967), embora essas escolhas sejam realizadas por cada grupo social

[...] dentro do universo de possibilidades que lhe é próprio, utilizando-se de critérios e servindo-se de recursos culturais e econômicos distintos, tendendo a fazer escolhas que refletem e reproduzem essas mesmas desigualdades (RESENDE; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2011, p. 958).

Em artigo embasado nos resultados de uma pesquisa desenvolvida com 299 famílias de camadas populares e frações inferiores das camadas médias de Belo Horizonte com filhos estudantes em diferentes tipos de escolas do ensino fundamental, os autores Tânia de Freitas Resende, Cláudio Marques Nogueira e Maria Alice Nogueira (2011), visando a contribuir para os estudos sociológicos sobre a escolha do estabelecimento de ensino, confirmam a associação existente entre o perfil das famílias e o tipo de escola escolhida, validando a ideia de quase mercado educativo, em que se relacionam ofertas educacionais e demandas diferenciadas, mesmo na tentativa de homogeneidade.

Esses autores investigaram o perfil das famílias a partir das escolhas efetuadas, analisando importantes aspectos. Em relação aos aspectos socioeconômicos, apesar da possível homogeneidade de seleção, revelam-se nuances de desigualdades, em que os pais com filhos em escolas particulares e federais apresentam vantagens. Quanto aos aspectos culturais, as famílias das escolas federais destacam-se, principalmente pela existência de livros na moradia, pelas conversas sobre literatura e pelas visitas a exposições e museus. Pensando nos projetos futuros, os pais de estudantes das escolas federais apresentam maior grau de ambição escolar para os filhos, mais elevado que os pais de estudantes das escolas particulares e públicas municipais ou estaduais. Pelo aspecto de acompanhamento educacional, novamente os pais de estudantes das escolas federais ganham destaque, incluindo estratégias de acompanhamento, supervisão de tarefas e auxílio nas atividades; nas escolas menos privilegiadas, tais características também estão presentes nos pais, ainda que não em tal amplitude.

Quanto aos critérios de escolha, eles são mais funcionais para os pais dos estudantes das escolas comuns (escolas públicas estaduais ou municipais), que observam infraestrutura, localização, disciplina e formação moral. Os pais dos estudantes das escolas de maior prestígio (escolas públicas destacadas como de melhor qualidade) apresentam critérios que valorizam a qualidade do ensino, as recomendações e as informações de terceiros. Os pais dos estudantes das escolas federais apresentam forte valorização dos critérios acadêmicos, como a qualidade e o método de ensino. Já os pais dos estudantes das escolas particulares têm entre seus critérios o valor da mensalidade, a localização, os métodos de ensino, a qualidade e a formação religiosa. Ainda que sejam estudos centrados no ensino fundamental, trazem importantes contribuições ao nosso trabalho, uma vez que observamos que as escolas federais se destacam em diversos aspectos analisados na mobilização familiar para a escolha da escola dos filhos (RESENDE; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2011).

Essa mobilização familiar pela escolha do estabelecimento de ensino nos remete novamente aos estudos de Velho (2003, p. 41), levando-nos à compreensão de um “projeto coletivo e familiar”, do qual participam aqueles que compartilham de um mesmo objetivo, ainda que não o vivam igualmente, podendo haver particularidades de ação e de interpretação. Em relação a essas particularidades, podemos pensar em todos os envolvidos familiares que participam da escolha do estabelecimento de ensino, mas elas nos remetem também a pensar no lado da oferta escolar.

Márcio Costa e Mariane Koslinski (2012) informam que as famílias levam em conta diversos critérios para a escolha, variando os recursos de que dispõem em função dos grupos sociais a que pertencem. Critérios como padrões acadêmicos, currículos, boas práticas de ensino, localização e *rankings* oficiais, são levados em consideração (COSTA; KOSLINSKI, 2012). Os autores afirmam que, embora o sistema educacional brasileiro seja baseado em uma estrutura curricular nacional, as escolas não possuem um padrão em serviços e qualidade ofertada, apresentando diferenças significativas de prestígio entre escolas da rede pública, além de possuírem práticas informais próprias, que intensificam a hierarquização e a competição pelas instituições de ensino (COSTA; KOSLINSKI, 2006).

A escolha pelo estabelecimento de ensino público revela que existe uma hierarquia de escolhas e de oferta nesse segmento, que também corrobora a manutenção de desigualdades de oportunidades através de mecanismos de seleção de alunado. Essa constatação fica mais evidente no trabalho de Costa e Koslinski (2011), em que foi verificado que existe grande competição das famílias por escolas públicas. Mesmo que estas não se aproximem das características das escolas privadas ou federais, existe um sinalizador de prestígio informal caracterizado pela corrente de informações:

Observamos forte concorrência entre a população que utiliza as escolas públicas. O prestígio da escola, que se transmite boca a boca, fenômeno que se verifica entre os alunos, funcionários, professores, direção e responsáveis, que se parece consubstanciar nas regras e relações predominantes, no convívio observável, em suma, naquilo que se convencionou denominar “clima escolar”, é o sinalizador informal que orienta as disputas (COSTA; KOSLINSKI, 2011, p. 263).

Marcio Costa (2010) buscou conhecer os mecanismos pelos quais as reputações das escolas se constroem e se mantêm. Para tanto, pesquisou escolas municipais de ensino fundamental da cidade do Rio de Janeiro com reputações contrapostas, explorando as hierarquias dentro de uma mesma rede “aparentemente homogênea” de ensino. Costa afirma que o próprio sistema escolar colabora nas constituições das hierarquias, com mecanismos de seleção de alunado e matrículas “formalmente inexistentes” na configuração geográfica (ou

seja, por região de moradia) e nas constituições internas de alocação de turmas e turnos de escolarização, instituindo escolas de maior e menor prestígio contidas no mesmo campo geográfico. Ademais, os laços sociais, as diferenças culturais entre os públicos das escolas e o campo geográfico onde a escola está inserida são aspectos que exercem papel relevante para o tipo de agrupamento ali instaurado.

O prestígio das instituições escolares transmite-se por meio das relações sociais, entre uma corrente de informações que circula no chamado “boca a boca”. As famílias não estão inertes ante o fenômeno e buscam melhores oportunidades educacionais para os filhos, gerando forte competição por escolas, mesmo por aquelas não caracterizadas como de elite ou de excelência, conforme estudos de Costa e Koslinski (2011). Ao abordarem e buscarem compreender o fenômeno da disputa por escolas públicas que apresentam reputação de boa qualidade, os autores destacam que essa disputa se expressa mediante alguns dispositivos competitivos de ação tanto familiar, em busca de melhores oportunidades educacionais, quanto de burocracia educacional, que utiliza mecanismos não explícitos de ocultação de vagas, rejeição de alunado ou ainda de convencimento pedagógico para que pais e alunos procurem uma escola de melhor adequação ao perfil pedagógico do aluno, visando a manter uma reputação que consta como recurso diferenciador nas estratégias de atração.

Sendo assim, os autores utilizam o conceito de “quase mercado educacional” para auxiliar na compreensão do fenômeno estudado: há uma demanda por escolher as escolas e uma oferta para capturar estudantes pela qualidade de serviços prestados. Contudo, essa é uma estratégia oculta, pois não existem mecanismos formais: a oferta utiliza mecanismos de matrículas que infringem regras, vagas são encobertas e ficam disponíveis para indicações políticas, para outras instâncias da burocracia educacional ou mesmo para candidatos de capital social mais elevado. O “quase mercado oculto” vem cristalizando vantagens e desvantagens e colaborando para a produção dos efeitos de desigualdade de oportunidades (COSTA; KOSLINSKI, 2011).

Entre um mercado de oportunidades educacionais contrapostas, observamos sua formação por meio de uma sociedade de relações. Sérgio Buarque de Holanda (1995) auxilia na compreensão dessas relações ao apresentar a incapacidade secular do brasileiro de separação entre a vida pública e a privada. O autor aponta que somos formados ao peso das “relações de simpatia”, um “homem cordial” que gera aproximação pessoal (apenas aparente) para atingir objetivos (HOLANDA, 1995, p. 17); daí a dificuldade de incorporação das relações impessoais como as características do Estado e suas regras. O autor explicita:

Para o funcionário “patrimonial”, a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos, como sucede no verdadeiro estado burocrático, em que prevalecem a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos (HOLANDA, 1995, p. 145).

Compreendemos, assim, que características histórico-culturais e sociais corroboram com as atitudes de informalismos em nosso país.

Roberto DaMatta (1997) também traz importantes considerações a essa perspectiva ao buscar conhecer as especificidades do povo brasileiro, interpretando-o pelo eixo de seus modelos de ações. O autor, ao comparar por meio dos estudos das dramatizações uma sociedade complexa como a do Brasil, aponta que somos um país formado historicamente por um sistema dualista que funciona através das relações sociais e permite saltar regras e decretos, cabendo o ditado “Aos inimigos a lei; aos amigos tudo!”; ou seja, “aos bem relacionados tudo; aos indivíduos (os que não têm relações), a lei” (DAMATTA, 1997, p. 24). Decorre disso uma mudança de posição do sujeito:

[...] a passagem do indivíduo passivo e sujeito às duras leis da oferta e da procura (todas elas pendendo para o lado do patrão que as aplica e controla...) a pessoa ativa que faz suas próprias leis e as aplica aos grandes e poderosos (DAMATTA, 1997, p. 321).

Esses estudos evidenciam que somos formados por uma sociedade relacional. Associando-os ao tema da escolha da escola, compreendemos que, tanto para o lado da oferta escolar como para o da procura, as ações são pautadas em relações pessoais que buscam, de modo informal, selecionar alunado e também garantir o ingresso em instituições. Atitudes estas que fortalecem as desigualdades e a segregação escolar, edificando escolas de diferentes qualidades, revelando-nos a importância da escolha da escola e a força dos condicionantes sociais para alcançar as escolas públicas mais prestigiadas.

Com o enfoque em escolas públicas de melhor qualidade e na questão da escolha da escola de ensino médio, encontramos os trabalhos realizados por Nayara Dias Pajeú Nascimento (2011) e Mariana Simões Ferreira Cintra (2013), os quais detêm a atenção no ensino médio técnico, sendo a primeira pesquisa voltada para sua oferta, e a segunda, para a ação familiar.

Nascimento (2011) verificou o conhecimento dos estudantes sobre a oferta do ensino médio público em Paraíso do Tocantins. A autora fez um panorama do ensino médio no Brasil a fim de compreender sua constituição nos últimos quinze anos e o mundo em que os jovens contemporâneos estão inseridos. Ao entrevistar 12 estudantes das duas instituições que concentram maior número de matrículas no ensino médio daquela localidade, sendo uma de

ensino médio e outra de ensino médio integrado, a autora constatou que nem todos os jovens reconhecem a oferta e os cursos de ensino médio integrado – a maioria das escolhas é feita sem o conhecimento de todas as possibilidades de oferta do ensino médio do município – e que os pais são os que mais influenciam na escolha do curso e da instituição de ensino médio dos filhos. Constatou-se, também, que as expectativas futuras dos estudantes entrevistados são de continuidade dos estudos. Muito embora eles estejam cursando o ensino profissionalizante, esses estudantes não tem a pretensão de continuar na profissão de formação exercendo a profissão para a qual foram formados, e sim, de seguir para uma formação superior.

Outra abordagem relevante para esse nível de ensino encontra-se no trabalho de Cintra (2013), que investigou a forma como as relações familiares influenciam no ingresso de adolescentes no ensino médio técnico integrado. A autora realizou entrevistas com dez adolescentes entre 17 e 18 anos matriculados no último ano do curso de automação industrial no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). A partir da análise das entrevistas, a autora relata que os pais exercem importante influência nas escolhas dos filhos, constatando a importância da família no processo de preferência pelo ensino médio técnico.

Nessa pesquisa, pelos relatos dos estudantes, é possível verificar diferentes contextos que influem na escolha pelo ensino médio técnico. No caso de Vanda, por exemplo, “Sua escolha pelo Instituto Federal ocorreu devido às informações que seus professores de ensino fundamental transmitiram e a uma visita que sua escola fez ao instituto” (CINTRA, 2013, p. 48). Já para Sara, “Sua escolha pelo ensino técnico foi feita por influência de professoras da escola de ensino fundamental que deram a ela informações sobre o instituto” (CINTRA, 2013, p. 46). Para Jonas, “A escolha pelo instituto foi sua. Conhecia um aluno dessa escola e soube do processo seletivo através da escola em que cursou o ensino fundamental” (CINTRA, 2013, p. 44). Assim, de acordo com a oferta escolar e a demanda pela escolha da escola de ensino médio técnico, observamos que outros aspectos, como a indicação de um professor ou amigo escolar, mostram-se presentes no processo de escolha pelos estudantes, nos chamando atenção para outros aspectos que também podem estar presentes neste processo de escolha pela escola pela escola de ensino médio.

O interesse pelo tema da escolha da escola deu-se a partir de estudos que abordam a questão da longevidade escolar em meios populares. São estudos que tratam das trajetórias escolares e das experiências de estudantes de camadas populares em universidades públicas.

A noção de “trajetória escolar”, segundo Cláudio Marques Martins Nogueira e Maria de Fátima Ansaloni Fortes (2004), está associada aos percursos diferenciados que os indivíduos ou grupos de indivíduos realizam no interior do sistema de ensino. Segundo os autores, o termo trajetória está conexo com o sentido de caminho, percurso ou trajeto, em que um determinado objeto se move, entre um ponto e outro, não deixando de lado aspectos funcionais como direção, distância e velocidade. Ao se tratar de trajetória escolar, observamos que o sistema escolar encontra-se hierarquizado em termos do conhecimento que compete a cada nível e do retorno social e econômico que tende a propiciar aos seus concluintes. Trajetórias escolares de sucesso são caracterizadas por sujeitos que alcançam os ramos superiores e mais prestigiados do sistema de ensino no menor prazo possível, já as de insucesso são marcadas por sujeitos que percorrem o caminho inverso a esse mencionado. Assim, a avaliação está vinculada à tomada de decisão (direção), à distância percorrida e ao tempo gasto para a realização, sempre baseada em termos relativos à posição social do estudante, o que torna sua análise complexa, como indicam, a título de ilustração, os seguintes estudos: Viana (2014), Portes (2014), Lacerda (2014), Souza (2014), Almeida (2014) e Piotto (2014).

Os estudos que tratam da trajetória de sucesso de estudantes das camadas populares em universidades públicas apresentam condições para pensar as questões que permitiram seu ingresso nessas instituições. Wilson Mesquita de Almeida (2015), por exemplo, em artigo que discute dados de pesquisa efetuada com bolsistas do Programa Universidade para Todos (ProUni) na cidade de São Paulo, dialogando com reflexões presentes em outro trabalho (ALMEIDA, 2014), destaca as desigualdades nas condições culturais e no acesso a cursos e universidades mais prestigiados. Apesar disso, Almeida aponta uma democratização do ensino superior nas últimas décadas – em que democratizar significa difundir instrução –, com um crescimento da taxa de escolarização em todas as camadas sociais. Partindo dos anos 2000, mudanças nas políticas públicas de acesso ao ensino superior, voltadas para os segmentos sociais mais desfavorecidos, ampliaram as chances de as camadas populares ingressarem em uma universidade. O uso do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como método seletivo para o ensino superior ampliou as chances de ingresso em universidades, impulsionando as expectativas de futuro de uma população socialmente excluída.

Almeida (2014) também destaca a trajetória escolar dos alunos como um fator de acesso e permanência de estudantes pobres nas universidades públicas. Há ênfase para a importância da mobilização familiar, escolar ou pessoal nessas instituições e a motivação advinda das famílias ou mesmo de um professor em estimular os estudantes na continuidade da

escolarização. Nesse sentido, pesquisas quantitativas como a de Nogueira et al. (2009) informam que algumas práticas escolares maximizam as aprendizagens. Os autores verificaram que o peso do capital cultural, tanto no aspecto incorporado (conhecimento) como objetivado (posse de diferentes bens culturais), e a participação dos pais estabelecem maior proficiência na vida escolar dos alunos.

O sucesso escolar “inesperado” nas camadas populares, entendido como o acesso ao ensino superior público por parte daqueles que estatisticamente teriam poucas chances de fazê-lo, vem sendo abordado por vários trabalhos, que buscam elucidar suas razões. Dentre esses, a escolha da escola parece ser um fator relevante, ligado à permanência dos estudantes na vida escolar e a seu acesso à universidade.

Os estudos de Wânia Maria Guimarães Lacerda (2014) e Maria do Socorro Neri Medeiros de Souza (2014), ao tratarem das condições que permitiram aos estudantes pobres ingressarem em universidades públicas, relatam a disposição e o empenho (seja da família ou do próprio estudante) na busca por uma escola de ensino médio de qualidade, mesmo que demande grandes esforços.

Lacerda (2014) analisa o que tornou possível o ingresso de estudantes provenientes de famílias detentoras de fraco capital cultural e escolar em uma instituição de altíssima seletividade como o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) através de entrevistas com seis ex-alunos desse instituto. A autora informa que o investimento educacional não é um fenômeno individual ou que se realiza distante das relações sociais; ele é induzido e estimulado especialmente pelas famílias e pelas escolas: “[...] trajetórias escolares pouco prováveis investigadas são produtos de duas gerações (pais e filhos), das relações entre as gerações e destas com o universo escolar” (LACERDA, 2014, p. 80). Como exemplo, Lacerda (2014, p. 73) destaca a trajetória de Francisco, que, “apesar da residência em área rural, indica a utilização, pelo pai, de estratégias de escolha do estabelecimento escolar, tendo em vista oportunizar aos filhos ensino de melhor qualidade”.

Já Maria do Socorro Neri Medeiros de Souza (2014) analisa as trajetórias de sete estudantes, filhos e netos de migrantes dos seringais, que ingressaram nos cursos mais seletos da Universidade Federal do Acre (Ufac). Ao discutir questões como a presença da família na escolarização dos filhos, a mobilização do próprio estudante, os sentidos atribuídos à escolarização e a relação entre migração, culturas dos seringais e trajetória escolar, a autora mostra que o sujeito configura sua formação e sua trajetória de sucesso escolar através de redes de relações, mesmo em meio às adversidades. A autora ainda relata que:

[...] as práticas socializadoras familiares nem sempre constituem contexto de desenvolvimento do indivíduo, e como tal, nem sempre favorecem os percursos atípicos de escolarização [...] as características identitárias exigiram a adição de outros parâmetros, a saber a relação com o saber e a escola (SOUZA, 2014, p. 128).

Ainda nessa pesquisa há um destaque para a importância da escola na construção das trajetórias escolares de sucesso. Souza assinala que, na maioria das trajetórias escolares investigadas, evidenciou-se uma forte influência da escola e dos professores, especialmente nas constituições singulares, o que podemos observar no trecho em que a autora analisa a trajetória de Isaac: “A participação da escola, na longevidade escolar desse estudante, torna-se mais visível a partir do ensino médio, propiciando-lhe informações sobre o vestibular e o ensino superior” (SOUZA, 2014, p. 119). Para além do incentivo direto da escola, fica evidente nos relatos de Souza a importância da escolha escolar para o sucesso dos estudantes, que chegam a mudar de cidade para garantir o acesso a uma educação de qualidade: “[Francisco] Quando concluiu a 8ª série decidiu, por conta própria, mudar para uma escola no centro da cidade, por ser considerada de boa qualidade” (SOUZA, 2014, p. 120);

Quando concluiu o ensino fundamental, João foi orientado, por uma dessas professoras, a cursar o ensino médio em Rio Branco, a fim de ter uma melhor preparação para o vestibular, o que foi feito, embora tenha representado um grande sacrifício [...] de deslocamento diário [...] (SOUZA, 2014, p. 110).

Nessas pesquisas, é digno de nota o papel da escolha da escola nas histórias analisadas. A indicação de um determinado estabelecimento de ensino médio, por parte de um professor, por exemplo, tem grande repercussão na trajetória de diversos estudantes, objetos das pesquisas de Lacerda (2014) e Souza (2014). Ao investigarmos os estudantes de ensino médio, acreditamos que novas possibilidades se abrirão, já que se trata de uma faixa etária capaz de expor e exercer suas vontades, podendo assumir escolhas racionais, com procedimentos adequados aos meios de que dispõem e aos fins que buscam alcançar.

Como forma de pensarmos e compreendermos a possibilidade de os estudantes exporem suas vontades e assumirem escolhas, recorreremos aos estudos de Alexis Leontiev (2004). O autor busca precisar o que constitui a característica psicológica da criança nas diversas etapas de seu desenvolvimento, apresentando os períodos de desenvolvimento intelectual humano. Para Leontiev, cada período do desenvolvimento é caracterizado pela atividade principal ou atividade dominante pela qual a criança se relaciona com o mundo e condiciona mudanças psíquicas, psicológicas e de personalidade. A idade pré-escolar, por exemplo, está diretamente relacionada à atividade dos jogos, depois à atividade de estudo. Já o adolescente, para além da atividade de estudo, tem a passagem do infantil para essa etapa de desenvolvimento fortemente

“ligada à sua inserção nas formas de vida social que lhes são acessíveis (participação de manifestações sociais...)” (LEONTIEV, 2004, p. 309). A passagem para essa última idade escolar é marcada, segundo o autor, pelo “desenvolvimento do psiquismo” e de atitudes críticas perante as exigências e maneiras de agir dos adultos e também pelo surgimento de novos interesses teóricos. Seu lugar na família, em determinados momentos, é colocado “em pé de igualdade com os adultos”, podendo “ser o principal comentador, em sua casa, dos acontecimentos da vida pública” (LEONTIEV, 2004, p. 309).

Assim, a partir da ideia da escolha da escola de ensino médio e da força dos condicionantes individuais que atuam nessa escolha, evidenciados nas pesquisas sobre longevidade escolar nas camadas populares, e no surgimento de novos interesses nessa fase da adolescência, como tratado nos estudos de Leontiev (2004), fizemos um primeiro levantamento² procurando investigar de quais escolas públicas provêm os estudantes ingressantes nos três cursos mais e menos concorridos da Universidade de São Paulo (USP) nos *campi* de São Paulo e Ribeirão Preto, no ano de 2008. Os resultados mostram que a proporção de egressos de escola pública é baixa para os cursos em geral e é ainda menor para os cursos concorridos. No entanto, notamos diferença entre a proporção de egressos de escola pública nos cursos concorridos de São Paulo e de Ribeirão Preto. Investigando de quais escolas públicas provêm os estudantes dos cursos mais concorridos de São Paulo, constatamos que mais da metade deles é oriunda de escolas técnicas federais ou estaduais.

Em nossa investigação (TETZLAFF; PIOTTO, 2016), a partir de dados sobre a escola de origem de estudantes da USP egressos da rede pública de ensino, pudemos apontar para a centralidade que o tipo de estabelecimento escolar possui em relação ao ingresso em uma universidade pública, notadamente em cursos mais seletivos. Tais resultados indicam a importância de se discutir e de se considerar a temática da escolha da escola na pesquisa sobre longevidade escolar em meios populares.

A partir dessa constatação, consideramos importante refletir sobre questões como: quais os critérios de escolha da escola de ensino médio público por parte dos estudantes? Quais as redes de sociabilidade e de formação desses estudantes? Existe uma estratégia de escolha ou indicação por uma determinada escola?

² Trabalho apresentado na 12ª Reunião Científica Regional Sudeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) (TETZLAFF; PIOTTO, 2016).

A presente pesquisa foi proposta com a intenção de contribuir para a elucidação de tais perguntas e contribuir com os estudos de um período de escolarização marcado por transformações, passagens e transição para a vida adulta.

1.1 Objetivo

Partindo das questões apresentadas, a presente pesquisa de mestrado teve como objetivo investigar como se dá o processo de escolha por uma escola de ensino médio técnico federal na região de Ribeirão Preto (SP) por parte das camadas populares.

Mais especificamente, procuramos identificar quais as estratégias ou os critérios para a escolha de uma escola pelos estudantes oriundos das camadas populares.

1.2 Metodologia

Para investigar o processo de escolha por uma escola de ensino médio técnico federal, fundamos a presente pesquisa na metodologia qualitativa. Acreditamos, assim como Heloísa Helena T. de Souza Martins (2004), que esta metodologia privilegia a análise de microprocessos das ações sociais individuais ou grupais por meio do estudo intensivo dos dados coletados. Tomamos como terreno de investigação uma escola de ensino médio técnico federal, mais especificamente, alunos estudantes dessa escola. Conforme exposto na “Introdução”, dentre as instituições educacionais públicas, a escola federal é a que mais se destaca nos aspectos analisados por Resende, Nogueira e Nogueira (2011) e a que obteve o melhor índice de aprovação no exame vestibular nas análises de Tetzlaff e Piotto (2016).

A partir desses dados, decidimos intensificar nossos estudos em torno do processo de escolha das camadas populares pela escola de ensino médio técnico federal, elegendo como *locus* de nossa pesquisa uma escola federal de ensino técnico do interior paulista, o IFSP. Propusemo-nos a selecionar os sujeitos através de uma “rede de contatos sociais”, apoiados em Costa e Koslinski (2011, p. 263), que nos informam da importância das relações sociais ao consolidar escolhas, e principalmente em Rosália Duarte (2002), que contempla a interação dos sujeitos como forma de constituir um conjunto de interlocutores representativo para o tema investigado. Assim, através de nossa rede de relacionamento, buscamos encontrar pessoas que conheçam ou poderiam nos indicar estudantes do IFSP. Inicialmente, não conseguimos indicações, já que as pessoas desconheciam a escola, que estava localizada em outro município. Entretanto, logo uma professora de educação infantil nos forneceu o contato de um sobrinho

que reside na cidade e estudou no instituto. Ao contatarmos o ex-aluno e explicarmos nossa busca, ele nos indicou e forneceu o telefone de 57 estudantes da escola que fazem parte de sua rede de relações. Também contatamos graduandos da área de humanas da USP e identificamos uma aluna proveniente do IFSP que nos forneceu o contato de *e-mail* de 4 alunos da escola federal, perfazendo um total de 61 estudantes.

No primeiro contato com os estudantes, expusemos brevemente a pesquisa, e houve uma aceitação imediata de participação de 35 estudantes. Destes, buscamos, como critério na seleção dos estudantes, a proveniência de famílias de camadas populares. Assim, foram colhidas e registradas em diário de campo informações como idade e ano escolar do estudante, como também a profissão/ocupação e a escolaridade dos pais, a fim de identificar o pertencimento às camadas populares.

Ao buscarmos compreender o termo camadas populares, observamos que a complexidade de uma sociedade dificulta o significado simbólico na percepção das diferenças e da constituição de universos sociais (DAUSTER, 1992). Daí a dificuldade de definição do conceito de camadas populares, que não se conjuga a um conceito de classe – como “classe média” ou “classe baixa”, ligados somente ao fator de renda –, mas que envolve um sistema de estratificação social, em que o estilo de vida pode sobrepor-se e ser variável quanto aos rendimentos, por exemplo. Ou seja, a mediação de elementos simbólicos distancia as famílias de uma homogeneidade de classe e as aproxima por uma situação de escassez, seja ela objetiva ou simbólica, financeira ou cultural, mas com formas diferenciadas de viver tal situação (ROMANELLI, 2003). Considerando as diferenças existentes no interior de um estrato social (as camadas populares), buscamos estudantes pertencentes a essas camadas que apresentassem características próximas, como pais com ocupação predominantemente manual e com escolarização máxima de ensino médio.

A partir da listagem dos dados fornecidos pelos estudantes em nosso primeiro contato, selecionamos os sujeitos de acordo com o perfil que procurávamos, e houve um novo contato para agendar as entrevistas. Logo vieram as primeiras recusas: muitos estudantes alegaram falta de tempo por ser uma semana de fechamento de semestre. No entanto, ao garantirmos a livre escolha por data, horário e local para a realização das entrevistas, consolidaram-se algumas respostas para participação.

O planejamento inicial era de realizar cinco entrevistas com estudantes e possíveis influências. Contudo, devido ao grande número de sujeitos que apresentavam as características desejadas para a realização do trabalho e que tinham interesse em participar da entrevista

(observado em nosso primeiro contato), foram agendadas dez entrevistas com estudantes de séries variadas do IFSP.

Em consonância com o que afirma Pierre Bourdieu (1999, p. 704, grifo do autor), acreditamos que:

[...] a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular é uma espécie de *amor intelectual* [...] a forma suprema do conhecimento.

O sociólogo francês não é metodólogo, mas traz importantes considerações nessa área. Podemos pensar no pesquisador como aquele que se coloca no lugar do outro, permitindo uma relação mais próxima, uma relação de troca, e que cria um ambiente positivo e facilitador da obtenção de informações. Assim, é possível alcançar o conhecimento através da análise do conteúdo expresso no texto verbal do entrevistado, conhecendo suas relações e escolhas.

As entrevistas foram realizadas mediante um roteiro semiestruturado (“Apêndice A”), combinando questões estruturadas em torno dos objetivos da pesquisa e da literatura dedicada à desigualdade de oportunidades e de escolhas escolares, cujo levantamento prévio está descrito na “Introdução”. O roteiro das entrevistas foi organizado para obter informações que contemplassem os objetivos principais da pesquisa, buscando apreender como se deu a trajetória educacional dos estudantes, o processo de escolha da escola, os critérios e as relações estabelecidas pelos entrevistados ao projetar a escolha pelo estabelecimento de ensino. Esse procedimento permite que o entrevistado discorra sobre o tema proposto carregado de significados pessoais, de suas atitudes e comportamentos, o que colabora na investigação dos aspectos valorativos dos informantes e dos interesses do investigador (DUARTE, 2002).

Ao iniciar cada entrevista, a pesquisadora fez um breve comentário, identificando-se e apresentando a relevância e os objetivos da pesquisa, a fim de diluir qualquer dúvida e levar ao conhecimento do entrevistado a relevância do trabalho.

As entrevistas versaram sobre as histórias dos estudantes, o percurso educacional desde o início da escolarização dos sujeitos, suas relações pessoais, a rede de relações na qual o sujeito está inserido e a interferência dessa rede no processo de escolha de uma escola, além de expor expectativas futuras de educação ou trabalho. Tais entrevistas foram registradas em áudio, e transcritas na íntegra a fim de facilitar as condutas de análise das informações obtidas, permitindo transcrições que fazem parte do *corpus* deste trabalho de pesquisa. Nas transcrições, foram alterados os nomes dos estudantes, escolas e pessoas de suas relações, para garantir

privacidade e anonimato. Os Apêndices B, C e D trazem as entrevistas na íntegra dos estudantes Luiz, Gilberto e Olívia, como exemplo do trabalho realizado.

Os relatos gravados e transcritos puderam ser lidos e revistos exaustivamente, alcançando uma espécie de “impregnação” que subsidiou interpretações diversificadas, analisadas em consonância com a teoria abordada, integrando o corpo da dissertação. Baseadas em Micheltail (1987), buscamos uma análise que respeita cada entrevista em sua singularidade e totalidade, para, assim, atingirmos e compreendermos o conjunto. Nesse sentido, realizamos, inicialmente, uma “análise vertical”, em que cada entrevista foi analisada em sua singularidade, procurando conservar cada detalhe e particularidade dos dados fornecidos pelos entrevistados. Posteriormente, realizamos uma “análise horizontal” com o agrupamento de temas recorrentes em todas as entrevistas. (MICHELTAIL, 1987, p. 206). Assim, na análise vertical, destacamos elementos como, por exemplo, o ponto de vista de cada estudante entrevistado, a criticidade, percepções valorativas a respeito da educação, bem como suas ideias sobre educação e futuro. Num momento seguinte, na análise horizontal, encontramos pontos de aproximação entre os relatos dos entrevistados, dando destaque a essas informações e procedemos nossas análises a partir desses dados.

Para a construção do trabalho, seguimos os preceitos de Laurence Bardin (2011) sobre a forma de proceder à análise de conteúdo. Passamos à “exploração do material”, orientada pelas hipóteses e referencial teórico, buscando identificar se os entrevistados utilizaram critérios de escolha como proximidade regional à moradia, critérios acadêmicos, entre outros, verificando principalmente, a rede de sociabilidade do entrevistado como possível estratégia de influência ou indicação sobre a escolha da escola. A atenção que guiou constantemente este trabalho foi o respeito aos estudantes e aos seus relatos.

Assim, essa dissertação apresenta, no próximo capítulo, a instituição escolar frequentada pelos nossos entrevistados: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP. Apresentamos informações das características funcionais da Instituição, como origem, breve histórico, estrutura física, características dos docentes, discentes e cursos. Apresentamos alguns trabalhos que tratam da boa qualidade dos Institutos Federais de Educação, e outros, que contestam essa qualidade através dos relatos de estudantes evadidos da instituição. No capítulo 3 (“Os estudantes, a escola e o IFSP”), tratamos do contexto dos estudantes entrevistados para o presente trabalho, conhecemos suas características, trajetória estudantil e pretensões futuras. Depois, passamos a analisar a característica que mais se destacou entre os estudantes entrevistados, que é a característica de que todos os estudantes podem ser considerados bons

alunos, pois apresentam elementos de boas notas, premiações em campeonatos escolares, docilidade, cumprimento às regras, e gostam de estudar. Por fim, no capítulo 3, ganha destaque outra característica unânime entre os entrevistados, que é o valor e o apreço pela educação e pelo Instituto Tecnológico Federal – IFSP. Alguns estudantes fazem críticas referentes à escola e à educação antes experimentada no ensino fundamental, e todos os estudantes trazem relatos de valor atribuídos à educação, mas principalmente à Instituição Federal, acerca de sua infraestrutura, laboratórios, professores, didática, avaliação, oportunidades de remuneração ao estudo com projetos de iniciação científica entre outros, e formação voltada para a continuidade educacional em detrimento de uma formação voltada para o trabalho. O capítulo 4, intitulado “Estudantes das camadas populares no IFSP: Escolhas ou Escolhidos?”, apresenta a questão central que o trabalho de pesquisa nos levou, em que discutimos como se deu o processo de escolha pela escola de ensino médio técnico federal por parte das camadas populares e apontamos o peso das relações sociais na constituição dessa escolha. No último capítulo, a partir das fontes de entrevista e do conhecimento teórico abordado ao longo do trabalho, tecemos considerações finais acerca do processo de escolha investigado. Apontamos o contexto de construção das escolhas, sobretudo por meio das relações sociais dos estudantes.

A observação atenta do fenômeno da escolha da escola de ensino médio técnico federal nas camadas populares aponta para um momento de se pensar a educação e as práticas escolares de formação. Mas, antes, vamos conhecer a escola de ensino médio na qual os estudantes entrevistados estão realizando sua formação.

2 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – IFSP

O IFSP é uma instituição pública federal multicampi cuja proposta orçamentária anual é identificada para cada *campus* e reitoria, equiparando-se às universidades federais. É especialista na oferta de educação nas modalidades de ensino básico, profissional e superior e reconhecida pelo alto nível de qualidade e excelência em cursos técnicos e de graduação. É uma instituição vinculada ao Ministério da Educação (MEC) e compõe a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Sua criação deu-se originalmente por meio do Decreto-lei nº 7.566, de 1909, que determinou a criação de uma “Escola de Aprendizizes Artífices” em cada uma das capitais dos estados da República, para que fosse ministrado ensino profissional primário. (BRASIL, 1909) Assim, em 1910, a Escola de Aprendizizes e Artífices de São Paulo deu início às suas atividades apresentando um projeto voltado para a formação de operários e contramestres. No transcorrer do tempo, mudanças ocorreram, e, em 1965, a instituição sofreu alteração para Escola Técnica Federal de São Paulo (ETF/SP), ganhando autonomia pedagógica e administrativa. Nesse período, houve a inauguração de novas unidades, como também o reconhecimento público da ETF/SP pelo excelente preparo profissional de seus alunos. Em 1998, a transformação em Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo (CEFET/SP), devido à Lei Federal nº 8.948/1994 (BRASIL, 1994), que estabeleceu a transformação gradativa mediante decreto específico para cada instituição e em função de critérios estabelecidos pelo MEC, levou em conta instalações físicas, laboratórios e equipamentos adequados, condições técnico-pedagógicas e administrativas e recursos humanos e financeiros necessários ao funcionamento de cada centro, conforme *website* do IFSP. (MEC, 2016a).

Em 2008, ocorreu nova alteração. O Projeto de Lei nº 3.775/2008 (BRASIL, 2008a), transformado na Lei nº 11.892/2008 (BRASIL, 2008b), criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no país e o IFSP no estado de São Paulo, objetivando ter forte inserção na área de pesquisa e extensão, estimular o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas e estender seus benefícios à comunidade, com maior autonomia de atuação nos limites de sua área territorial. Metade das vagas é destinada à oferta de cursos técnicos de nível médio, em especial cursos de currículo integrado, e, no mínimo, 20% das vagas, são para os cursos de licenciatura, sobretudo nas áreas de ciências e de matemática. Também são oferecidos cursos de formação inicial e continuada, tecnologias, engenharias e pós-graduação.

A história do IFSP registra, em suas diversas fases, além da oferta de formação profissional orientada ao desenvolvimento econômico brasileiro, a manutenção da educação pública de qualidade, especialmente no estado de São Paulo. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no ano de 2009, estudantes do IFSP atingiram no Enem a pontuação de 707,22, estabelecendo-se como a melhor escola pública do estado de São Paulo. (MEC, 2016c)

Pensando nessa qualidade, o *campus* escolhido para a efetivação deste trabalho apresenta estrutura e organização nos moldes federais. Conta com três modalidades de ensino: técnico, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) e superior. A modalidade de ensino técnico apresenta-se em três áreas de formação, distribuídas em: técnico integrado ao ensino médio, composto pelos cursos de química e automação industrial; técnico integrado em parceria com a Secretaria de Educação Estadual com o curso de eletrônica; técnico concomitante ou subsequente, com os cursos de administração e eletrônica. A modalidade Proeja é composta pelo curso técnico integrado ao ensino médio de mecânica. Os cursos da modalidade superior estão distribuídos nas áreas de: tecnológico, com os cursos de tecnologia em formação industrial e tecnologia em gestão de recursos humanos; bacharelado, com o curso de engenharia mecânica; licenciatura, com os cursos de química e formação pedagógica (MEC, 2016b).

A estrutura física é composta por salas de aula, auditório, biblioteca, cantina, depósito de materiais de laboratório e laboratórios específicos nas áreas de produção mecânica, controle de qualidade e metalografia, pneumática, comando numérico computadorizado (CNC), controladores e *hardware*, química e microbiologia, instrumentação, dispositivos, eletrônica, elétrica e física, motores e instalações elétricas e informática. Além disso, conta com instalações administrativas de coordenação de registros escolares (ou secretaria) do ensino técnico, coordenação de registros escolares (ou secretaria) do ensino superior, coordenação de apoio ao ensino, centro administrativo – gerência educacional, gerência administrativa, direção geral, coordenação de administração, coordenação de almoxarifado e patrimônio, coordenação de extensão, coordenação de tecnologia da informação e coordenação de apoio à direção, sala dos coordenadores de curso/área, sala dos professores e almoxarifado. No momento, a instituição aguarda a finalização das obras de um novo prédio que ampliará seus serviços e qualidade.

O IFSP do *campus* pesquisado apresenta um corpo discente de aproximadamente 1.100 alunos matriculados no ano de 2016 (MEC, 2016b). O estudo de Cintra (2013) informa que o

IFSP disponibiliza auxílio para os alunos provenientes de famílias de baixa renda, com a oferta de bolsas do Programa de Assistência Estudantil (PAE) na modalidade de caráter geral, atendendo a projetos elaborados pela comunidade discente ou docente, e outra de caráter específico, subdividida em: auxílio alimentação no valor aproximado de R\$150,00, auxílio moradia no valor aproximado de R\$400,00, auxílio transporte no valor aproximado de R\$220,00 e/ou didático-pedagógico, que também é ofertado com materiais didáticos que não estejam disponíveis na biblioteca. Para os estudantes de ensino técnico integrado, a bolsa concedida é de um ano, podendo ser renovada por mais um. Os interessados devem inscrever-se e participar do processo seletivo, cujos critérios de seleção incluem a análise da renda familiar e a classificação em ordem crescente da renda *per capita* (de meio salário mínimo a um salário mínimo e meio), nível de escolaridade e profissão do mantenedor, local de moradia, número de membros familiares, despesas familiares com moradia e comprovação de frequência às aulas. Os estudantes entrevistados para nossa pesquisa informaram que as bolsas de ensino, extensão e iniciação científica apresentam valores que auxiliam na manutenção de seus gastos pessoais, como também da própria casa.

Ainda conforme dados colhidos no *website* do instituto, observamos que seu corpo docente é composto por 92 professores, distribuídos a título de formação em 13 graduados, 9 especialistas, 37 mestres e 33 doutores, cujo ingresso no IFSP é exclusivamente feito mediante concurso público (MEC, 2016b).

Além de todas as características que enunciam sua qualidade, como o corpo docente formado em grande parte por pós-graduados, o instituto federal foi objeto de pesquisa em outras localidades, estudos que também aludem à qualidade do ensino ofertado nesse tipo de escola. Marcelo Lima e Itamar Mendes da Silva (2013), ao analisar os resultados obtidos pelas escolas capixabas no Enem 2012 e discutir as relações que podem ser estabelecidas entre a qualidade e o ensino médio integrado à educação profissional técnica, revelam o diferencial existente entre ensino médio comum e ensino médio integrado, enfatizando a qualidade dos institutos federais. Os autores advogam que a forma pedagógica mais adequada para o ensino médio cumprir seus objetivos educacionais é a partir de uma infraestrutura pedagógica de forte base científica e tecnológica que contemple as necessidades de inserção social no mundo do conhecimento e do trabalho, tendo em vista o conceito de densidade tecnológica. Segundo os autores:

A densidade tecnológica integra de modo mais orgânico os conteúdos específicos e gerais, teóricos e práticos, sociais e econômicos, de modo a permitir aos alunos a construção cognitiva de analogias e aplicações aos conceitos teóricos e abstratos fazendo o movimento da teoria à prática (LIMA; SILVA, 2013, p. 7).

Assim, Lima e Silva (2013) constatarem que a qualidade da educação efetivada nas redes federais – por propiciarem organização curricular com maior densidade tecnológica associada a cursos ligados aos eixos tecnológicos e possuem financiamento consolidado vinculado às áreas de indústria e agricultura, estruturas físicas (laboratórios, salas de aula, oficinas e suprimentos) e recursos humanos (vínculo, carreira e salários) – difere das redes estaduais, que, apesar de maiores ofertantes de ensino médio, não se aproximam da qualidade das instituições federais. “O histórico reconhecimento público da qualidade da rede federal pode ser constatada na grande procura por seus cursos, em seus baixos níveis de evasão, de repetência, bem como nos índices de inserção de seus egressos no mundo do trabalho” (LIMA; SILVA, 2013, p. 7).

Podemos também verificar a qualidade do instituto federal utilizando a média geral do Enem como indicador para aferir a qualidade da escola média na esfera do investimento público. Nessa perspectiva de investigação, os estudos de Lima e Silva (2013) mostram que os egressos do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) levam vantagem na luta por vagas nas universidades públicas de melhor qualidade. Já os egressos do IFSP, além da vantagem em universidades públicas de qualidade, também apresentam vantagens de ingresso nos cursos mais concorridos, revelados nos estudos de Tetzlaff e Piotto (2016). Consta-se, assim, a qualidade dos institutos federais não apenas na formação para o mercado de trabalho, mas também para a sequência de estudos no nível superior.

Ao explorarmos o tema dos Institutos Federais de Ensino Médio, muitos foram os trabalhos que atestam sua qualidade³, porém outros trabalhos apresentam o contraponto para essa boa qualidade. Nesse sentido podemos citar os trabalhos de Oliver Guimarães Armando Bastos e Carlos Francisco Simões Gomes (2014) e, Natália Gomes da Silva Figueiredo e Denise Medeiros Ribeiro Salles (2015), como também os *websites* do MEC e do IFSP/São Carlos, ao tratarem das taxas de evasão desse segmento de ensino como forma de apresentar os problemas existentes nos institutos técnico federais e pensar possíveis soluções. (MEC, 2015)

O portal do MEC informa que, no Brasil, o ensino médio é a etapa da educação básica na qual se registram os maiores índices de evasão escolar, apresentando o percentual de que menos de 30% dos jovens com idades entre 18 e 24 anos chegam ao ensino superior. (MEC, 2015)

O serviço sociopedagógico do IFSP/São Carlos apresenta um levantamento de dados quantitativos e qualitativos para diagnosticar, analisar e levantar propostas de prevenção às

³ A boa qualidade é observada pelo *website* do instituto federal, pelo Inep (ao apresentar dados de melhor pontuação no Enem entre as escolas públicas) e pelos autores Marcelo Lima e Itamar Mendes da Silva (2013) e Mariana Simões Cintra (2013).

questões relacionadas ao baixo rendimento, retenção e evasão escolar de estudantes das instâncias do IFSP. O trabalho indica que há muito por fazer nos institutos federais para melhorar a realidade de evasão escolar, retenção e defasagem educacional dos estudantes, visto que as taxas de evasão escolar em nível nacional se situam em 46,8% para o médio integrado, 37,5% para o Proeja, 25,4% para as licenciaturas, 27,5% para o bacharelado e 42,8% para os cursos tecnológicos (IFSP, 2015). As justificativas dos estudantes para o cancelamento do curso variam entre problemas particulares, de trabalho e de não identificação com o curso.

Problemas socioeconômicos e culturais também são apontados por Bastos e Gomes (2014) como algumas das principais causas de desistência do curso técnico integrado em uma instituição federal do Rio de Janeiro. Os autores analisam a desistência dos estudantes a partir de fatores como a escola, o aluno, a família e a sociedade. Dentre as causas de evasão apontadas pelos estudantes entrevistados, estão: desmotivação e desinteresse pelo curso, necessidade de trabalhar, dificuldades de conciliar trabalho e educação devido aos horários de oferta dos cursos, insatisfação com o curso, professores, política pedagógica, escola não atrativa e clima hostil entre os alunos.

Figueiredo e Salles (2015) apontam para a atuação da escola de ensino técnico federal no processo de abandono desta instituição pelos estudantes, destacando que a própria escola dificulta a permanência dos estudantes e legitima a exclusão a partir de fatores como critérios de avaliação inflexíveis, método pedagógico pouco dinâmico, professores pouco incentivadores e inflexibilidade de horários. Tais apontamentos foram possíveis por meio da análise de entrevistas semiabertas com dez estudantes evadidos de uma instituição de educação profissional pertencente à rede federal de ensino do Rio de Janeiro, o CEFET/RJ.

Os estudantes analisados pelas autoras Figueiredo e Salles (2015) são evadidos da instituição federal e trazem relatos de insatisfação com a escola frequentada. Uma das queixas é referente à forma de avaliação pouco flexível, já que os ex-alunos consideram que poderia haver outros elementos na composição da nota final além da prova, com a aplicação de mais trabalhos. O método pedagógico e o material teórico adotado pelos professores dificultavam a participação desses estudantes nas aulas, levando-os a considerar que estavam muito aquém da capacidade dos demais estudantes. Outras queixas recorrentes são em relação à incapacidade de alguns professores em incentivar e estimular a permanência dos estudantes no instituto e, principalmente, à indiferença no auxílio aos estudantes em situação de defasagem. Por fim, os horários inflexíveis impossibilitam a inserção no mercado de trabalho para os estudantes que necessitam dessa renda para se manter.

Cabe salientar que a evasão escolar aqui tratada compreende um processo de exclusão dos estudantes do ensino médio técnico federal que representa a negação das possibilidades de aquisição do saber ofertado pela instituição.

Outro processo excludente, que seleciona, é o ingresso dos estudantes no IFSP, que ocorre mediante processo seletivo com elaboração e aplicação igual para todos os *campi* da instituição, contemplando questões objetivas nas áreas de ciências, matemática, geografia, história e português, distribuídas em 50 questões objetivas. Para o primeiro semestre de 2016 no IFSP por nós pesquisado, por exemplo, foram oferecidas 40 vagas para cada curso, constando 343 inscritos para o curso de química (8,5 candidatos/vaga) e 377 inscritos para o curso de automação industrial (9,4 candidatos/vaga) (MEC, 2016b).

A teoria aqui apresentada nos auxilia nas análises do presente trabalho, pois nos informou ao longo deste capítulo, elementos que atestam tanto a qualidade dos Institutos Federais através da grande procura por seus cursos, infraestrutura diferenciada, corpo docente qualificado, currículo e didática favorável ao aprendizado e ao prolongamento dos estudos, como também elementos que contestam essa qualidade dos institutos federais através da temática da evasão escolar, apresentada por estudos realizados com estudantes evadidos dessas instituições ao trazerem relatos queixosos da instituição federal. Essa dicotomia entre os elementos de qualidade dos Institutos Federais muito nos auxilia na compreensão e nas análises deste trabalho, já que trazem referências da instituição federal como as que foram apresentadas pelos relatos dos estudantes por nós analisados, que conheceremos no próximo capítulo.

Os cursos do IFSP selecionados para a presente pesquisa foram, química e automação industrial na modalidade técnico integrado ao ensino médio, voltados aos estudantes que possuem formação no ensino fundamental. O termo integrado significa que o curso garante tanto a formação do ensino médio quanto a formação técnica profissional. Por não ser ministrado em período integral, o curso técnico integrado ao ensino médio da instituição federal apresenta duração de quatro anos. Ao término do curso, o formando recebe o diploma de nível médio e pode prosseguir seus estudos em curso de nível superior, como também exercer atividade profissional técnica na área específica de seu curso. Os estudantes entrevistados estavam regularmente matriculados nesses cursos e são apresentados a seguir.

3 OS ESTUDANTES, A ESCOLA E O IFSP

3.1 Conhecendo os estudantes e suas trajetórias escolares

Descrevemos, a seguir, algumas características dos estudantes entrevistados, apontando dados que nortearam a construção das análises realizadas neste trabalho. Destacamos os aspectos gerais dos estudantes, como idade, curso, ano de escolaridade, profissão e escolaridade dos pais, e também aspectos específicos de suas trajetórias escolares que julgamos importantes à questão investigada, como critérios de escolha, quem participou da escolha pela escola de ensino médio técnico federal e projetos futuros desses estudantes. Respeitando a fala e sua representatividade, o conteúdo verbal das entrevistas⁴ foi recuperado de maneira literal ao longo das discussões para melhor compreensão das questões abordadas e, ainda assim, levou em conta o conjunto das informações.

Todos os entrevistados realizaram o ensino fundamental em escolas públicas, municipais ou estaduais. É importante destacar que os quatro primeiros entrevistados residiam no município onde se localizava o IFSP e são provenientes de escolas municipais desta mesma cidade. Os demais entrevistados (ou seja, do quinto ao décimo estudante), no momento da entrevista, residiam em um distrito do município onde se localizava o IFSP. Essa cidade vizinha possui cerca de 13 mil habitantes, uma escola municipal ofertante do 1º ciclo do ensino fundamental e uma escola estadual que oferta o 2º ciclo do ensino fundamental e ensino médio. No decorrer das entrevistas, os seis estudantes residentes nesse distrito referiram-se a ela como uma pequena cidade da região do município de localização do instituto, e assim a consideraremos ao longo deste trabalho.

Para evitar a identificação dos sujeitos e preservar o direito ao anonimato e ao sigilo das informações fornecidas, todos os nomes utilizados são fictícios. Assim, apresentamos os estudantes na sequência em que foram realizadas as entrevistas, e um quadro para melhor visualização de nossos entrevistados:

⁴ As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro e outubro de 2016. Ao longo do texto, foi indicado entre parênteses o nome do autor de cada declaração.

Quadro 1 – Dados dos estudantes entrevistados

Aluno(a)	Idade	Curso	Ano escolar	Profissão pai	Profissão mãe	Escolaridade pai	Escolaridade mãe
Augusto	16	Química	2º	Pedreiro	Faxineira	4ª série do EF	8ª série do EF
Robson	19	Química	3º	Cortador de cana (desempregado)	Cozinheira	EF	EF
Carla	18	Automação industrial	4º	Serralheiro	Doméstica	8ª série do EF	5ª série do EF
Kelly	16	Química	2º	Bombeiro	Agente comunitária	EM	EM
Paula	18	Química	4º	Carteiro/Atendente comercial	Dona de casa	EM supletivo e ADM	4ª série do EF
Renato	16	Automação industrial	3º	Carteiro/Atendente comercial	Dona de casa	EM supletivo e ADM	4ª série do EF
Luiz	17	Automação industrial	1º	Mototaxista	Secretária (desempregada)	EM incompleto	EM incompleto
Gilberto	16	Automação industrial	2º	Técnico em eletrônica	Doméstica (desempregada)	EM	EF
Olívia	16	Química	1º	Tratorista	Diarista	4ª série do EF	1º colegial
Tiago	17	Química	1º	Motorista	Auxiliar de limpeza	EF	EF incompleto

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: EM – Ensino médio;

EF – Ensino fundamental;

ADM – Administração de empresas.

Iniciamos pela entrevista de **Augusto**: 16 anos, cursando o 2º ano do curso técnico integrado de química do IFSP, filho de um pedreiro que estudou até a 4ª série do ensino fundamental e de uma faxineira que completou o ensino fundamental. O estudante residia próximo ao IFSP, e realizamos nossa entrevista em uma praça tranquila, que ficava em seu caminho de volta para casa. O estudante era bem expressivo e nos relatou sua trajetória escolar marcada por boas relações com professores e sucessos escolares em concursos de redação. Enfatizou que sempre estudou em escolas públicas e valorizava as escolas por que passou. Pensou em algumas escolas particulares como opção de escolha para o ensino médio, através

de bolsa de estudo, mas, por incentivo da família (da mãe, da irmã, que cursava o instituto, da tia, faxineira no IFSP, e da prima, que havia se formado na instituição), prestou o IFSP e passou na nona colocação.

Augusto afirmou que o IFSP foi sua melhor opção e, apesar do choque inicial de encontrar uma escola totalmente diferente da que estava acostumado e de ver suas notas caírem um pouco, considerou a escola como um “divisor de águas” em sua vida, informando que a instituição abre portas pelas oportunidades de ensino que proporciona (a bolsa de extensão é uma delas), além da infraestrutura dos laboratórios e da relação de incentivo e apoio dos professores, fundamentais para sua formação. O estudante também relatou que não tinha a pretensão de continuidade na área de química, e que ele e muitos outros estudantes estavam na instituição por acreditarem receber uma educação de qualidade, que ajudaria a passar no vestibular. Na graduação, pretendia ingressar na área de artes cênicas ou biologia.

O segundo estudante entrevistado foi **Robson**: 19 anos, cursando o 3º ano de química, filho de um cortador de cana desempregado e de uma cozinheira que concluíram apenas a primeira parte do ensino fundamental. Robson marcou nossa entrevista na praça central da cidade, um tanto movimentada por ser fim de semana, mas encontramos um local tranquilo para a entrevista. O estudante relatou que sempre se dedicou com prazer aos estudos, ainda que apresentasse algumas dificuldades com a língua, por proceder de outro estado. Informou que, apesar de residir próximo ao IFSP, não o conhecia. Só ficou sabendo dessa oportunidade quando estava no último ano do ensino fundamental e conheceu um amigo, estudante do instituto, que lhe falou muito bem sobre ele. Foi conhecer a instituição e ficou encantado com tudo o que viu. Para ingressar, era necessário prestar o vestibulinho, o que não foi um problema, segundo o estudante, pois foi auxiliado por alguns professores do ensino fundamental, com incentivo e aulas extras em algumas matérias. Relatou que também havia a possibilidade de tentar ingressar na Escola Técnica Estadual (Etec), mas, por não poder pagar as duas inscrições (IFSP e Etec), optou pelo instituto federal, que oferecia isenção da taxa de inscrição e a possibilidade de conciliar escola e trabalho – no IFSP, as aulas eram ministradas em apenas um período e, na Etec, em período integral, impossibilitando o estudante de trabalhar no período oposto à escolarização. Robson contou que se dedicou aos estudos para poder passar no vestibulinho do IFSP e passou em décima oitava colocação, sem precisar do sistema de cotas, o que ele relata ter sido uma grande felicidade.

Robson informou-nos que, através do “Programa Jovem Cidadão, meu primeiro emprego”, começou a trabalhar em uma empresa de produtos químicos da cidade vizinha no

mesmo dia em que iniciou as aulas no instituto, e nela permaneceu durante dois anos, rendendo uma remuneração que lhe permitia colaborar com sua mãe. Ao terminar seu contrato de trabalho de dois anos, o estudante foi convidado a se efetivar, mas nos relatou que teria que deixar o IFSP, pelo fato de o emprego ser em período integral. Contudo, mesmo necessitando, ele não aceitou o emprego e continuou os estudos, fazendo apenas seu estágio curricular nessa empresa de produtos químicos. Robson ingressou em um projeto de extensão do instituto, no período noturno, que lhe proporcionou remuneração, e também conseguiu o auxílio estudantil oferecido pela escola aos alunos com baixa renda familiar. O estudante relatou que acreditava ser difícil conciliar trabalho e escola. Mas, apesar de suas notas terem caído um pouco no início, “apenas em algumas matérias técnicas”, passou a prestar mais atenção nas aulas, o que o auxiliou a compreender melhor os conteúdos e não demandar tempo extra de estudo.

Robson valorizava muito a instituição, pela infraestrutura, pelo nível dos professores (com mestrado, doutorado) e pelos programas de auxílio estudantil, bolsas de ensino e de extensão. Informou que ficava mais tempo na instituição, pelos projetos dos quais fazia parte, do que na própria casa. Em relação a seus projetos futuros, relatou interesse por psicologia, mas informou que, devido à necessidade de trabalhar, pretendia fazer pedagogia ou letras e utilizar sua formação em química para garantir um emprego que o sustentasse para manter a continuidade escolar.

Outra entrevistada foi **Carla**, que tinha 18 anos e cursava automação industrial. O pai era serralheiro e concluiu a 8ª série do ensino fundamental, e a mãe era doméstica e cursou até a 5ª série do ensino fundamental. Realizamos nossa entrevista em uma praça bem tranquila da cidade. Era uma estudante envolvida com movimentos de melhoria da educação e questões raciais. Contou que sempre foi excelente aluna, só tirava notas altas e sempre teve muita afeição e carinho pelos professores. Relatou que ficou sabendo do instituto pelos estudantes do IFSP que fizeram divulgação do vestibulinho na sua escola de ensino fundamental, e seus professores a incentivaram muito a concorrer. Ela passou em primeira chamada, mas estava resistente em fazer a matrícula, pois havia outras opções, todas estaduais, e ela queria ir para uma escola estadual mais central, para onde os amigos iriam, já que a escola próxima a sua residência era bem inferior às outras em nível de qualidade. Entretanto, sua mãe e seu professor de geografia insistiram muito para que ela estudasse no IFSP, informando sobre sua qualidade e futuro.

Para Carla, assim como para Augusto, o ingresso na instituição foi um “divisor de águas”, pois sempre foi excelente aluna, com notas muito altas, e deparou-se com suas primeiras notas vermelhas no IFSP, além de enfrentar questões de discriminação racial por parte de alguns

estudantes devido a sua opção de utilizar o cabelo estilo *black power*. Considerou a mudança um divisor em todos os sentidos, tanto educacional, de melhor qualidade de ensino comparado à escola anterior, quanto de visão de mundo, de conceitos e extinção de preconceitos. Atribuiu isso ao fato de a instituição oferecer aulas de filosofia e sociologia, que, segundo a estudante, “abre a mente para o mundo”. Atestou a qualidade de ensino do instituto pelo grande número de estudantes que passam no vestibular, e atribuiu essa qualidade à formação dos professores (que, em grande parte, possuíam pós-graduação), à forma diferenciada de dar aulas e à oportunidade de “ganhar dinheiro estudando” (pelas bolsas de ensino e de extensão, da qual ela fazia parte). Ainda confirmou que a maioria das pessoas entrava no IFSP pela possibilidade de passar no vestibular, e não pelo curso técnico. Ela mesma tinha a pretensão de fazer gastronomia ou fisioterapia ao término do ensino médio integrado.

A quarta estudante entrevistada, **Kelly**, tinha 16 anos e cursava o 2º ano de química no IFSP. Seus pais eram servidores públicos, pai bombeiro e mãe agente comunitária, e ambos concluíram o ensino médio. Realizamos a entrevista em um banco na frente da casa de sua avó, em uma rua tranquila, num bairro bem distante do instituto federal, onde também residia Kelly. A estudante relatou que, no início da escolarização, sentiu muitas dificuldades para ser alfabetizada, necessitando de aulas de reforço para auxiliá-la nesse processo. Depois de aprender a ler e escrever, Kelly informou que sempre foi boa aluna, com “notas muito boas”, mas só percebeu sua “capacidade” quando passou no vestibulinho do IFSP e outras amigas não passaram.

Quando cursava o 9º ano do ensino fundamental, em uma escola próxima à sua residência, seu professor de geografia falou do instituto para ela e outros colegas, afirmando que eles tinham capacidade para passar no vestibulinho. Em uma reunião de pais e mestres, esse professor conversou com a mãe da estudante, solicitando sua inscrição no vestibulinho do instituto. Segundo Kelly, sua mãe a incentivou, mas deixou que a própria filha escolhesse. Depois do estímulo do professor, que deu exemplos de alunos que cursaram o instituto, a estudante resolveu inscrever-se e foi aprovada. Kelly acreditava que o IFSP seria uma escola estilo “particular” com relação à predominância da classe social de seus alunos, mas, depois de ingressar, viu que as pessoas (tanto alunos como professores e funcionários) eram diferentes de suas expectativas e que acolhiam o novo aluno. Sentiu que suas notas caíram um pouco no início, mas logo se recuperou, e já estava mais acostumada com o ritmo da escola. Mesmo uma disciplina muito difícil tornava-se mais fácil com o atendimento extra oferecido pela professora e pela instituição. Relatou que a escola investia em educação, estrutura e, principalmente, nos

alunos: “o governo investe mais nas instituições federais do que nas estaduais”, e destacou algumas diferenças entre essas duas instituições, sem deixar de valorizar os professores que teve no ensino fundamental. Disse que ficou muito feliz em passar no vestibulinho do IFSP, pois “sabia que era uma oportunidade de progresso, de chegar mais perto de alcançar o sonho de uma universidade”.

A estudante **Paula** tinha 18 anos e cursava o 4º ano de química no IFSP. Sua mãe era dona de casa e havia cursado até a 5ª série do ensino fundamental, seu pai exercia a função de carteiro e, no momento da entrevista, passou a exercer a função de atendente comercial dos Correios, tendo concluído recentemente o curso de administração de empresas, após concluir o ensino médio em curso supletivo. Realizamos a entrevista em sua residência. Sua mãe também relatou alguns fatos da trajetória escolar da filha, confirmando que a estudante sempre gostou muito de ler e estudar e que era “destaque da sala, ganhava medalha”. A estudante relatou que iniciou seus estudos na cidade em que morava no momento da entrevista e que frequentou uma escola municipal que considerava de boa qualidade. Mudou-se de cidade com a família e frequentou durante alguns anos o ensino fundamental na escola pública daquela cidade, considerando também ser de boa qualidade. Informou que, ao retornar à cidade onde residia no momento da entrevista, retomou os estudos, já no ciclo II do ensino fundamental, em uma escola estadual da pequena cidade, julgando ser “bem falho mesmo o ensino aqui”.

Paula informou que uma professora de geografia, que morava perto do instituto e gostava muito da “boa aluna”, comentou sobre o IFSP e incentivou-a a fazer a prova. A entrevistada afirmou que não havia divulgação na escola de ensino fundamental onde estudava e nem na página de uma rede social⁵. Foi sua professora quem trouxe um folheto com o *site* do IFSP. Paula, então, fez a inscrição na última hora, pois aquele era o último dia para efetivar as inscrições. A estudante disse que foi uma prova tranquila e que “passou de primeira” no vestibulinho, pois sempre gostou muito de estudar, apresentando boas notas desde o início de sua escolarização.

Para Paula, ficar sabendo do IFSP foi “uma mão na roda”, pois estava sem opções de escolha: não tinha condições financeiras para cursar escolas particulares, e as opções públicas da cidade próxima necessitavam de comprovação de residência próxima à escola para efetivação de matrícula. Portanto, seu destino seria a escola estadual da pequena cidade onde residia, que julgava ser de qualidade inferior e muito violenta. Paula criticou essa escola devido à falta de professores e aos alunos descompromissados com a educação, mas observou que

⁵ Atualmente, o IFSP mantém uma página nas redes sociais, com divulgação de informações sobre a escola.

alguns professores realizavam um bom trabalho, como a professora de português, que “incentivava muito os alunos”. Informou que o início no IFSP foi um pouco difícil, com novas disciplinas e conteúdos que nunca havia visto, mas que os professores ajudaram muito, oferecendo apoio extra. A estudante relatou que apenas ela e um colega da pequena cidade estudavam no instituto, mas, a cada ano, o número de ingressantes ampliava-se. Desde que ingressou, ela trazia cartazes do IFSP e os colocava na escola estadual onde estudou, para divulgação dos cursos e provas. Paulo valorizava a instituição federal devido aos professores serem especializados (possuírem mestrado, doutorado), aos investimentos, ao auxílio estudantil e à estrutura de laboratórios e aulas extras. A estudante pretendia continuar sua escolarização e fazer o curso de direito, utilizando o curso técnico para trabalhar e conseguir manter-se nos estudos.

Renato, o sexto estudante entrevistado, era irmão de Paula. Tinha 16 anos e cursava o 3º ano de automação industrial no instituto federal. O entrevistado relatou-nos que iniciou seus estudos em outra cidade da região, em uma escola muito boa na questão de qualidade, mas que, ao retornar à cidade próxima ao IFSP, ingressou na única escola que oferecia o ciclo II do fundamental e o ensino médio. O estudante disse que sentiu o impacto da mudança, por ser a escola de “péssima qualidade e muito violenta”. Sua irmã ficou sabendo do IFSP por uma professora e passou no processo seletivo. Então, seu pai lhe disse que no próximo ano, ao terminar o fundamental II, o estudante também teria de passar no vestibulinho da instituição. Renato contou que estudou as provas anteriores disponíveis no *website* do IFSP e passou. Contou-nos que sua professora de geografia do ensino fundamental ficou muito feliz com sua escolha e vontade de ingressar no IFSP, e incentivou outros alunos a também fazer a prova, mas apenas Renato passou no vestibulinho do instituto naquele ano.

Quando chegou ao instituto, Renato deparou-se com uma realidade diferente, partindo da estrutura, da liberdade e do estranhamento por não conhecer nenhum estudante de sua sala, pois, segundo o estudante, muitos já se conheciam por procederem das mesmas escolas da cidade do IFSP. Para Renato, havia uma diferenciação entre as duas escolas onde estudara, relatando que a qualidade do IFSP se devia também ao fato de a instituição ser uma faculdade, apresentando estrutura, professores e aulas diferenciadas. Contou que sempre foi um ótimo aluno na escola estadual, com notas excelentes, mas que, no instituto federal, apresentou notas medianas e teve de se esforçar muito para aprender as disciplinas. O estudante não via o esforço e dedicação aos estudos como um “sacrifício”, mas sim como algo “natural”. Acreditava ter feito uma ótima escolha, atestando a qualidade do IFSP pela nota que o instituto teve no Enem:

ficou em segundo lugar na cidade, atrás apenas de uma escola particular e na frente de todas as outras escolas particulares da cidade. Renato gostaria de continuar os estudos em uma universidade pública, mas não havia decidido o curso, e informou-nos que não tinha a pretensão de atuar na área de sua formação técnica, concluindo que a maioria das pessoas ingressa no instituto pela qualidade do ensino médio, e não pela formação técnica.

Luiz, 17 anos, cursava o 1º ano de automação industrial no IFSP. Era filho de um mototaxista e de uma secretária desempregada, ambos com ensino médio incompleto. Realizamos nossa entrevista em frente ao IFSP. O estudante residia em uma cidadezinha bem próxima à cidade do instituto e informou que sempre estudou em escolas públicas próximas à sua casa. Relatou que gostava de estudar e, na escola municipal onde concluiu a primeira parte do ensino fundamental, “sempre foi tudo bem”. Já a segunda parte do fundamental foi realizada em outra escola da cidade, escola estadual que “também tem professores bons”, mas os alunos não tinham interesse em estudar e acabavam por atrapalhar aqueles que se dedicavam aos estudos. Ainda assim, os professores sempre ajudaram os estudantes que queriam aprender. No 9º ano, a professora de português, que residia perto do IFSP, informou Luiz e outros amigos sobre o processo seletivo do instituto e incentivou-os a fazer a prova. O entrevistado disse que havia um cartaz do IFSP em sua escola, mas que só viu a divulgação depois da indicação da professora.

Luiz não foi aprovado na primeira vez que prestou o vestibulinho e foi fazer o 1º ano do ensino médio na mesma escola estadual onde concluiu a segunda parte do ensino fundamental. O estudante fez críticas à escola na fase de ensino médio, pela falta de professores em determinadas matérias e pela maior parte dos professores ministrar aulas de baixo conteúdo informativo e avaliativo. A professora de português continuou estimulando-o a prestar o vestibulinho do IFSP, e ele passou na segunda tentativa. Contou que não se importou com o fato de voltar um ano de escolarização, pois no instituto ele teve matérias e conhecimentos que não teria na outra instituição escolar. Afirmou que seu foco maior era apenas ter um aprendizado melhor e acreditava que o instituto lhe propiciaria essa qualidade de educação, além de lhe “abrir portas para um futuro melhor”. Os pais apoiaram a vontade do filho e incentivaram sua mudança, mesmo retrocedendo um ano de escolarização. Luiz tinha interesse em fazer faculdade no próprio instituto federal, mas ainda não havia definido a área e talvez pudesse atuar na área de sua formação técnica.

Vamos conhecer agora o oitavo estudante entrevistado, **Gilberto**, 16 anos, que cursava o 2º ano de automação industrial. Seu pai era técnico em eletrônica e havia cursado até o ensino

médio; sua mãe era doméstica e havia concluído o ensino fundamental. Realizamos nossa entrevista também em frente ao IFSP, seguindo a escolha do estudante. Gilberto passou por muitas mudanças de escola devido às alterações de endereço da família. Frequentou o ensino fundamental I em uma escola da cidade do IFSP e teve uma professora de português que, segundo suas informações, era muito exigente e “técnica” e estimulava os alunos a estudar. Devido ao incentivo, o estudante disse que se “tornou muito mais forte e focado nos estudos”, o que marcou desde cedo sua “carreira de estudante”. Ao completar o ciclo I do ensino fundamental, houve nova mudança, para uma cidade próxima à cidade do IFSP, onde residia até o momento da entrevista. Coursou o ensino fundamental II na única escola da cidade a ofertar o ciclo II do ensino fundamental e o ensino médio, uma escola estadual que, segundo o estudante, não oferecia muitos incentivos a alunos que se destacavam. Ainda assim, ele sempre participou dos concursos propostos e se destacou nas melhores colocações.

No 9º ano, Gilberto começou a refletir sobre o ensino médio, e sua professora de geografia falou sobre o IFSP de “uma maneira muito grandiosa”, informando ser uma escola que “eleva muito os alunos”, “apresenta muitos recursos” e ainda promove formação técnica. O estudante destacou uma fala da professora, “os bons, a gente tem que salvar, tirar daqui”, e disse que valorizava esses professores: “quando encontra esses professores, você tem que ouvir”. Como era início de ano, o estudante entrou no *site* do IFSP, mas não encontrou informações sobre inscrições e sentiu-se um pouco “perdido” e ansioso. Foi então que uma vizinha cujos filhos estudavam no instituto federal conversou com sua mãe e lhe informou sobre as inscrições, a prova e a instituição. Assim, o estudante ficou mais tranquilo, por ver que teria tempo para se preparar, e decidiu prestar também o vestibulinho da Etec. Gilberto não queria continuar onde estava (estadual da pequena cidade), pois pensava em fazer uma faculdade, mas via que “não conseguiria com o ensino que era oferecido ali”.

O estudante passou em primeira chamada, inclusive na Etec, mas seu foco principal era o IFSP, no curso de automação industrial. Para Gilberto, foi primordial a fala de sua professora, pois, se não fosse ela, talvez ele nunca tivesse conhecimento da escola. Afirmou ser muito feliz lá, mesmo com um ensino mais exigente em comparação ao que tinha antes; mas informou que os professores auxiliavam os estudantes, tinham horários de atendimento para tirar dúvidas, davam liberdade e ensinamentos que ele não teria na outra escola. Fez uma crítica aos professores da escola estadual em comparação à instituição federal, apresentando diferenças, como a atenção dedicada aos estudantes. O entrevistado tinha a pretensão de continuar os estudos e pensou em vários cursos, mas havia se decidido pelo de medicina. Ao finalizar a

entrevista, o estudante retomou o assunto sobre suas premiações no ensino fundamental, destacando que também obteve algumas no IFSP, constatando que, ao ingressar no instituto, as notas caem um pouco, pois passam a ter conhecimentos nunca vistos antes, mas que o próprio instituto dá oportunidades de o aluno evoluir e conquistar novas premiações, como aconteceu com ele, que conquistou com sua poesia o concurso literário promovido pela instituição.

Olívia tinha 16 anos e encontrava-se no 1º ano do curso de química. Filha de um tratorista que cursou até a 4ª série do ensino fundamental e de uma diarista que estudou até o 1º ano do ensino médio. A estudante recebeu-nos em sua residência, para efetivação da entrevista, e começou informando que gostava muito da escola municipal onde fez o ciclo I do ensino fundamental, mas que foi muito prejudicada no ciclo II, na escola estadual onde o cursou. Relatou que nesta escola havia alunos “baderneiros” que não queriam estudar e professores que não queriam dar aulas, o que lhe fazia muito mal, interferindo até mesmo em sua saúde. A estudante informou que chegava em casa com dores de cabeça, passando mal, pois ela gostava de estudar, nunca foi bagunceira, apresentava notas muito boas e ficava nervosa com as situações que vivenciava naquele local.

No 9º ano, a professora de geografia falou sobre o IFSP para Olívia, incentivando-a a prestar o processo seletivo, dizendo que ela era uma “menina estudiosa e que tinha futuro”. Mas a estudante, desestimulada por alguns amigos que não passaram no processo de seleção do instituto, decidiu não prestar a prova e fez o 1º ano do ensino médio na mesma escola onde cursou o fundamental II. Porém, a bagunça piorou. Um professor falou muito bem do IFSP, e a professora de português ofereceu auxílio com aulas extras fora do horário normal de aula, assim como outros dois professores; esse professor ainda disse que Olívia faria a prova nem que precisasse “arrastá-la” até o instituto federal. A estudante informou que era muito grata aos professores e a uma amiga, pois, se não fosse pela insistência deles, ainda estaria na escola estadual. A estudante disse ser grata também ao professor do ensino fundamental com quem discutiu por querer aprender, por querer aula, dizendo que “até ele, de certa forma, me ajudou a querer ir para uma escola melhor”. A família incentivou e apoiou seu ingresso no IFSP, mesmo retrocedendo um ano de escolarização. Olívia não se arrependeu de sua escolha, considerando-a uma boa escolha, pois teve a possibilidade de aprender coisas que não estariam disponíveis na escola anterior. E, além de uma educação de qualidade, o IFSP proporcionou-lhe o contato com cursos de extensão e bolsas, que Olívia considerava muito interessantes, pois possibilitavam ao estudante “ganhar para aprender”. No instituto, tirou sua primeira nota vermelha, mas a estudante valorizava muito o aprendizado que recebia e permanecia na escola

de manhã até o final do dia, aproveitando os horários de atendimento para tirar dúvidas e aprender. Segundo ela, passava mais tempo na escola do que em casa e acreditava que o IFSP iria lhe “abrir novos caminhos”. Pretendia continuar os estudos e cursar educação física, para tornar-se professora, por ser uma aula que sempre apreciou na escola de ensino fundamental, mas que muitas vezes não pôde cursar por não haver professor para ministrar a disciplina.

O último estudante entrevistado, **Tiago**, tinha 16 anos e cursava o 1º ano do curso de química. Seu pai era motorista, sua mãe, auxiliar de limpeza, e ambos possuíam ensino fundamental incompleto. Realizamos a entrevista na praça da pequena cidade onde morava. Era um estudante que valorizava as professoras desde o início de sua escolarização, demonstrando muito apreço e carinho por todas. Disse que no 3º ano do ensino fundamental começou a escrever poesias, incentivado pela professora de português, e pôde ter noção de seu potencial. Sentiu um pouco de receio com a mudança para a escola do ensino fundamental II, pois ouvia comentários sobre ser muito violenta. Ainda assim, isso não o prejudicou, pois os professores o auxiliavam bastante. No 7º ano do ensino fundamental, conheceu o irmão de um amigo de escola que fazia IFSP e que lhe falou sobre a instituição e lhe apresentou fotos, o que despertou seu interesse pela escola. Tiago informou que depois disso passou a visitar muito o *site* da instituição e, no 9º ano, fez sua inscrição para o vestibulinho. Relatou-nos também que, ao comentar sobre o IFSP com seus professores do ensino fundamental, eles disseram que havia um cartaz de divulgação na escola e passaram a incentivar o estudante a prestar o vestibulinho. O estudante informou “nunca ter visto” o cartaz de divulgação na escola, mas ficou muito contente com o estímulo de sua professora de português, que o incentivou dando aulas de reforço para a prova de seleção. Tiago ainda informou que se dedicou, pois “sabia que tinha potencial para passar”.

Escolheu o curso de química por ter ido a uma exposição do IFSP e ter ficado encantado com os laboratórios e com a utilização de “jalecos”. O estudante acreditava que o instituto federal iria lhe “proporcionar um caminho brilhante pela frente”, direcionando-o para o “caminho certo”, devido à qualidade do ensino, à estrutura de laboratórios, às aulas diversificadas, biblioteca, “computadores que funcionam”, aos projetos de extensão e à iniciação científica. Não apresentava interesse em continuar na área de química. Sua pretensão era passar no vestibular e cursar biologia ou medicina. E, ao finalizar nossa entrevista, solicitou que, se este trabalho fosse apresentado à comunidade externa, houvesse uma divulgação do instituto para que outras pessoas também pudessem fazer a prova, assim como ele fez e foi aprovado.

Finalizamos a apresentação de nossos entrevistados, como também de alguns dados que julgamos importantes para o delineamento das análises da presente pesquisa, que destacamos nos próximos itens.

3.2 Estudantes de camadas populares no IFSP: os “bons alunos”

“[...] eu agradeço hoje a todos os professores que eu tenho, foram excelentes professores, por justamente isso: nunca reprovei, nunca fiquei de recuperação, sempre fui um aluno de notas altas, boas notas” (Luiz).

Ao analisarmos os relatos dos estudantes do IFSP, muitos aspectos chamaram atenção. Dentre eles, o fato de que as trajetórias escolares de todos os entrevistados podem ser consideradas bem-sucedidas. Isto é, de acordo com as características apresentadas pelos dez estudantes entrevistados, parece-nos possível afirmar que todos eles são considerados “bons alunos”.

Como exemplo, a fala da estudante Carla é bastante representativa do contexto escolar de sucesso dos estudantes entrevistados: “Sempre, desde o [nome da escola de ensino fundamental], [...] eu sempre tive notas excelentes, sempre fui uma das melhores alunas na escola”. A estudante Paula também afirmou: “Sempre, sempre fui boa aluna, sempre tirei notas boas, sempre fui destaque da sala, aluno destaque...”. Renato informou: “Aqui no [escola de ensino fundamental] eu era considerado... Considerado, na minha sala, um dos mais inteligentes. Nunca precisei estudar pra uma prova no [escola de ensino fundamental], as matérias... Pra mim, eu era inteligente mesmo”. Já Robson relatou: “Mas eu sempre gostei de estudar bastante mesmo, geralmente eu me destacava um pouco [...] sempre tirei notas boas porque eu gostava de estudar mesmo, e não era uma disciplina específica assim, eu sempre gostei de todas...”. Luiz também relatou sua trajetória escolar bem-sucedida:

Ah... assim, [...] eu não me considero que eu sou, tipo assim, que eu sou um excelente aluno, eu me considero, assim, que eu gosto de estudar e eu faço isso naturalmente, então tipo... eu gosto de estudar e tenho que estudar, então eu junto as duas coisas e sai um resultado bom [...] devido ao meu esforço, ao meu andamento, as minhas notas sempre foram altas, eu sempre tive um bom andamento na escola, relacionamento com professores e colegas dali sempre foi legal.

Além das características de boas notas e bom relacionamento com o grupo escolar, muitas vezes os estudantes demonstraram orgulho de seus feitos escolares, referindo-se à experiência de receber premiações. Carla, ao rememorar sua trajetória escolar, também relatou

bastante entusiasmada que, por ser boa aluna e retirar muitos livros na biblioteca de sua escola do ensino fundamental, foi entrevistada por uma emissora de TV da cidade que fazia uma matéria sobre leitura. Augusto informou-nos que sempre foi um aluno de boas notas, que sempre gostou de português, e relatou sua participação e premiação no Concurso de Redação da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa. Por orientação da professora de português e do concurso de redação, ele fez sua primeira viagem de avião, conheceu uma nova cidade e retornou à sua cidade com a medalha de prata e um *tablet* como premiação, o que o deixou muito feliz.

Outro estudante entrevistado que nos informou sobre suas conquistas foi Gilberto. O estudante relatou que, em sua trajetória de ensino fundamental, sempre foi bom aluno e ganhava muitas premiações por isso. Contou que passou na segunda fase da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), ganhando menção honrosa, teve sua redação selecionada no Concurso de Redação “EPTV na escola”⁶ e ainda, convidado pelo professor de geografia, representou toda a escola com seu projeto em um Concurso de Sustentabilidade em uma faculdade da cidade vizinha, recebendo um livro e uma medalha como premiação. No relato de Gilberto sobre essas participações e premiações, é possível notar a satisfação e o entusiasmo do estudante. Parece-nos admissível afirmar que as premiações, não apenas de Gilberto, mas também dos demais estudantes, anunciam a trajetória bem-sucedida desses alunos, além de demonstrarem o reconhecimento pela instituição escolar do ótimo desempenho escolar desses estudantes.

Olívia, a estudante de química do IFSP, além de falar sobre ser boa aluna, também comentou sobre sua disciplina na sala de aula:

Eu sempre fui uma ótima aluna! Quando eu estudava no fundamental, do 2º ao 5º, minha mãe diz que as professoras queriam me levar embora, porque eu não dava trabalho, eu era muito quieta.

Exceção é a trajetória de Kelly, que relatou dificuldades no período inicial do processo de alfabetização, necessitando de reforço escolar. Ainda assim, tais dificuldades foram superadas, e, a partir do 2º ano do ensino fundamental, a estudante afirmou que foi uma boa aluna:

Aí eu sempre gostei de estudar e isso funciona até hoje [...], pelo fato de eu tirar notas boas, eles [professores] gostavam bastante de mim, eu não fazia bagunça também, aí assim, é isso.

⁶ Concurso de redação ofertado a todos os alunos do último ano do ensino fundamental das cidades de cobertura geográfica da emissora de televisão EPTV, afiliada da Rede Globo no interior de São Paulo.

Observamos, ainda, que os estudantes por nós entrevistados atribuíram grande valor e apreço ao estudo, como se verifica na fala de Luiz: “[...] porque eu gosto de estudar, é algo que, tipo assim, me interessa, que vai, vai fazer meu tempo valer a pena, de eu parar ali e fazer aquilo [...]”.

Augusto informou que começou a ter “noção de que estava estudando mesmo” no início do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano, quando passou a “saber o que gostava ou não de estudar, o que achava mais complicado ou tinha facilidade, e desenvolver o que queria ser no futuro”. Gilberto, outro estudante entrevistado, também demonstrou desde muito cedo essa percepção, ao atribuir às suas escolhas o sentido de “carreira de estudante”:

Durante todos esses anos eu sempre gostei de estudar, mas eu acho que o que deu um rumo e um foco, tipo, falou “vai!”, foi ela [professora de português muito técnica e exigente]. E isso eu tava no 4º ano ainda, então isso foi muito importante pra marcar mesmo, assim, *minha carreira como estudante* (grifo nosso).

Apesar da presença das características de êxito escolar e do “bom aluno” no conjunto dos dados, alguns depoimentos revelaram sentimentos de insegurança e insatisfação com relação à escola frequentada pelos estudantes antes do ingresso no IFSP. A estudante Paula demonstrou não querer cumprir as condições de pouco estudo, desordem e violência contra professores as quais estavam submetidos os ocupantes de sua escola anterior ao IFSP. Em sua narrativa, a estudante relatou que gostava muito de estudar, mas se preocupava com as muitas faltas dos professores, pois sabia que prejudicavam seu aprendizado, e ficava chocada com os casos de violência dentro da escola, inclusive de alunos aos professores. Gilberto, o estudante que conquistou várias premiações, relatou que se sentia muito incomodado na escola de ensino fundamental de sua cidade, por “questão até, o *bullying*, sabe? De você ser o aluno que estuda e ser zoadado, ou mexerem na sua bolsa, algo do gênero...”, o que lhe trazia insatisfação de estar ali. Esse sentimento fica mais evidente no relato de Olívia, pois o descontentamento chegou a afetar seu estado físico:

Até eu meio que briguei com professor porque ele não passava lição, ele chegava, colocava o material, ficava no celular ou saía da sala [...] praticamente, na escola que eu estudava, eu não estudava. Eu fiquei muito irritada no 1º ano, até o professor de geografia, ele... uma vez ele conversou com a minha mãe e ele falou que eu estava muito nervosa [...]. Mas é porque eu queria estudar e os meus amigos não deixavam! E eu fiquei muito nervosa, isso até afetou meu psicológico, eu fiquei muito tensa, eu chegava com dor de cabeça.

Observamos que o sentimento de insatisfação desses estudantes com as situações escolares experimentadas não prejudicou sua perseverança nos estudos, e sim impulsionou uma mobilização de querer não estar ali, de buscar algo melhor, que harmonizasse com o

comportamento de bom aluno. O estudante Luiz, que já havia cumprido o 1º ano de ensino médio na mesma escola de ensino fundamental (que sofria com a falta de professores e com alunos que não queriam estudar), relatou que estava compensando ter voltado um ano de escolarização porque ele estava “vendo matérias diferentes, estou vendo coisas a mais do que eu não via, estou tendo aulas de todas as matérias e mais a técnica”. Olívia, que chegou a apresentar problemas físicos devido à insatisfação de estar “naquela escola” (única escola de ensino fundamental e médio de sua cidade), relatou: “E eu não me arrependo de ter voltado o 1º porque as coisas que eu aprendi lá [IFSP] eu acho que nem poderia aprender aqui [escola estadual de sua cidade]”. Robson relatou estar “atrasado” na escolarização por ter passado por uma transferência de estado, sendo necessário refazer um ano de sua escolarização pela diferença de grade curricular. Além disso, no IFSP, o curso é de quatro anos, o que prolongou seu processo de escolarização. Mesmo assim, o estudante relatou que sempre gostou de estudar, destacou-se com notas boas e “nunca quis fazer supletivo, nem nada pra pular matéria, que eu sabia que eu ia perder muito conteúdo”.

Como visto, alguns estudantes não se importaram em perder um ano de escolarização, pois não consideraram uma perda, mas, sim, um ganho, um conhecimento a mais do que poderiam receber se continuassem estudando na escola onde estavam antes do ingresso no IFSP.

Por razões distintas, antes do IFSP, os estudantes possuíam a sensação de não pertencimento àquele local ou tempo e também uma forte motivação para acessar uma educação de melhor qualidade que lhes proporcionasse estar em atividade de estudo, como muitos indicaram gostar: “Porque eu gosto de estudar, é algo que [...] vai fazer meu tempo valer a pena” (Luiz). Para além do desconforto e da motivação, os relatos dos estudantes apresentam um sentimento de capacidade de prosperar nos estudos, de passar por um processo seletivo na intenção de ingressar em uma escola melhor (no caso, o IFSP). A exemplo disso, Luiz relatou:

Então, ela [professora] via nosso desenvolvimento, nosso andamento... E eu acho que ela indicou [o IFSP] por saber que a gente tem capacidade de vir e conseguir fazer, de querer o bem pra nós, alunos.

Tiago disse: “Já foi por isso que eu fui atrás do instituto federal, porque eu sabia que tenho potencial”. Outros estudantes, além de afirmarem ter capacidade, exaltaram a colocação atingida no vestibulinho do instituto, como Augusto, “tentei IFSP e consegui passar no IFSP em 9º lugar”, e Robson, “eu acabei passando em 1ª chamada em 18º lugar. Lembro também que nem cheguei a entrar na cota”.

Apesar de todos esses feitos de sucesso, no conjunto das representações trazidas nos relatos dos estudantes entrevistados, chama nossa atenção o número de estudantes que relataram

queda nas notas após ingressar na escola desejada. Nas entrevistas, é unânime o relato de estranhamento dos estudantes, seja com o espaço físico da nova instituição escolar, com o corpo docente, discente, com as aulas ou, principalmente, com a defasagem nas notas. Alguns sentiram um choque de realidade ao entrar em contato com um espaço totalmente diferente daquele ao qual estavam acostumados, mas, passado o primeiro impacto, as notas foram aumentando e o sentido de bom aluno se reestabelecendo.

Robson encontrava-se no 3º ano do curso de química do IFSP no momento da entrevista e relatou que, ao ingressar no instituto, causou-lhe estranhamento o fato de encontrar nele uma estrutura diversa. E surpreendeu-se principalmente ao ver suas notas caírem. Tiago encontrava-se no 1º ano do curso de química e contou que, para ele, a diferença entre as escolas era “assustador[a]”, pois o IFSP possui sala de informática com “computadores que realmente funcionam para os alunos utilizar”, professores que “ensinam super bem”, dão a devida atenção nos horários de atendimento aos estudantes com dificuldades, e ainda completou afirmando que, no IFSP, realmente “precisa estudar” para garantir o bom desempenho, algo que não era necessário na escola anterior.

Renato, estudante do 3º ano de automação industrial do instituto, relatou que, na escola onde cursou o ensino fundamental, ele era considerado um dos alunos mais inteligentes da sala e nunca precisou estudar as matérias das provas. Ainda confirmou: “Pra mim, eu era inteligente mesmo. Tipo, eu falava: ‘ah, sou inteligente, não sei o que tem e tal, tal...’. Aí, tá. Cheguei no instituto e no meu primeiro bimestre lá no 1º ano quase morri!”. O estudante explicou que, em sua escola de ensino fundamental, “nuca tinha tirado uma nota menor que 8” e, ao ingressar no IFSP, no “Primeiro bimestre no instituto[...] eu tirei acho que uns três 6. Aí eu fiquei tipo... 6 é a média lá”. Mesmo estando inicialmente com sua nota dentro da média do IFSP, o estudante Renato demonstrou sua insatisfação com as notas medianas e contou que, aos poucos, foi se acostumando com as novas disciplinas e com a forma de estudar para as provas, o que lhe proporcionou melhores notas que a média.

Olívia, estudante que cursava o 1º ano de química, ao ingressar na instituição, sentiu dificuldades com as notas:

Até então, esse ano, quando eu entrei lá, eu senti muita diferença. [...] Eu sofri muito nos primeiros meses porque é muito corrido, é muita matéria, é muito cansativo. [...] E no instituto federal eu tirei minha primeira nota vermelha (risos).

Carla, estudante do 4º ano de automação industrial, relatou seu estranhamento ao ingressar no IFSP:

Quando eu cheguei, eu encontrei uma escola extremamente diferente, que eu olhava e falava assim: “meu Deus! Que eu tô fazendo aqui?” (risos). [...] E aí no primeiro bimestre eu levei três bombas, tirei três vermelhas. E aí eu falei assim: “Meu Deus, que que tá acontecendo comigo?”. Nunca tinha tirado vermelho na minha vida! (risos).

A estudante Carla também informou que, passado o primeiro impacto, suas notas foram aumentando e já não sentia tanta dificuldade. Robson afirmou que, no início, sentiu “muita dificuldade (risos), porque a média lá no IFSP é 6, não é 5”, algo que o deixou assustado, pois, “até então, tirar 5 não é tão difícil, é metade. Mas lá [IFSP] 60%, não é metade”, o que lhe ocasionou “algumas notas vermelhas a considerar, assim, mas também de recuperação final acabei a recuperar tudo. Foi muito bom também”. Este “muito bom” de Robson refere-se às possibilidades de recuperação que o IFSP proporciona, ao disponibilizar um horário extra de atendimento aos estudantes com dificuldades e um sistema de distribuição de notas. Tiago relatou: “[...] aqui no IFSP eu realmente estudo!”. Já Gilberto, estudante do 2º ano de automação industrial, afirmou que “a própria escola te levanta”: ele participava de alguns projetos do instituto e também ganhou uma premiação em um concurso literário interno. Ele disse: “esperava me decepcionar mais, cair muito as notas, mas a escola, no primeiro momento, ela pode até fazer isso, mas depois ela mesmo evolui o aluno, ela evolui a grande maioria. Então, nem foi tão decepcionante assim, porque teve resultado”.

Observamos nas trajetórias dos estudantes entrevistados uma unanimidade de características de “bom aluno”, um sentido atribuído pelos próprios estudantes cujas características apresentadas vão desde relatos de boas notas, sucessos em campeonatos escolares e informações de bom comportamento – como nos exemplos citados inicialmente –, até a boa vontade em aprender – como disse Luiz: “sempre quis estudar e sempre me esforcei para isso”, evidenciada pela recuperação rápida perante a queda de suas notas na nova instituição escolar. São características estudantis destacadas também por Viana (2014), que, ao buscar compreender o bom desempenho escolar de alunos oriundos de meios populares, afirma que o “bom aluno” pode apresentar boas notas, docilidade, interesse ou disciplina, ou ainda todas essas características reunidas. A autora ainda completa que a trajetória de sucesso constitui uma realidade socialmente construída a partir da relação de diversos elementos, como aprendizado/cognição, comportamento/conformismo e disposição/perseverança.

Alguns desses elementos, como cognição e comportamento, também são apontados nos estudos de Bernard Lahire (1997). O autor, ao afirmar que os “fracassos escolares” estão relacionados às disposições culturais e cognitivas que os estudantes interiorizam no contato familiar e que pouco lhes permite enfrentar “as regras do jogo escolar”, leva-nos a conhecer

que essas regras e o jogo escolar estão relacionados aos “tipos de orientação cognitiva, os tipos de práticas de linguagem, os tipos de comportamentos próprios à escola” (LAHIRE, 1997, p. 19). Relacionando essa teoria aos relatos de nossos entrevistados, podemos apontar que os estudantes das camadas populares aqui entrevistados, desde muito cedo, logo no ensino fundamental, apresentaram a percepção desse jogo e dessas regras, o que os auxiliou na construção de uma trajetória bem-sucedida.

Muitos dos entrevistados relataram que gostavam de estudar, como disse Tiago: “parar e fazer aquilo [estudar], é algo que vai fazer o tempo valer a pena”. Segundo os relatos, parece-nos possível afirmar que alguns desses estudantes reconheciam estar exercendo uma função, uma atividade, como Gilberto evidenciou ao falar na “carreira de estudante”. Alain Coulon (2008) compreende a expressão “ofício de estudante” como o tempo de adequação do estudante aos códigos escolares, aos conteúdos ministrados nas aulas e à exposição do saber, essenciais a uma carreira estudantil de sucesso. A noção de “ofício de aluno” (PERROUND⁷, 1995 apud VIANA, 2014, p. 25) está relacionada aos sentidos que os envolvidos (alunos, professores) atribuem à escola e aos saberes escolares, como componentes de bom e mau desempenho escolar. Porém, pensamos esse contexto de “trabalho” não apenas como um tempo de adequações, mas como uma instância de socialização, vivências e julgamentos, que pôde ser considerada uma atividade de sucesso para todos os casos analisados na presente pesquisa.

O conceito de atividade pode ser compreendido a partir da teoria de Leontiev (1984), ao nos informar que um dos processos da atividade humana é a ação. Sistematizada pelo autor, a atividade, compreendida como atividade social, possui duas dimensões: a orientação, vinculada às necessidades, aos motivos, objetos e tarefas, e a execução, vinculada às ações e às operações, fazendo-nos pensar que os estudantes entrevistados apresentam suas ações vinculadas ao motivo que é o estudo. Leontiev ainda afirma que cada estágio de desenvolvimento humano é caracterizado por uma atividade principal: na fase da infância, a brincadeira; na adolescência, o estudo; na fase adulta, o trabalho.

Assim, podemos pensar que os estudantes por nós entrevistados encontram como característica principal de sua atividade o estudo. Pois, de acordo com os relatos, todos os estudantes apresentam suas trajetórias vinculadas às suas ações de estudante, o que fica ainda mais evidente na trajetória de Robson, que citou em vários momentos da entrevista seu vínculo empregatício e a necessidade de mantê-lo devido às suas condições financeiras, porém, apresentando como atividade predominante o estudo – o que se pode observar pelas suas várias

⁷ PERROUND, Philippe. **O ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

atividades no IFSP, como iniciação científica e projeto bibliotecário. Nos casos de estudantes insatisfeitos com a instituição escolar anterior ao ingresso no IFSP, muitos deles apresentavam decepção por não poder exercer a atividade de estudante como gostariam. Isso nos leva a refletir sobre o sentimento de “estar fora do lugar”, de não pertencimento ao local de circulação. Todos os entrevistados que estudaram em escolas estaduais de menor qualidade demonstraram insatisfação por estar ali, um sentimento de “deslocados” que, segundo Bourdieu (1999, p. 165), sentem os que adentram um espaço e devem cumprir as condições que ele exige taticamente de seus ocupantes.

Os estudantes entrevistados, ao ingressarem no ensino médio técnico federal do IFSP, ao observarem as diferenças existentes entre as escolas frequentadas e mesmo ao verem suas notas caírem (uma característica unânime nos relatos), sentiram satisfação em cumprir as condições do instituto federal. Para os estudantes, mais importante do que a queda das notas foi a possibilidade de recuperação proporcionada pelo IFSP, com horários de atendimento aos alunos e professores atentos às suas dúvidas. Havia a satisfação dos estudantes de estarem em uma escola de melhor qualidade do que a anterior e de poderem exercer a atividade de estudar (muitos afirmaram nas entrevistas “eu gosto de estudar”). Mesmo que o IFSP demandasse maior tempo e dedicação, isso não os desmotivou, e sim auxiliou na vontade de progredir e reconquistar as notas altas e o *status* de “bom aluno” que já os acompanhavam desde o ensino fundamental.

Para analisarmos esse período de estranhamento relatado pelos estudantes – ao ingressarem no IFSP e “encontrar um mundo totalmente diferente, laboratórios que funcionam, professores que utilizam *slides*”, verem suas notas caírem e conseguirem se recuperar –, podemos apontar os estudos de Coulon (2008), que, ao investigar a passagem dos estudantes do ensino médio para o ensino superior, considera três tempos no processo de adaptação ao novo ambiente escolar: estranhamento, aprendizagem e afiliação. Segundo o autor, o “tempo de estranhamento” é caracterizado como o tempo em que o estudante entra em um universo desconhecido e as instituições rompem com a familiaridade de seu espaço anterior. Sobre a “aprendizagem”, é o tempo em que o estudante se adapta progressivamente e uma nova acomodação se produz. Logo, o “tempo de afiliação” trata-se do período de manejo às regras, observado pela capacidade de interpretá-las ou transgredi-las. Para Coulon, ser estudante é um *status* social provisório, que dura apenas alguns anos.

Nosso estudo mostrou que os estudantes de ensino fundamental, ao transitarem para o ensino médio técnico federal, considerado de qualidade, também apresentaram características

semelhantes aos estudantes da pesquisa de Coulon (2008) de ruptura com o modelo educacional anterior. Todavia, em que pesem as semelhanças, em nossa pesquisa, os estudantes que ingressaram no IFSP, apesar de sentirem dificuldades iniciais e identificarem a queda de suas notas, expressaram-se de maneira mais tranquila do que os estudantes pesquisados por Coulon (2008), os quais apresentaram rupturas simultâneas, como as mudanças com o espaço, as regras, o saber, o psicopedagógico, entre outras. Os estudantes do ensino fundamental que transitaram para o ensino médio do IFSP sentiram diferenças (conforme apontam os relatos, diferenças estruturais ou de rendimento escolar), mas, passado o momento inicial, ocorreram novas aprendizagens.

Nos relatos dos estudantes do presente trabalho, podemos observar que, apesar do estranhamento, os estudantes iniciaram a interação e a aprendizagem das regras de seu novo universo escolar e alcançaram melhorias na condição de estudante, superando as notas baixas e retomando o *status* de “bons alunos”.

Porém, não compreendemos as experiências de nossos entrevistados como um tempo de desenvolvimento de mecanismos de adaptação ao mundo escolar existente, mas, sim, como um processo de interações, vivências, mudanças e novos aprendizados, em que a ação ou a atividade desses estudantes assegura o deslocamento do desenvolvimento e dos motivos para novas ações. Nosso pensamento se baseia em Leontiev (2004, p. 317), que nos informa que quando o motivo se torna objeto, o fim da ação, como efeito nascem novas atividades, a “passagem de um estágio a outro”, assegurando os “casos de superação”. Aos poucos, os casos de superação se tornam vastos e suas capacidades maiores; então, passa-se de estágio, e novas tarefas correspondem à nova necessidade interior dos sujeitos, ocasionando rupturas, mas também, principalmente, saltos qualitativos no desenvolvimento dos sujeitos (LEONTIEV, 2004, p. 314).

Assim, compreendemos que os estudantes por nós investigados não se apresentam apenas em um processo de adaptação e afiliação, mas em um processo de superação, com novas condições, novos motivos, novas ações e operações que, por conseguinte, constituem novos sentidos nos estudantes, como a retomada do sentido de bom aluno.

Podemos ainda pensar como Bourdieu (2016b, p. 54), em seus estudos sobre as desigualdades frente à escola e à cultura, ao nos informar sobre “aquele que vence situa seu próximo alvo um pouco acima de seu último êxito”, elevando regularmente seu nível. O autor ainda contempla, que uma moral elevada, não apenas suscita alvos elevados, mas também

apresenta oportunidades de criar situações de progressos capazes de conduzir a uma moral ainda melhor.

Nos estudos de Nicolau Dela Bandera (2014), a instituição técnica federal é apresentada com características de qualidade próximas às escolas particulares em estrutura, com corpo docente estável e altamente qualificado, além de um público seletivo de estudantes. O autor informa que o público dessa instituição se encontra entre duas características de alunado, “os *nerds* e os prodígios”, que estão sempre impulsionados a novas superações de si e a novas provações da imagem de bom aluno por eles cultivada. Nesse sentido, parece-nos possível traçar um paralelo com os nossos entrevistados, que, na condição de estudante do IFSP, superaram os obstáculos iniciais e retomaram suas características de bons alunos.

A característica de bom aluno dos estudantes do IFSP leva-nos a pensar na materialidade da atividade educacional, uma vez que os estudantes discorrem muito sobre a didática de seus professores. Vigostki (2009) afirma que não é qualquer atividade ou ensino que atende ao desenvolvimento dos estudantes, mas sim aquele que se adianta e promove ações e atividades que orientam o estudante para o próximo desenvolvimento; ações significativas, que consideram o potencial e geram motivos e necessidades novas, resultando em novas aprendizagens e sentidos (VIGOTSKI, 2009, p. 333). As afirmações do autor nos levam a pensar na relação bons alunos, bons professores, como enuncia a epígrafe deste item de análise enunciado por Luiz, um de nossos entrevistados: “...foram excelentes professores, por justamente isso: nunca reprovei [...] fui um aluno de notas altas, boas notas”.

Os relatos dos estudantes apresentaram características de boas notas, bom relacionamento com o grupo escolar, disciplina, críticas referentes às escolas anteriores, dificuldades iniciais ao ingressar no instituto federal, superação, além de apreço e valorização do estudo e de alguns professores; pontos que acreditamos estar diretamente relacionados às experiências, à atividade que praticavam e aos sentidos atribuídos à escola frequentada.

3.3 A escola pela ótica dos estudantes

“[...] acho que eu tenho um caminho brilhante pela frente por causa dessa escola”
(Tiago).

A referida frase é de Tiago, um de nossos entrevistados, e evidencia o importante papel conferido à instituição de ensino técnico federal em relação ao futuro do estudante. Neste item,

discutiremos o envolvimento dos estudantes do IFSP com a escola e os sentidos atribuídos a ela. Mais especificamente, apresentaremos elementos que atestam a valorização do instituto pelos estudantes, que o apresentaram como escolha escolar para a conclusão de ensino médio. São características e avaliações que levam em consideração aspectos daquilo que os estudantes vivenciaram nas escolas anteriores, em comparação à instituição técnica federal. Avaliações que destacam elementos de estrutura, professores, didática, bolsas de extensão e iniciação científica, auxílio estudantil e preparo para o vestibular, em oposição a uma escolarização terminal para o trabalho.

Os dados obtidos na presente pesquisa evidenciam mais uma unanimidade entre os estudantes entrevistados: o grande apreço e valor atribuídos ao IFSP. Os estudantes entrevistados, ao rememorarem suas trajetórias, possuíam pensamento bem crítico com relação às escolas frequentadas anteriormente e atribuíam vários elementos de qualidade ao IFSP, acerca de sua estrutura, funcionamento e professores, destacando sua importância ao conferir possibilidades de se pensar o futuro. A exemplo disso, Luiz mencionou: “Aqui [IFSP] eu acho que vai me abrir portas para um futuro melhor, um futuro mais amplo [...]”. E Olívia afirmou: “Eu acho que vai me ajudar muito a abrir novos caminhos”. Já Carla disse: “[...] o IFSP abriu tanta porta para mim [...]”.

Pensando nesse futuro, todos os estudantes contemplavam a qualidade do instituto como um elemento de progressão nos estudos, essencial para o ingresso em uma universidade. Kelly informou que ficou muito feliz em saber que havia passado no vestibulinho do IFSP, pois, para a estudante, seria “uma oportunidade de melhorar de vida”, de chegar mais perto de alcançar seu “sonho”, que era o de passar em uma universidade pública. Augusto e Carla informaram:

Geralmente os alunos entram lá mais pela base que a escola oferece, um ensino bom, pra você tentar um vestibular, um Enem. A maioria é assim. São poucos que entram lá com a cabeça de “ai, quero ser químico” [...]. A maioria é mais pelo vestibular, Enem, porque sabe que a escola tem um ensino muito bom e cê vai ter uma ótima base pra tirar uma boa nota. [...] Eu fui por esse pensamento (Augusto).

Mas a maioria entra lá pelo vestibular. A quantidade de aluno que entra pelo técnico é muito inferior. Acho que ninguém, na verdade (risos). Minha sala tem gente que quer seguir na área, mas que... É uma minoria. A maioria quer... Entrou lá pela escola de qualidade pra ir pruma instituição federal no superior. [...] Porque no IFSP dá certo, os alunos passam no vestibular, os alunos saem de lá melhores do que entraram (Carla).

Luiz, um estudante que já havia cursado o 1º ano do ensino médio na escola estadual de sua cidade, afirmou que, estudando no IFSP, tinha maiores chances de “ter uma educação, uma universidade”, pois o instituto oferece “uma qualidade bem maior do que se eu tivesse

continuado estudando onde eu estava”. Os professores do IFSP também ganharam destaque, ao confiar e estimular a progressão nos estudos, como relatou Gilberto:

Então... entrando aqui, você começa a traçar um pouco mais um sentido mais positivo com relação a vestibular, porque eles [professores do IFSP] mostram mais, eles falam mais sobre Enem, Unicamp, Fuvest e tals, como funcionam os processos seletivos. Eles focam mais no futuro, falam em faculdade, no que você quer cursar, tipo... você tem que cursar, e mesmo que você não queria você vai ver como é bom e tals, que os estudos que levam pra frente, essa ideologia, assim, que o professor sempre tenta passar.

A valorização do IFSP pelos estudantes que entrevistamos está diretamente relacionada à experiência escolar anterior ao instituto federal. Luiz e Robson expressaram:

[...] porque a minha vida escolar do que eu vivi do meu fundamental até do 1º que eu fiz lá, aqui mudou tudo, aqui eu entrei, aqui é como se eu tivesse começado a estudar novamente, eu ver... tenho uma visão diferente de educação, de ensino, de escola. É isso, também uma visão diferente do mundo, porque aqui eles mostram muita coisa para gente que tá acontecendo, uma coisa que as outras escolas não comentavam muito... (Luiz).

Mas é outra coisa mesmo, só quem estuda no instituto federal que percebe o nível de estrutura que tem em todos os sentidos, em segurança, em limpeza, em administração, o núcleo sociopedagógico que deveria existir nas escolas estaduais e não existe... (Robson).

Cabe salientar que, para pouco mais da metade de nossos entrevistados, as experiências escolares que antecederam o IFSP estavam relacionadas a relatos de violência dentro da instituição escolar e ao desinteresse dos estudantes em aprender e dos professores em ensinar, segundo suas perspectivas. Paula relatou “brigas e bagunça” entre alunos, brigas de alunos com professores, acompanhados de atos de violência, e o descompromisso de alguns professores, que, mesmo com grande número de faltas, não repunham as aulas perdidas. Renato informou que, ao chegar à única escola da cidade que oferecia o ciclo II do ensino fundamental, ficou chocado:

Quando eu cheguei, assim, fiquei tipo, meio que de boca aberta porque era aluno desrespeitando professor, era cadeira que jogavam no professor e que ficava, tipo, como assim?

O estudante ainda informou que fez do 6º ao 9º ano nessa escola, pois não havia outra opção para frequentar, e suas condições financeiras não permitiam que ele fosse para uma escola particular. Tiago contou que, na escola anterior ao IFSP, “tinha muita violência” e que ele e alguns amigos estudavam por conta própria: “a gente era um grupinho, e como ela [professora] não explicava nada, a gente tentava resolver sozinho”. Segundo o estudante, isso o “prejudicou” em notas e em conteúdo. Olívia também se referiu a professores que, em sua opinião, eram descompromissados, destacando o caso de um professor que “não passava lição, ele [professor] chegava, colocava o material, ficava no celular ou saía da sala”.

Os estudantes ainda contaram que alguns poucos professores dessa mesma escola os marcaram de maneira positiva, como nos informou Luiz ao relatar sobre professores cujas aulas iam além “da apostila do Estado”, proporcionando um “aprendizado bem melhor”. Tiago afirmou que, apesar de tudo, conseguiu “conhecer professores que realmente se importavam com os alunos”, como a professora de português, que montou um grupo para estudar o conteúdo do edital do processo seletivo para ingresso no IFSP.

Outros estudantes que frequentaram escolas de ensino fundamental na mesma região do IFSP apresentaram relatos que marcaram suas trajetórias de maneira mais positiva, como professores que estimulavam a “participação em campeonatos”, como contou Augusto, professores que mantinham relação próxima de afetividade e cuidado com os alunos, como informou Carla, e professores que ministravam aulas de “maneira mais técnica ao retratar as matérias” e “pegava no pé” dos alunos para estudar e “realmente aprender algo”, como relatou Gilberto.

Com relação à infraestrutura em salas de aula, laboratórios e computadores, todos os relatos, tanto dos estudantes de escolas localizadas na cidade do IFSP quanto dos estudantes de outra cidade, apontaram as melhores condições do instituto federal. Tiago relatou que, em sua escola anterior ao IFSP, não havia laboratórios ou computadores para os estudantes utilizarem, e Murilo destacou que a diferença de estrutura e de laboratórios era algo que o deixava “espantado” quando ingressou na instituição.

Para os estudantes entrevistados, o ingresso no IFSP surgiu como um ponto de diferença em sua trajetória escolar: o antes e o depois do instituto. Os estudantes apresentaram-nos as diferenças entre as escolas que experimentaram, diferenças de estrutura, de projeto educacional, principalmente em relação à busca por uma educação de melhor qualidade – como observamos no relato de Luiz: “meu foco maior era só o ensino médio, ter um aprendizado melhor, só isso”, algo que o estudante não verificava em sua escola anterior. Além de ver no IFSP a possibilidade de atender às suas expectativas por uma melhor qualidade de ensino, Luiz, como outros estudantes, observou no instituto a possibilidade de ingressar em uma universidade.

Ao pensarmos nas expectativas depositadas na instituição, além de relatarem a preocupação de a escola proporcionar uma educação de qualidade que levasse à continuidade da escolarização, nossos estudantes marcaram o ingresso no IFSP como um “divisor de águas”, no sentido de vivenciarem rupturas com o modelo educacional anterior: ainda que tenha ocorrido queda nas notas, houve a recuperação e a construção de uma visão de mundo inédita para esses estudantes. Se, inicialmente, seus históricos de “bons alunos” foram abalados ao

ingressarem no IFSP, até a queda nas notas e o esforço para a recuperação foram marcados pelos estudantes como elementos de qualidade do instituto federal, já que decorreram do maior volume de conteúdo e informação, das aulas diferenciadas, das avaliações e também do progresso desses mesmos estudantes. Robson relatou que

[...] entrar no IFSP foi uma das piores e melhores coisas que poderiam ter me acontecido, ao mesmo tempo (risos). Melhor, porque, como eu já falei, nível de estrutura, porque... é incrível mesmo, professores também sensacionais, a maioria dos professores tem mestrado, muitos já têm doutorado também, e são os mesmos professores que dão aula pros cursos superior lá, então o nível é muito grande mesmo. E pior, justamente por isso também, que requereu um nível muito grande, que é uma carga que a gente não tinha no... a gente num... não estava trazendo isso do fundamental, em vários pontos básicos, desde que você resolver uma simples operação matemática até escrever um texto e tal [...] minha dificuldade era mais por conta de estar numa escola que requeria um nível maior de dedicação, assim, de estudo e estar trabalhando [...] então as notas caíam bastante mesmo [...] mas os próprios professores ajudam.

Outra estudante que descreveu essa dificuldade foi Paula, informando que, ao ingressar no IFSP, foi “aquele choque, aquela coisa diferente”, uma estrutura e organização totalmente diferente da escola estadual que frequentava, aulas diversas e provas muito difíceis, que fizeram a aluna “estudar muito pra passar”, pois, segundo ela, “não tinha costume de ter dificuldade com matéria”. Contudo, informou que:

Os professores sempre ajudaram, né. No começo do ano eles sabiam dessa deficiência que os alunos chegavam, então eles passavam listas, eles davam aulas extras, tudo pra ajudar a gente a se situar. Mas o primeiro ano foi o mais difícil na escola, que foi o de transição. Depois ficou mais fácil de acompanhar.

Os estudantes ainda observaram que o progresso nas notas “não é tanto a questão do conteúdo que a gente aprende, mas a forma como a gente aprende o conteúdo, [...] os professores [...] são mestres ou doutores, têm pós-graduação”, e que “a forma de educar é diferenciada, totalmente diferente de como era na [escola de ensino fundamental]”, o que auxiliava o estudante a recuperar o que tinha perdido, conforme relatou a estudante Carla. O entusiasmo dos estudantes Robson, Paula e Carla, ao falar dos professores e do IFSP, também foi observado em todos os estudantes que expuseram suas experiências no instituto federal. Todos demonstraram dificuldade com as notas ou com os estudos ao ingressarem no instituto, mas também relataram que tudo era tão bom e “grandioso” (como disse Tiago) – o que se evidenciava quando os estudantes apresentavam os professores, o horário de atendimento para tirar dúvidas e reforço, os laboratórios – que as dificuldades pareciam ganhar uma dimensão menor. Assim, como muitos dos estudantes entrevistados, Tiago relatou que estava “achando um pouquinho pesado (risos)”, mas acreditava que muito se devia ao fato de ser sua primeira

experiência no instituto, onde “precisa estudar pra aprender”. O aluno acreditava “estar no caminho certo”, apresentando os motivos:

Primeiro pela qualidade de ensino. Nunca vi um professor chegar na sala e dar uma aula tão boa como aquela. Eles usam *slides*, então tem uma estrutura ótima a escola, além de ter laboratórios [...] tem horário de atendimento.

Kelly relatou que a maioria dos estudantes tinha dificuldade em uma matéria específica de seu curso, mas completou dizendo que a professora “se dedica muito à gente, e isso faz você gostar, sabe? A querer aprender mais a matéria”.

Nesses relatos, podemos observar que, apesar do desconforto inicial que possam ter sofrido, muitos estudantes afirmaram que grande parte do progresso, da melhoria nas notas e da qualidade do IFSP devia-se ao corpo docente e ao apoio que ele oferecia aos alunos. Paula ainda enfatizou:

No IFSP é sempre aquela boa relação com os professores, né, que sempre incentivam muito a gente também. A gente tem um alto índice de aprovação em universidades por causa deles, que eles são ótimos professores...

Os professores do IFSP apareceram como um importante elemento de apoio: com horário extra de aula, atenção dedicada ao aluno e forma de dar aulas totalmente diferenciada da que os estudantes estavam acostumados.

Olívia relatou que “os professores de lá não fica[va]m só na matéria”, que eles realmente se importavam com os sentimentos dos alunos e “sempre apoia[va]m muito e incentiva[va]m muito os alunos lá”. Conforme já apresentado, Carla considerou o IFSP um “divisor de águas”, não apenas no sentido das dificuldades iniciais de aprendizado, mas também da relevância que as questões sociais adquiriram, utilizando a mesma expressão empregada por outros estudantes: a construção de uma “visão de mundo”. Para a estudante, a maneira de dar aula e as disciplinas de sociologia, filosofia, história e geografia proporcionaram o aprendizado de “um mundo totalmente diferente, sabe?”.

Dentre as informações variadas transmitidas pelos professores aos alunos, ganhavam valor aquelas que apontavam para o prolongamento dos estudos, fossem eles de continuidade após o curso técnico integrado ou mesmo de cursos de extensão e iniciação científica dentro do próprio curso técnico integrado. Em relação a este último, nossos entrevistados ficavam deslumbrados com a possibilidade de “ganhar dinheiro para estudar”, valor que ainda contribuía para uma atividade de estudo. Carla disse que era algo que ela “nunca havia visto, nunca havia pensado”, pois, ao procurar o primeiro emprego como menor aprendiz, o salário “era bem baixo”, mas, como estudante do IFSP, a estudante observou a “oportunidade de fazer uma

extensão e ganhar R\$ 400,00, e ficar o dia inteiro na escola, então sabe? Foi o IFSP que me deu essa possibilidade”.

Olívia informou que o IFSP “oferece cursos, extensão, projetos [...], é bem interessante porque você ganha pra aprender, então é muito interessante”. Robson ainda relatou que “outra coisa maravilhosa do instituto também é que ele oferece bolsas de ensino e bolsas de extensão”, para a qual o estudante se inscreveu. Para Robson, era maravilhoso o estudante ganhar um bom valor por quatro horas de dedicação e aprendizado. Outros estudantes, como Gilberto e Augusto, também participavam de projetos e bolsas de extensão do IFSP, considerando uma oportunidade de aprendizado, mas destacaram a importância do valor financeiro para o auxílio com seus gastos pessoais. Augusto ainda ressaltou que, com a “bolsa de extensão do projeto, que eles dão a bolsa pra gente trabalhar na compostagem, eu ajudo um pouco em casa”. Para Robson, este parecia ser um fator primordial, já que o estudante relatou a necessidade de trabalhar e informou receber outros valores, como a bolsa do PAE, um grande auxílio para se manter e “ajudar um pouco em casa”. Paula relatou que ela e o irmão recebiam os valores do PAE, dizendo que o auxílio ajudava bastante na questão de transporte e alimentação, e ainda afirmou que “É mais pelo auxílio mesmo que dá pra se manter na escola”.

O ensino ofertado no IFSP da região investigada oferecia seus cursos em meio período, e podemos perceber nos relatos a importância deste dado, pois permitia aos estudantes dedicarem-se ao trabalho, como no caso de Robson, e também aos programas da instituição, que lhes rendiam valores em dinheiro e, principalmente, a possibilidade de ampliar seus conhecimentos. Os estudantes que participavam dos programas de extensão, de iniciação científica e até aqueles que aproveitavam o horário disponível dos professores para tirar dúvidas informaram que passavam mais tempo na escola do que na própria casa. Contudo, esses estudantes não encaravam esse fato como um fardo, mas, sim, como uma oportunidade de desenvolvimento e gratificação, como nos disse Olívia: “Praticamente eu fico o dia inteiro na escola, desde cedo até às 18h, então foi uma escolha muito boa”. Robson: “A gente pode dizer que o IFSP é nossa casa [...], tem dia que eu fico o dia todo, tem dia que eu chego lá 8h da manhã e só saio 11h da noite”. Além de participar do projeto de extensão, Robson era muito ativo no conselho escolar e nos esportes do instituto. Carla, ao relatar suas experiências no IFSP, remeteu-se à escola como sua casa. Portanto, parece-nos possível afirmar que as experiências vividas no IFSP agradavam e faziam os estudantes quererem estar naquele local, praticando as atividades oferecidas. Eram experiências de boa qualidade educacional, vinculadas aos

conteúdos, professores, iniciação científica, como também de continuidade educacional, expressadas pelos estudantes.

O destacado papel da escola de ensino médio técnico federal em oferecer, na ótica desses estudantes, outra perspectiva de futuro, é semelhante ao papel desempenhado pela universidade pública para os estudantes de origem popular que nela ingressaram e que foram entrevistados por Piotto (2010). Ao discutir aspectos subjetivos presentes nas trajetórias escolares e nas experiências universitárias de estudantes das camadas populares nos cursos de alta seletividade do ensino superior público, a autora identificou que o ingresso na universidade representou uma perspectiva de vida diferente da já traçada pela condição social de seus entrevistados. Trazendo essa reflexão para nossa pesquisa, os estudantes aqui entrevistados também consideraram que a entrada no IFSP contribuiu para ampliar seus horizontes, ao permitir vislumbrar o ingresso em uma universidade pública, como observamos nos relatos mencionados.

Já José Luiz Piôto D'Ávila (1998) verificou que não é possível concluir que os estudantes pensem na Escola Técnica Federal do Espírito Santo (ETFES) como trampolim para o ensino superior. O autor buscou identificar a possibilidade da ruptura da lógica da reprodução na trajetória escolar de alunos pertencentes a famílias de estratos médio-baixos e baixos da sociedade, residentes em bairros periféricos da Grande Vitória-ES, estudantes de escolas técnicas federais daquela localidade. Por mais que os estudantes aspirassem à universidade pública, eles também demonstravam tensão e pouca esperança ante o alto grau de seletividade no concurso vestibular. Para esses estudantes apresentados pelo autor, a perspectiva de chegar bem credenciado ao mercado de trabalho parece ser suficiente para que haja investimento numa continuidade educacional, e, segundo D'Ávila, talvez isso seja associado ao prestígio das escolas técnicas federais e ao *status* que gozam aqueles que a ela chegam. Assim, a formação profissional de qualidade lhes basta.

Contudo, para os estudantes por nós entrevistados, da escola técnica federal situada na região de Ribeirão Preto, foi unânime a intenção de continuidade educacional: todos visaram à formação do IFSP pela possibilidade de passar em vestibulares, atestando vários elementos que caracterizavam essa qualidade. Os estudantes caracterizaram o IFSP para além de uma educação terminal, voltada para o trabalho, mas como uma formação de qualidade capaz de promover continuidade educacional.

A qualidade da educação oferecida pelo IFSP, relatada de maneira unânime pelos estudantes, também pode ser encontrada em trabalhos que versam sobre escolas técnicas federais de outras localidades. Exemplo disso é o trabalho de Lima e Silva (2013, p. 13), que

aponta para a qualidade do instituto federal por proporcionar maior densidade nos “campos formativos do fazer e do saber, da teoria e da prática, do conteúdo geral e do conteúdo específico” e, por esse motivo, ser a instituição que mais aprova naquela localidade. Outro trabalho que aponta para a qualidade das escolas federais é o de Tetzlaff e Piotto (2016), que identifica egressos da rede pública federal nos cursos mais concorridos da USP. Assim, observamos que a relação que os estudantes entrevistados fazem entre a escola frequentada e a possibilidade de ingresso em uma universidade está dentro das possibilidades destacadas nestes estudos.

Apesar da qualidade dos institutos federais demonstrada nos trabalhos abordados anteriormente e a todo momento relatada nas palavras de nossos entrevistados, outros trabalhos apresentam as dificuldades relacionadas às instituições técnicas federais, como baixo rendimento escolar e altos índices de retenção e evasão escolar nessas instituições. Exemplo disso são os trabalhos de Bastos e Gomes (2014) e o levantamento de dados executado pelo serviço sociopedagógico do IFSP/São Carlos (IFSP, 2015), que apontam os problemas das instituições federais a partir dos estudantes evadidos. Bastos e Gomes, ao analisarem as desistências dos estudantes a partir de fatores determinantes como a escola, o aluno, a família e o social, apontaram diferentes causas para as evasões, porém duas chamam a atenção. A primeira é a dificuldade de conciliar trabalho e educação devido aos horários de oferta dos cursos, ou seja, horários inflexíveis, que impossibilitam a inserção no mercado de trabalho dos estudantes, conforme é a necessidade de muitos deles – isso não ocorre no IFSP que pesquisamos, pois o curso técnico integrado é ofertado em meio período no prazo de quatro anos, e não em período integral no decorrer de três anos, como ocorre em outras instituições federais do país, o que possibilitou ao estudante Robson encontrar um trabalho ofertado em meio período e auxiliar a família com seus rendimentos. A segunda causa é devido à insatisfação com professores, com a política pedagógica e com uma escola não atrativa, o que também difere das informações narradas pelos estudantes por nós entrevistados, que relataram o deslumbre com tudo o que a instituição lhes oferecia em “laboratórios, material, salas de aula, professores tão bons como aqueles, e até a possibilidade de usar jaleco” (Tiago).

Outros estudos que diferem dos relatos trazidos por nossos entrevistados, então presentes Figueiredo e Salles (2015) ao destacar que a própria escola dificulta a permanência dos estudantes e legitima a exclusão a partir de fatores como critérios de avaliação inflexíveis, método pedagógico pouco dinâmico, professores pouco incentivadores e ausência de flexibilidade de horários. Como já apontados no capítulo em que apresentamos o IFSP, os

estudantes analisados pelos referidos autores que acabamos de abordar são repetentes evadidos de instituições federais e trazem relatos de insatisfação com a escola frequentada.

Logo, os estudnates por nós entrevistados nos informam que a Instituição Federal “dá muitas chances de recuperação nas notas, tem trabalhos, tem pontos de apresentação, ichi, muita coisa...” como nos disse Robson. Com relação aos estudnates com defasagem, todos os estudantes informam a possibilidade de tirar dúvidas nos horários de atendimento, e como os professores sentem satisfação em auxiliar não apenas nos conteúdos, mas também na esfera pessoal, “eles sabem dessa defagem da gente ao entrar lá e ajudam, ajudam bastante a gente” como diz Renato e “eles importam-se com os sentimentos dos alunos, sabe..., se importam se a gente tá triste, tá com problema, encaminham pra psicóloga” como relatou Kelly. São relatos que constatarem com os estudos abordados e nos fazem acreditar na qualidade do Instituto Técnico Federal tão mencionado nos elementos trazidos por nossos entrevistados.

Podemos pensar que a escola federal foi tão boa para esses estudantes porque eles gostavam de estudar, queriam estar ali e buscavam a “superação de si mesmos” segundo expressão de Bandera (2014), nas atividades proporcionadas pela instituição.

O referido autor, ao buscar compreender a produção do sucesso escolar na Escola Técnica Federal de São Paulo, investigou como o vestibulinho do colégio produz uma seleção rigorosa *a priori* de um público altamente suscetível à ação pedagógica da instituição e interpretou como determinadas trajetórias familiares impulsionam os estudantes a constantes superações de si e a um alto investimento nas conquistas escolares. O autor também identificou a presença de alunos com características de dedicação aos estudos, como os *nerds* e os prodígios. O *nerd* é caracterizado como aquele estudante dedicado, que estuda todo o tempo e atinge as melhores notas. Já o prodígio é caracterizado pelo estudante cujos resultados não são vistos como fruto de um trabalho árduo de aquisição de capital cultural que consome todo o tempo de sua vida, mas como a manifestação da “inteligência”, do “dom”, como alguém que consegue, ao mesmo tempo, ser o melhor aluno da sala e ainda manter uma vida social, por exemplo, com a prática de esporte. O autor ainda informa que tanto os *nerds* como os prodígios estão em constante superação de si mesmos perante seus pares, não permitindo queda nas notas nem alteração de seus *status*.

Ao lançarmos o olhar aos nossos entrevistados, observamos várias das características apresentadas por Bandera (2014), como os casos de sucesso excepcionais e os estudantes altamente dedicados. Porém, para os estudantes que entrevistamos, a superação estendia-se para além da sala de aula. Não se tratava apenas de manter suas características de bons alunos ou de

superar seus pares, mas de se superar no âmbito familiar e social, já que muitos visavam a uma trajetória pessoal diferente da traçada pela história familiar ou pelas condições educacionais e sociais as quais estavam sujeitos.

Muitos dos estudantes apresentaram a vontade de prosseguir nos estudos, de fazer um vestibular e, principalmente, de passar em uma universidade pública, um caminho diverso da história dos pais, cuja escolaridade encontra-se em torno do ensino médio. Alguns estudantes entraram na instituição federal por acreditar e valorizar a possibilidade de obter uma educação de qualidade que permitisse o ingresso em uma universidade, como foi o caso de Carla, Augusto, Tiago, Robson, Renato e Kelly. Outros constituíram esse pensamento após o ingresso no instituto, alegando que “os próprios professores incentivam e estimulam os alunos nos estudos para passar em universidades públicas” (Olívia), como foi o caso de Luiz, Olívia, Elionaldo e Paula.

Apesar da entrada no IFSP ter representado um choque de realidade para os nossos estudantes, grande parte superou e retomou o *status* de bons alunos, relatando que a queda e também a recuperação das notas só ocorreu devido à qualidade da educação ofertada pelo instituto. Piotto (2010) também verificou trajetórias caracterizadas por rupturas e queda no rendimento escolar dos estudantes das camadas populares que ingressavam em cursos de alta seletividade no ensino superior público. Contudo, o desfecho foi diferenciado: na pesquisa de Piotto, os estudantes apresentaram experiências marcadas por sofrimento e solidão, como também formas diferenciadas (autônomas) de passar pela situação. Já os estudantes por nós entrevistados revelaram que as dificuldades iniciais só ocorreram devido à qualidade do IFSP, que proporcionava um modelo de educação primordial para o crescimento deles, mas ao qual não estavam acostumados. Porém, após dedicação e apoio dos professores, a recuperação deu-se de maneira progressiva e tranquila, como informou Gilberto: “nem foi tão decepcionante assim, porque teve resultado”.

Tereza Cristina Rego (2002), ao discutir o papel da escolarização na formação psicológica do indivíduo e a pertinência de alguns elementos recorrentes sobre a escola e seus efeitos nos estudantes, mostra que as lembranças e a avaliação sobre o papel da escola na formação dos indivíduos dependem das experiências vividas por eles, em sua forma e qualidade. Para a autora, as lembranças de escola dos indivíduos estão relacionadas ao significado que a escola tem para cada um, de acordo com as experiências vivenciadas nesse espaço, com o tipo de escola frequentada e com as expectativas depositadas na instituição. Assim, relacionamos os estudos da autora aos relatos dos estudantes por nós entrevistados, os

quais trouxeram experiências queixosas acerca da qualidade das escolas que antecederam o IFSP e expectativas de progressão nos estudos, com a possibilidade de passar em uma universidade, devido às experiências vividas e às expectativas depositadas no instituto. Por meio da análise dos discursos enunciados pelos estudantes, constatamos que eles são capazes de refletir criticamente sobre as escolas frequentadas, principalmente sobre o IFSP: eles reconhecem e expressam suas dificuldades e habilidades e apontam problemas relativos às escolas anteriores, assim como todos defendem e atestam qualidades referentes ao IFSP e suas práticas educativas.

Pensando que estamos lidando com uma faixa etária capaz de pensar, agir e sentir de maneira mais autônoma, relembramos Leontiev (2004, p.309) ao nos informar que “esta fase é marcada por atitudes críticas à maneira de agir dos adultos e o surgimento de novos interesses teóricos”, sendo este adolescente o “principal comentador em casa dos acontecimentos públicos”. O autor ainda contempla que o “adolescente está ligado às formas de vida social que lhes são acessíveis” (LEONTIEV, 2004, p.309), estando latente para nós a importância das escolas nas relações sociais que os estudantes estabeleceram no decorrer de toda escolarização.

Nesse sentido, pensando que estamos com o principal comentador da vida pública escolar, observamos que todos os elementos destacados pelos estudantes entrevistados, sobre o IFSP – ótima estrutura em laboratórios, professores qualificados, didática e ainda a possibilidade de “abrir portas para um futuro melhor” ou de vislumbrar “um caminho brilhante por causa dessa escola” – caracterizam a qualidade e a valorização da instituição de ensino técnico federal pelos estudantes e contrastam com as experiências escolares vividas anteriormente, mesmo aquelas que apresentaram características de melhor qualidade, como nos relatos dos estudantes que cursaram o ensino fundamental em escolas da região do IFSP. Todos valorizaram o IFSP e relataram uma qualidade realmente experimentada, que não aparece na forma de um conceito abstrato ou imaginário. Apesar de as escolas anteriores não apresentarem características de qualidade próximas às da instituição federal e, em alguns casos, evocarem lembranças insatisfatórias a seus estudantes, elas foram de suma importância para a relação e valorização do IFSP, entendido como um local com educação de melhor qualidade que permite a continuidade educacional, e, principalmente, para a escolha do IFSP como instituição para cursar o ensino médio, como veremos no próximo capítulo.

4 ESTUDANTES DAS CAMADAS POPULARES NO IFSP: ESCOLHAS OU ESCOLHIDOS?

“Os bons, a gente que tem que salvar, tirar daqui” (Gilberto).

A fala do estudante Gilberto, que serve de epígrafe para este capítulo, reproduz a o que ele ouviu de seus professores ao referir-se àqueles que lhe indicaram o IFSP como opção de escolha de escola para efetivação do ensino médio. No decorrer deste trabalho, pudemos observar que todos os estudantes entrevistados possuíam características de bons alunos e atribuíam grande valor ao instituto técnico federal. Ao buscarmos compreender o processo de escolha desses estudantes, chama atenção mais uma unanimidade nos relatos dos entrevistados: nenhum deles atribuía o ingresso no IFSP à dedicação aos estudos para alcançar o êxito no processo de seleção, o vestibulinho, e sim à indicação ou influência da rede de relações na qual estavam inseridos, a saber, a rede escolar.

Além de Gilberto, a maioria dos estudantes entrevistados informou que o conhecimento sobre a escola e o vestibulinho se deu por meio de professores ou mesmo amigos de escola, pois o IFSP era desconhecido por eles. Augusto, um dos entrevistados, relatou que o IFSP, apesar de “ter crescido muito, ainda é pouco divulgado, tem gente que não sabe da escola”. A observação do estudante, de que a escola era pouco divulgada, também foi relatada por outros entrevistados. Renato, por exemplo, afirmou: “E eu percebi também que... até naquela época, não tinha muita divulgação da escola federal, ninguém sabia nem onde [ficava]...”. Como já apontado, Tiago, ao finalizar a entrevista, solicitou à pesquisadora: “[...] mas se você for apresentar [o trabalho de pesquisa] para comunidades externas, a única coisa que eu tenho a dizer é pra incentivar o pessoal a fazer provas como a que eu fiz... Eu conheço muita gente que tá terminando o ensino fundamental, que tá pronto pra fazer a prova, e não conhece [o IFSP]”.

Os relatos dos estudantes mostram que, para a maior parte deles, o IFSP era desconhecido, ainda que fisicamente ele se localizasse próximo à residência de alguns deles. Foi o caso de Robson, que nos informou que, ao visitar o instituto, convidado por um amigo para o evento “Show da Química”, demorou para encontrar o endereço, pois não conhecia a existência daquela escola, e ainda enfatizou: “O instituto ficava muito próximo de casa, eu falei: ‘não acredito que eu nunca tinha vindo aqui antes!’”.

Outros estudantes afirmaram desconhecer a instituição mesmo com divulgação em suas escolas, como no caso de Luiz, que relatou que não tinha informação do IFSP como possibilidade de educação para o ensino médio, embora houvesse alguns cartazes em sua escola:

[...] tinha poucos cartazes, poucos assim, que eu digo, uns dois ou três na escola que tinha. Mas, quase... quase ninguém parava para ler, para ver o que que era. Eu mesmo não vi pelo cartaz, só fui ver o cartaz depois que a professora tinha me falado, senão eu também nem estaria sabendo da escola. [...] no 9º ano, a professora de português, ela mora aqui perto e estava sabendo... ela sabia, né, do processo, do processo seletivo pra poder entrar, aí ela chegou no 9º ano e falou pra mim e pra mais uns colegas meus que... que tinha o processo para a gente poder se inscrever, tentar fazer a prova, né.

Luiz não obteve êxito na primeira vez em que se submeteu ao processo seletivo do IFSP e, por isso, fez o 1º ano do ensino médio na única escola estadual de sua cidade que oferecia esse nível de ensino. Contudo, no ano seguinte, novamente estimulado pela mesma professora, prestou a seleção para o IFSP e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)⁸. Tendo sido aprovado nas duas escolas, optou pelo IFSP alegando que era seu foco maior, pois estava buscando “um ensino médio melhor, e não o técnico”.

Todos estudantes (com exceção de Augusto, que já conhecia o IFSP por meio de sua família) demonstraram desconhecer a instituição e revelaram quem indicou o IFSP como possibilidade de uma educação profissional e, principalmente, de uma educação de qualidade. Para além de Robson, que nos informou ter conhecido a instituição por intermédio de seu amigo que o convidou para um evento de química no IFSP, todos os demais estudantes afirmaram ter conhecido esta escola por intermédio de um professor.

Gilberto relatou que só ficou sabendo da possibilidade de estudar no IFSP após a indicação de sua professora do ensino fundamental, reproduzindo a frase que abre este capítulo:

Mas... é... o primeiro passo que aquela professora [professora de geografia do ensino fundamental] fez pra mim foi muito importante, ela vim falar [do IFSP]. Porque, às vezes, ela não ter falado aquilo, às vezes a mãe desses colegas também não poderia ter falado e aí como que eu ia descobrir? [o IFSP] [...] E ela [professora] falou que sinceramente, [o IFSP] era muito melhor do que onde a gente estava [escola estadual da cidade vizinha], porque... Como é a frase que os professores sempre falam? Que, “os bons, a gente tem que salvar, tirar daqui”.

O estudante informou que já não se sentia bem estudando na escola estadual de sua cidade e, após conversar com a professora de geografia de sua escola de ensino fundamental, começou a pensar na possibilidade do IFSP e também tentar a Etec. O estudante contou que passou nas duas, na Etec e no IFSP, mas preferiu seguir o conselho de sua professora, que, ao falar da instituição técnica federal, do *campus* da cidade vizinha, explicou-lhe, “de uma maneira muito grandiosa, que era uma escola que eleva muito os alunos, tem muitos recursos, curso técnico... professores que ajudam”. O estudante julgou importante seguir a indicação de sua

⁸ O Senai oferece habilitação profissional de ensino técnico, conforme indica o *site* da instituição: <<http://www.sp.senai.br/cursos>>.

professora e informou que, “quando você encontra esses professores, assim, você realmente ouve”, pois, segundo seu relato, ela se importava com os alunos, além de ser uma “excelente professora”.

Carla informou que sempre teve uma relação próxima com seus professores e que “extraí o máximo que pode deles [professores]”. Isso a fez ter vontade de ir estudar no instituto federal, pois foram eles, os professores, que incentivaram a estudante a prestar o vestibulinho. Segundo Carla, ela ia para uma escola estadual situada na região central da cidade, mas “[...] aí meus professores ficavam muito no pé. ‘Não, cê vai prestar, cê vai prestar, cê vai prestar, cê tem que passar, cê é uma boa aluna, cê consegue’”. Ela prestou e entrou na primeira chamada.

Para Paula, a indicação da professora “foi uma mão na roda”, pois a estudante informou que, se não fosse isso, continuaria estudando na escola estadual da pequena cidade onde morava, pois não sabia da possibilidade de ingresso no IFSP e nem poderia arcar com os gastos de uma escola particular, mesmo com desconto. A estudante relatou:

Aí ela [professora] me falou do instituto federal: “nossa, tem uma escola muito boa lá perto de casa, achei que seria legal você fazer a prova” e tal... Depois ela trouxe um folhetinho com o *site* [...] aí ela falou, falou e eu acabei indo fazer a prova pra entrar lá e passei, foi bem tranquilo, mas foi mais por causa dela, foi indicação de uma professora minha que mora lá perto.

Renato, o irmão da estudante Paula, relatou que, quando a irmã ingressou, seu pai falou: “ó, ano que vem você vai fazer a prova e você tem que passar”. Na expectativa deste pai, o que deu certo para a irmã, teria que dar para o segundo filho. O pai criou um projeto familiar a partir da curta experiência da filha – já que os dois filhos apresentavam apenas um ano de diferença de idade e escolar –, que trazia informações sobre a boa qualidade do IFSP, apesar do “maior volume de estudo”, como nos disse Paula em sua entrevista. E assim o estudante Renato fez. No outro ano, o estudante terminou o ciclo II do ensino fundamental, prestou o processo seletivo, obteve êxito e ingressou no IFSP. O estudante ainda reforçou a informação de que a irmã só ficou sabendo do instituto federal por meio da professora, e, “se não fosse ela [professora], nós dois, eu e minha irmã estaríamos na escola estadual daqui até hoje”, pois era a única escola de ensino médio da pequena cidade.

A estudante Kelly informou que, no 9º ano, seu professor de geografia da escola de ensino fundamental, de um bairro um tanto afastado do IFSP, comentou sobre o instituto para ela e umas amigas, dando o exemplo da irmã de um amigo das estudantes que tentou e ingressou. O professor chegou a falar com a mãe da estudante para inscrevê-la, pois o prazo das inscrições estava se esgotando, e Kelly ainda não havia decidido. A estudante contou que se não

fosse o incentivo do professor, faria o ensino médio na escola estadual próxima à sua residência, uma área mais periférica da cidade.

Olívia informou que, no 9º ano, sua professora de geografia da escola de ensino fundamental lhe falou sobre a escola federal: “Ela falava: ‘poxa, você pode fazer, você é estudiosa, tem futuro’”. Mas, a estudante não se sentia segura, achava que não conseguiria passar no processo seletivo da instituição e fez o 1º ano do ensino médio na única escola estadual da cidade onde residia. Olívia contou que, no ano seguinte,

Aí essa minha outra professora, de geografia, ela veio conversar comigo e insistiu pra mim fazer a prova... Aí a minha professora pegava muito no meu pé, ela falava: “não, você vai fazer essa prova nem que eu te leve lá arrastada pra fazer!” ((risos)). [...] Hoje eu sou muito grata, né, porque, se não fosse a insistência [da professora], eu estaria aqui na escola pública e sabendo lá Deus, né, como que ia ser, porque é uma bagunça.

Olívia e Luiz ingressaram no IFSP após cursarem o 1º ano de ensino médio na escola estadual da cidade onde residiam. Ainda assim, informaram que não se arrependiam de ter voltado um ano de escolarização ao ingressar no instituto federal, porque, na escola estadual, não teriam acesso aos conteúdos que aprenderam no IFSP.

Além dos estudantes que receberam indicação de um professor, outros três estudantes também conheceram o IFSP como opção de escolha para o ensino médio mediante amigos de escola ou de pessoas do próprio instituto.

Augusto informou que havia a opção de escolas particulares e fez várias provas para ganhar bolsas de estudo, mas resolveu seguir o incentivo de sua mãe e irmã, que, por sua vez, conheceram a escola por intermédio de uma tia que trabalhava no IFSP exercendo serviços gerais na área de limpeza e insistiram para ele tentar o processo seletivo. Além do incentivo familiar, nos relatos do estudante, a escola também apareceu no processo de escolha do IFSP por meio de seus professores, pois, segundo Augusto: “[...] os professores incentivavam também, eles divulgaram pra gente a escola [IFSP]”. Após Augusto ser aprovado no vestibulinho, ele deu preferência ao instituto em detrimento das escolas particulares nas quais conseguiu desconto, pois, segundo o estudante, o IFSP aprovava mais em vestibulares que as escolas particulares.

O estudante Robson, por sua vez, relatou que, quando estava no 9º ano, conheceu um amigo, na igreja, que já estudava no IFSP, que o apresentou à escola e o incentivou a tentar o vestibulinho:

Esse meu amigo... foi meio que me incentivou a prestar a prova, que ele também tem um histórico também meio base... O pai dele também é pedreiro, a mãe é dona de casa também, [...] se eu não tivesse passado no instituto federal, provavelmente eu ia estudar à noite...

E para Tiago, o interesse em ingressar no instituto federal deu-se muito antes do término do ensino fundamental, ao conhecer o IFSP através do irmão de um amigo de escola que já fazia curso técnico na instituição e lhe falou sobre ela, mostrou fotos e convidou o estudante a conhecer a escola em um evento, “o show da química” em que o estudante foi e ficou encantado com tudo o que via da escola como também dos estudantes utilizarem jaleco branco. O estudante contou que, desde essa ocasião (7º ano do ensino fundamental), foi pesquisando informações no *site* da instituição e, no 9º ano, fez a inscrição para o vestibulinho e foi aprovado.

Nesses relatos, observamos que, para os estudantes participantes da pesquisa, a opção do IFSP como escola para cursar o ensino médio está fortemente ligada à sua rede de sociabilidade, não apenas por apresentar ou indicar a instituição federal, mas também por incentivar seu ingresso nela. Essas figuras se apresentam, em sua maioria, como professores ou amigos de escola. Exceção foi Augusto, que apresentou a família como a grande incentivadora, remetendo-nos a um projeto de família. Mas, ainda nesse caso, estavam todos ligados à instituição federal, podendo oferecer-lhe informações de sua qualidade, como a irmã e primos que estudaram no IFSP e a tia que trabalhava na limpeza da instituição.

Para uma melhor visualização das escolhas dos estudantes, o quadro a seguir indica por meio de quem esses estudantes tomaram conhecimento sobre o IFSP e, a título de ilustração, quais as pretensões futuras dos estudantes após a conclusão do ensino médio:

Quadro 2 – Dados dos estudantes entrevistados e suas escolhas

Aluno(a)/ Idade	Ano escolar/ Curso	Pai Profissão/ Escolaridade	Mãe Profissão/ Escolaridade	Escolha pelo IFSP	Pretensão Futura
Augusto 16	2º/Química	Pedreiro/ 4ª série do EF	Faxineira/ 8ª série do EF	Mãe / irmã que já fazia IFSP	Artes cênicas ou biologia
Robson 19	3º/Química	Cortador de cana (desempregado)/ EF	Cozinheira/ EF	Amigo da igreja que estudava no IFSP	Psicologia, pedagogia ou letras
Carla 18	4º/Automação industrial	Serralheiro/ 8ª série do EF	Doméstica/ 5ª série do EF	Professores do EF	Gastronomia ou fisioterapia
Kelly 16	2º/Química	Bombeiro/ EM	Agente comunitária/ EM	Professor de geografia do EF	Curso Superior- não decidiu a área
Paula 18	4º/Química	Carteiro- Atendente comercial/ EM supletivo e ADM	Dona de casa/ 4ª série do EF	Professora de geografia do EF	Direito
Renato 16	3º/Automação industrial	Carteiro- Atendente comercial/ EM supletivo e ADM	Dona de casa/ 4ª série do EF	Professora de geografia/irmã que fazia IFSP	Curso Superior- não decidiu a área
Luiz 17	1º/Automação industrial	Mototaxista/ EM incompleto	Secretária (desempregada)/ EM incompleto	Professora de português do EF	Faculdade no próprio IFSP
Gilberto 16	2º/Automação industrial	Técnico em eletrônica/ EM	Doméstica (desempregada)/ EF	Professora de geografia do EF	Medicina
Olívia 16	1º/Química	Tratorista/ 4ª série do EF	Diarista/ 1º colegial	Professora de geografia do EF	Educação física
Tiago 17	1º/Química	Motorista/ EF	Auxiliar de limpeza/ EF incompleto	Irmão do amigo do EF que fazia IFSP	Biologia ou medicina

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: EM – Ensino médio;

EF – Ensino fundamental;

ADM – Administração de empresas.

O Quadro 2 expõe dados relativos aos estudantes, como nome fictício, idade, ano de escolaridade no momento da entrevista, profissão e escolaridade dos pais e o responsável por apresentar o IFSP como uma opção para os estudantes, já que a maioria dos estudantes afirmou nunca ter ouvido falar da instituição, como também as pretensões futuras desses estudantes após o término do ensino técnico federal.

Como já mencionado no capítulo anterior, mais especificamente, a escola pela ótica dos estudantes, todos os entrevistados apresentam o IFSP pela possibilidade que veem nesta escola, de progressão nos estudos. Sendo assim, o último item do Quadro 2 apresenta as pretensões

futuras desses estudantes, em que todos informam a intenção de curso superior após o término do IFSP. Com exceção de três estudantes que almejam a continuidade escolar no Ensino Superior, mas ainda não decidiram pelo curso, os outros sete estudantes nos informam: Augusto pretende fazer Artes cênicas ou Biologia; Robson, Psicologia, Pedagogia ou Letras; Carla, Gastronomia ou Fisioterapia; Paula, Direito; Gilberto, Medicina; Olívia, Educação Física; e Tiago, Biologia ou Medicina.

Dentre as pretensões futuras dos estudantes, com exceção de Tiago e Gilberto que almejam Medicina e de Paula que almeja Direito, os outros estudantes almejam cursos adequados aos destinos se pensarmos conforme Bourdieu (2016b, p. 100) ao nos apresentar a ideia de “causalidade do provável” nos informando que:

...a concordância das expectativas com as probabilidades, das antecipações com as realizações, está no princípio dessa espécie de “realismo”, enquanto sentido da realidade e senso das realidades que faz com que, para além dos sonhos e das revoltas, cada um tenda a viver “de acordo com a sua condição”, segundo a máxima tomista, e tornar-se inconscientemente cúmplice dos processos que tendem a realizar o provável.

A teoria do autor, também nos remete ao pensamento das escolhas dos estudantes pelo IFSP em detrimento das escolas estaduais próximas às suas residências. Mesmo nos casos de moradia próxima ao instituto federal, os relatos dos estudantes levam-nos a refletir que não basta estar próximo geograficamente, como no caso de Robson (que morava próximo, mas nunca tinha visto o instituto), nem ter acesso a cartazes informativos, como no caso de Luiz (que só viu os cartazes sobre o IFSP colados nas paredes de sua escola após a professora ter lhe falado sobre a instituição); é preciso estar próximo socialmente. Para esses e outros estudantes, a instituição somente surgiu como possibilidade de escolha após ficarem sabendo do IFSP por meio de suas relações sociais, observando referências de boa qualidade e de exemplos próximos de suas vivências, informados, em sua maior parte por professores, ou por amigos de escola. Foi necessária esta intermediação social para que conhecessem e considerassem a possibilidade de outra educação que não aquela já predeterminada pelo “mundo” em que estavam inseridos.

Trata-se, para nós, da autoexclusão operada inconscientemente pelos estudantes de camadas populares, que não cogitam a possibilidade de um curso superior de elite ou de estudar em uma escola de melhor qualidade pelo motivo de que se escolhe aquilo para o que já se está socialmente predestinado, que se encontra dentro da probabilidade de suas condições. Assim, a escolha pelo IFSP é excluída pelo fato de a maioria de nossos entrevistados não conhecer a instituição federal como possibilidade para a educação de ensino médio, sendo necessária a

mediação de alguém das relações desses estudantes, na maioria, professores, para que a instituição fosse conhecida e considerada como possibilidade de escolha.

Cabe a aproximação com o trabalho de Débora Cristina Piotto e Renata Alves (2016), em que houve a mediação de uma pessoa ou circunstância próxima socialmente das estudantes entrevistadas, mais precisamente na atividade de trabalho dessas estudantes, para que o acaso fosse aproveitado e rentabilizado por elas, culminando com sua entrada na universidade. A escolha da escola para os nossos estudantes, ainda que pareça, não dependeu apenas da indicação do IFSP como escola de melhor qualidade para conclusão do ensino fundamental, mas de toda uma trajetória da atividade de sucesso desses estudantes que implicou a participação dos agentes escolares (os pares ou, principalmente, os professores), que indicaram o IFSP a esses estudantes, e dos próprios estudantes, que seguiram essa recomendação.

Tendo em vista todas as indicações e recomendações que os estudantes entrevistados receberam e julgaram importantes como estímulo para a escolha do IFSP, é preciso recordar Costa (2010), quando o autor aponta que os motivos de escolha por escolas mais prestigiosas estão relacionados com a busca por uma educação de qualidade, mas, principalmente, com as “recomendações das redes de sociabilidade”. Costa e Koslinski (2011) também verificaram que o prestígio que se transmite “boca a boca” entre as redes de relações orienta as escolhas por escolas.

Para além de apresentar o IFSP e de estimular os estudantes a nele ingressar, alguns de seus professores também os auxiliaram a se preparar para o exame vestibulinho.

Robson informou que, ao falar do desejo de ingressar no IFSP, alguns professores do ensino fundamental começaram a dar aulas extras, depois do período de aulas, para repassar as matérias para a prova. Tiago relatou que o fato de a professora de português de seu 9º ano ter montado um projeto para “ensinar algumas coisas que estavam no edital” do processo seletivo do IFSP o ajudou muito a passar no vestibulinho. Nessa mesma direção, outra estudante, Olívia, relatou:

Aí a minha professora de português falou assim que, se eu quisesse, ela me dava aulas extras pra poder fazer a prova [...]. Então... é... uma semana antes da prova eu tive apoio de três professores que eu acho que ,se eles não tivessem dado as aulas extras, eu não conseguiria ter feito a prova, porque foi uma prova muito difícil e foi muito concorrido. Aí a gente até falou: “é, professor [professor de matemática que também ajudou], a gente é muito grato pelas suas aulas, sabe?”. E ele falou que ele ajudava a gente com o maior prazer, porque ele era o professor, ele gostava que os alunos queriam sempre estudar e queriam melhorar.

Kelly e Gilberto também informaram sobre os conteúdos passados por seus professores do 9º ano para que pudessem adquirir melhor preparo para a prova de ingresso no IFSP. Assim,

observamos que, para muitos estudantes entrevistados, o ingresso no instituto federal só foi possível pela dedicação de alguns professores do ensino fundamental, que ofertaram aulas extras “fora do horário de trabalho”, pois, “se não fosse isso, eu não teria passado, porque foi uma prova muito difícil.” (Robson).

Diferente do estudo de Resende, Nogueira e Nogueira (2011), as famílias dos estudantes aqui investigados não apareceram como principais fontes de escolha, mas, sim, como uma rede de apoio para o ingresso no IFSP no sentido de operacionalizar o desejo do filho ou, na maior parte das vezes, a indicação dos professores. Luiz relatou:

No entanto, meu pai me tirou do trabalho porque eu disse que queria só estudar, falou que, se eu entrasse, ele ia dar um jeito de me trazer, ele mesmo me trazia para eu poder vir.

Carla informou que sua mãe sempre buscou escolas de qualidade para os filhos, não se importando com a distância percorrida. Augusto também informou que, para seus pais, independente da distância, os filhos sempre estudariam em escolas boas. Para Olívia, o apoio dos pais, que “não tinham muito conhecimento” das opções de escolha de escola, pode ser evidenciado por meio da postura do pai, que disse à filha que, se fosse preciso, “pagaria *van*” para o transporte até o instituto, devido à distância; e de sua mãe, cuja fala sintetiza o esforço dos pais em concretizar as orientações dos professores, mesmo que isso representasse “perder um ano”: “mas, os seus professores não te orientaram e disse que a escola era boa? Então, você vai ter que se arriscar!”.

Assim como os pais de Olívia, outros pais dos estudantes entrevistados também não apresentavam conhecimento das opções de escolha nem da qualidade das escolas que ofertavam ensino médio, a não ser pela apresentação dos próprios filhos, e estes por meio de professores ou amigos escolares, como vimos no decorrer deste item de análise.

Essa observação nos leva a refletir sobre os estudos de Bourdieu (2016a), que também aponta para escolhas que dependem da “presença do círculo familiar” (BOURDIEU, 2016a, p. 48), das “influências do grupo de pares” (BOURDIEU, 2016a, p. 55) e ainda dos “conselhos de professores” (BOURDIEU, 2016a, p. 49). Ou seja, os processos de escolha dependem, para o autor, da rede de contato, ou, mais precisamente, do “capital social”, que o autor define como:

O conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2016a, p. 75).

Para nossos estudos, o “capital social” apresenta-se como fundamental: por meio dele, constrói-se uma rede de informações, que abre a possibilidade para os estudantes conhecerem o IFSP como opção de escolha para o ensino médio, e, principalmente, de preparo para o ingresso na instituição.

Para as estudantes Kelly e Olívia, assim como para Carla e Paula, que fizeram a inscrição para o vestibulinho do IFSP no último momento por não se sentirem seguras para a realização da prova, observamos que a insistência de seus professores e o apoio familiar em acreditar na indicação dos professores foram de extrema importância para que se cogitasse a possibilidade de ingresso na instituição federal. De modo diverso da trajetória de estudantes filhos de empresários pesquisados por Nogueira (2004) – os estudantes por ela entrevistados possuem um percurso educacional em instituições escolares privadas, e suas escolhas se vinculam aos desejos e estratégias dos pais –, os estudantes das camadas populares por nós entrevistados apresentaram todo o percurso educacional em escolas públicas, e a tomada de decisão pela escola técnica federal dependeu da experiência social e dos processos de interiorização dos valores. Diante das possibilidades oferecidas, dos exemplos demonstrados e, principalmente, de suas experiências de bons alunos e da confiança neles depositadas por professores, os estudantes das camadas populares perceberam-se capazes de serem aprovados em um exame bastante seletivo como o vestibulinho para o IFSP.

Bandera (2014, p. 195), ao investigar a produção do sucesso escolar na Escola Técnica Federal de São Paulo, informa que o próprio vestibulinho seleciona um “público altamente suscetível à ação pedagógica da instituição”, sendo que os estudantes procuram e fazem cursinhos preparatórios para buscar seu ingresso, com a intenção de suprir a lacuna deixada pela escola de ensino fundamental. Os estudantes por nós investigados não frequentaram cursinhos preparatórios como os estudantes da pesquisa mencionada, mas receberam auxílio de seus professores do ensino fundamental – professores que indicaram a instituição, e também outros professores que se interessaram pela motivação dos estudantes.

Os relatos dos estudantes – que nos apontam elementos de indicação do IFSP, incentivo com exemplos de outros estudantes de escolas públicas que tentaram e entraram na instituição, como também auxílio dos professores com aulas extras – parecem-nos vinculados a uma “causalidade do *improvável*”, termo evidenciado nos estudos de Débora Cristina Piotto e Maria Alice Nogueira (2013, p. 376, grifo das autoras). Apoiadas em Bourdieu, e discutindo como estudantes pobres que nunca haviam cogitado estudar em uma universidade de alto prestígio como a USP passam a fazê-lo, as autoras afirmam que “determinados eventos externos”

(PIOTTO; NOGUEIRA, 2013, p. 379) podem mudar a percepção interna dos indivíduos quanto às suas possibilidades de alcançar algo.

Tal percepção sobre as possibilidades de alcançar algo baseado naquilo que se vivenciou reporta-nos para as contribuições da teoria histórico-cultural, apontadas por Vigotski e Leontiev, que informam que as ações e as operações na “atividade prática” levam à “tomada de consciência” (PIOTTO; ASBAHR; FURLANETTO, 2017). Para os estudantes por nós entrevistados, para além de receberem a indicação e o incentivo para buscar o IFSP como local para cursar o ensino médio, a tomada de consciência para essa possibilidade ocorreu por estarem efetivamente em atividade de estudo no decorrer de toda sua escolarização, como visto no item de análise 4.2, “Estudantes de camadas populares no IFSP: os ‘bons alunos’”, e, principalmente, por estarem em atividade nas aulas extras ofertadas pelos professores do ensino fundamental. Apontamos que a possibilidade de estudar na instituição técnica federal deu-se pelas experiências vivenciadas no âmbito escolar, mais precisamente na atividade de estudo, o que possibilitou modificar o pensamento desses estudantes, que passaram a vislumbrar a possibilidade de ingresso no instituto federal e dedicar-se a ela.

Esses estudantes, mediante suas ações, relações pessoais e atividades de estudo ao longo da escolarização, construíram a característica de bons alunos, o que lhes possibilitou o reconhecimento por parte de seus professores e a indicação do IFSP como escola de ensino médio, e também o reconhecimento de si mesmos como capazes de passar por um exame altamente seletivo.

A presença dos estudantes entrevistados no IFSP também pode ser relacionada ao que Nogueira (2012, p. 118) chama de “lógica de estratégia”, lógica esta não percebida pelos seus agentes, pois é construída ao longo da escolarização mediante suas atividades.

De acordo com Bourdieu (2016b), as estratégias educativas, conscientes e inconscientes, são investimentos de longo prazo que, em geral, não são percebidos como tais pelos agentes. Podemos apontar, do lado dos estudantes, uma construção ao longo de toda a escolarização com características de bons alunos. Já do lado do professor trata-se de evitar uma união vista como “desigual”, promovendo aliança entre grupos equivalentes, como grupos suscetíveis à ação pedagógica, como no caso dos estudantes por nós entrevistados (em que todos apresentavam características de bons alunos e foram escolhidos por seus professores para, de certa forma, estarem unidos no IFSP). Conquistas específicas na atividade prática de estudo delinearão os caminhos dos estudantes de camadas populares para o IFSP. A escola apresentou papel fundamental nesse processo, em que o contato com a atividade de estudo por meio dos

professores potencializou os efeitos de outras conquistas, como o apreço dos professores, suas influências, a conscientização e o ingresso no IFSP.

Assim, lançando olhar sobre as relações vividas, observando a trajetória dos estudantes, os contextos de experiências e auxílios de suas relações, mais precisamente de seus professores, a dinâmica da atividade de estudo e dos sentidos apresentados pelos estudantes, levando em conta a construção de práticas e estratégias nem sempre conscientes, e os conselhos de professores presentes na aliança entre grupos equivalentes à ação pedagógica, parece-nos possível afirmar que, para a maior parte dos estudantes entrevistados, não houve escolha pela escola de ensino médio técnico federal, mas, sim, que esses estudantes foram escolhidos para estar nessa escola, como enuncia a frase título deste capítulo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central e o objetivo de pesquisa que deu origem às discussões abordadas ao longo deste texto – investigar como se dá o processo de escolha por uma escola de ensino médio técnico federal por parte das camadas populares – apontou para um processo construído por meio das relações pessoais, sobretudo no âmbito escolar, ao longo de todo percurso escolar dos estudantes das camadas populares. Um processo socialmente construído pela atividade prática desses estudantes que lhes possibilitou deter o título e o sentido de bons alunos, refletir de maneira crítica sobre a escolarização presente e passada e construir um sentimento de valorização do IFSP e, principalmente, do processo de continuidade educacional, em detrimento de uma escolarização voltada para o trabalho. Não observamos, por parte desses estudantes e suas famílias, a existência de um projeto de escolha pela escola que envolvesse seleção e discussão prévia sobre os estabelecimentos de ensino de melhor qualidade para cursar o ensino médio, já que a maioria das famílias desconhecia a instituição federal.

As histórias analisadas neste trabalho, embora sejam únicas, apresentando características próprias e específicas da trajetória escolar de cada estudante entrevistado, permitem aproximações que nos fazem refletir sobre como se constroem os processos de escolha pela escola de ensino médio técnico federal por estudantes das camadas populares, identificando elementos que fazem parte dessa construção.

Remetemo-nos à ideia de construção, pois as histórias analisadas a partir dos relatos dos estudantes e das reflexões embasadas teoricamente apontam para um *processo* que ocorreu de maneira gradativa por meio de trajetórias escolares bem-sucedidas, passando pela construção de valorização da escola e da educação e indo até a constituição das influências da rede de sociabilidade desses estudantes ao proporcionar indicações que passam a ser reconhecidas, cogitadas, almejadas e alcançadas pelos estudantes entrevistados. Podemos pensar em uma construção artesanal, que ocorreu durante todos os anos de escolarização dos estudantes, envolvendo elementos de boas notas, atividade de estudo e sentido de bons alunos, além do reconhecimento crítico referente às escolas anteriores ao IFSP e o destaque para a estrutura, didática, conteúdos e conhecimento de mundo que perpassam a formação para o trabalho, ampliando a possibilidade de continuidade educacional. São elementos que marcaram os relatos dos estudantes, levando-nos a observar e compreender as influências da rede de sociabilidade desses estudantes. Essa mesma rede de sociabilidade escolar oportunizou aos estudantes

estarem em atividade de estudo, permitindo a grande valorização da educação escolar, assim como melhor preparo para a prova de ingresso no instituto técnico federal.

Os pais dos estudantes de camadas populares entrevistados apresentavam baixa escolaridade e capital cultural, sendo que grande parte desconhecia oportunidades escolares para os filhos.

Relembremos Nogueira (1998), ao apontar que os pais estão cada vez mais empenhados na busca por uma escola de qualidade para os filhos, e Resende, Nogueira e Nogueira (2011), ao informar que os pais de estudantes das escolas federais apresentam forte valorização dos critérios acadêmicos e qualidade do método de ensino ao efetuarem a escolha pela escola dos filhos. Relembremos também Costa e Koslinski (2012), ao mencionarem que os processos de escolha pela escola são complexos e os pais levam em conta critérios como padrões acadêmicos, currículo, boas práticas de ensino, localização ou *rankings*. Écio Portes e Letícia Souza (2013), ao discutir a permanência de jovens de meios populares no ensino superior público, alertam para os arranjos sociais promovidos pelas famílias de classes médias, “exímias jogadoras e estrategistas no campo da educação”, que procuram fazer os filhos cursarem o ensino médio público, principalmente em colégios federais (dada sua qualidade), visando a este colégio público como trampolim para a universidade pública mediante ações afirmativas.

Essas pesquisas contrastam, até certo ponto, com a realidade dos estudantes por nós entrevistados, pertencentes às camadas populares (a julgar pela escolaridade e profissão dos pais). Suas famílias não poderiam indicar o IFSP, definir um projeto educativo que envolvesse confronto, discussão e seleção dos estabelecimentos de ensino desejados para os estudantes, tampouco traçar estratégias de escolha pelo IFSP como escola de qualidade, pelo simples fato de a maioria não possuir conhecimento sobre a instituição. Contudo, em que pesem essas questões, as famílias dos estudantes entrevistados não foram inertes ao processo de escolha. Participaram dela no sentido de, por exemplo, valorizar e operacionalizar a indicação do professor, atribuir valor à educação de qualidade (informada pelo professor, em muitos dos casos analisados) e, principalmente, seguir viabilizando a escolha do filho, proporcionando transporte e sustento para que o estudante se dedicasse apenas aos estudos. Cabe aqui, também, lembrar Nogueira, Resende e Viana (2015), que identificam em meios populares o desejo crescente de participação dos pais na vida escolar dos filhos, não havendo passividade, mas, sim, meios de interação que vão da participação em reuniões à liberação dos filhos das atividades domésticas (e também do trabalho), para que possam apenas estudar.

Assim, percebemos que a escolha pela escola de ensino médio técnico federal pelas camadas populares não adveio da família, como nos estudos que tratam da escolha do estabelecimento de ensino abordados na introdução do presente trabalho. No que diz respeito à compreensão do fenômeno, a escolha desses estudantes dependeu da indicação ou influência de seus professores de ensino fundamental ou amigos escolares. Contudo, assim como apontam os estudos sobre a participação familiar nas trajetórias escolares bem sucedidas nas camadas populares, a família participa de outros modos, aqueles possíveis dadas as suas condições concretas de existência. Da mesma forma como Portes (2000) indica o fato de um pai passar a trabalhar como raspador de tacos no período noturno para custear a escolarização da filha como um modo de participação familiar na escolaridade dos filhos em meios populares, também algo semelhante pode ser observado na pesquisa por nós realizada. Neste sentido, se não encontramos atitudes típicas de camadas médias no tocante à escolarização, como, por exemplo, a participação ativa, explícita e bastante diretiva na escolha de escola de ensino médio, vimos pais e mães fazendo o seu possível (liberando filhos do trabalho doméstico, isentando-os da necessidade de exercer trabalho remunerado, pagando transporte escolar, entre outras ações) para viabilizar um desejo do filho ou, principalmente, para realizar a indicação de um professor. Desse modo, consideramos possível concluir que as famílias das camadas populares estão presentes, da forma como as condições sociais, econômicas e educacionais lhes permitem, no processo que redunda na presença de seus filhos-estudantes no IFSP, muito embora esta participação não seja central ou determinante como o é nas camadas médias.

Já a participação da escola, de maneira ampla, nos pareceu, esta sim, central neste processo. Ao analisarmos os relatos dos estudantes, alguns elementos coincidem entre si e indicam essa escolha como uma construção ocorrida no próprio processo de escolarização, em que, por meio dos professores, a atividade de estudo possibilitou a aquisição de conhecimento e o sentimento de capacidade de admissão no vestibulinho. Um processo de interação professor-aluno-conteúdo que motivou e impulsionou o preparo para a prova de seleção e outro sentido para as possibilidades que estavam socialmente predefinidas (como a continuidade dos estudos em escolas da rede estadual próximas às suas residências).

Em especial, esta pesquisa aponta que os professores exerceram papel importante nas histórias analisadas, pois, se não indicaram o IFSP, promoveram incentivo e dedicação extra ao ministrar aulas de reforço para que os estudantes estivessem mais bem preparados para realizar o processo de seleção da instituição. Devemos lembrar Bourdieu (2016a), que também apresenta em seus estudos a importância dos “sucessos excepcionais” e dos “conselhos dos

professores” como viabilizadores da possibilidade de o “liceu” fazer parte do universo das crianças de famílias populares. O autor aponta ser necessário um “capital de informações” para que sejam efetivadas “escolhas que comprometem todo um futuro” das histórias por ele analisadas. Capital este que, ousamos acrescentar, só poderia ter sido oferecido pela instituição escolar e seus atores, uma vez que, no caso das camadas populares, nem os estudantes nem suas famílias detinham essas informações.

Além de um processo de seleção para o ingresso no IFSP – a julgar pelos próprios entrevistados, que afirmaram ser uma prova muito difícil (muitos de seus pares tentaram e não ingressaram), como também pelos professores, que ofereceram reforço nos conteúdos a serem estudados para a prova –, os estudantes passaram por outro processo de seleção. A participação central dos professores de ensino fundamental no processo de escolha pela instituição técnica federal pôde ser observada nos relatos dos estudantes: tanto a indicação quanto o auxílio desses professores não estiveram presentes para todos os estudantes, mas apenas para os “escolhidos”, ou seja, houve uma seleção, por parte dos professores, de uma pequena parcela de estudantes, julgados os mais empenhados, mais dedicados aos estudos, disciplinados, que atingiam as melhores notas. Os eleitos seriam os “bons alunos”, caracterizados por trajetórias escolares bem-sucedidas.

Os dados aqui analisados nos levam ao apontamento de que a escolha pela escola de ensino médio técnico federal pelas camadas populares constitui um processo social de construção de conhecimento, de interações, valorizações e vivências que possibilitam aos estudantes se reconhecerem como detentores de boa performance acadêmica e capazes de passar por um processo seletivo, de reconhecer a oportunidade de ter acesso a um ensino de maior qualidade e de poder dar continuidade à escolarização. Assim, a escolha da escola é uma construção social mediada por seus agentes, mais precisamente por alguns professores do ensino fundamental, que possibilitaram aos estudantes estar em atividade, garantindo a condição objetiva de estudante dos sujeitos aqui analisados. Passado o ensino fundamental, essa condição de estudante ganhou uma dimensão elevada no IFSP, representada pela maior dedicação aos estudos, e isso devido aos elementos de maior densidade de conteúdo, melhor infraestrutura escolar, bons professores, aulas dinâmicas, possibilidade de conhecimento de mundo e continuidade educacional desconhecidos por esses estudantes, garantindo-lhes o desejo de querer estar ali e dedicar-se à atividade de estudo.

Dessa forma, para além de seguir uma indicação, a escolha pela escola de ensino médio técnico federal pelas camadas populares não depende apenas do indivíduo, mas de uma rede de

relações sociais que pode tanto favorecer a educação como a exclusão do aluno, já que a indicação e o auxílio para ingresso no instituto não se fazem presentes para todos os estudantes, mas apenas para alguns escolhidos. Podemos apontar que o ensino fundamental instrumentaliza os sujeitos para o ensino médio. Caberia uma investigação mais específica que se detivesse exclusivamente na análise dos motivos que levam alguns professores a selecionar estudantes e indicar apenas a eles uma escola de melhor qualidade, buscando conhecer mais profundamente quem a escola seleciona, que critérios são utilizados e por que “os bons, a gente tem que salvar, tirar daqui”.

Este estudo mostrou também que se, por um lado, as indicações escolares contribuem para o acesso a um ensino de maior qualidade por parte de estudantes das camadas populares, por outro, elas evidenciam igualmente as desigualdades de oportunidades educacionais. Esta possibilidade de uma educação escolar melhor não é indicada para todos os estudantes das camadas populares, mas, apenas a alguns poucos, a saber, os estudantes bem-sucedidos, os “bons alunos”: são eles os escolhidos. Garantir o acesso de todos a uma educação que possa promover o desenvolvimento humano em todas as suas potencialidades é algo ainda distante da nossa realidade. Mas, é justamente isso que tem movido nossos estudos e nossa atuação profissional. Oxalá todos os estudantes brasileiros possam falar de suas escolas da mesma forma apaixonada e apaixonante como os entrevistados nesta pesquisa falaram sobre o IFSP.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Mesquita. Estudantes com desvantagens sociais e os desafios da permanência na universidade pública. In: PIOTTO, Debora Cristina (Org.). **Camadas Populares e Universidades Públicas**: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 239-272.
- _____. Os Herdeiros e os Bolsistas do PROUNI na cidade de São Paulo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 85-100, jan./mar. 2015.
- BANDERA, Nicolau Dela. Esforçados e “talentosos”: a produção do sucesso escolar na escola técnica federal de São Paulo. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 195-218, jul./set. 2014
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____ (Coord.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999. p. 693-713.
- _____. O capital social - notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Alfredo (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2016a. p. 73-78.
- _____. As categorias do Juízo professoral. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Alfredo (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2016b. p. 205-242.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASTOS, Oliver Guimarães Armando; GOMES, Carlos Francisco Simões. A evasão escolar no Ensino Técnico: entendendo e enfrentando as dificuldades – Um estudo de caso do CEFET-RJ. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 10., 08-09 ago. 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CNEG, 2014. p. 1-13. Disponível em: <www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0019_0.pdf>. Acesso em: ago. 2017.
- BRASIL; República dos Estados Unidos do; Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: www.camara.leg.br. Acesso em Dezembro de 2016.
- _____. Lei nº 8.948, de 08 de dezembro de 1994. Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8948.htm . Acesso em Dezembro de 2016.
- _____. Projeto de Lei nº 3.775 em julho de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb>. Acesso em Dezembro de 2017.
- _____. Lei 11.982, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm Acesso em Dezembro de 2017.

CINTRA, Mariana Simões Ferreira. **A importância da família no processo de escolha pelo ensino médio técnico**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade de São Paulo, Departamento de Educação, Informação e Comunicação, 2013.

COSTA, Márcio. Famílias e acesso diferenciado a escolas públicas prestigiadas: um estudo de caso. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 227-248, ago. 2010.

COSTA, Márcio; KOSLINSKI, Mariane Campelo. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 133-154, jan./abr. 2006.

_____. Quase mercado oculto: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 246-266, jan./abr. 2011.

_____. Escolha, estratégia e competição por escolas públicas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 195-213, maio/ago. 2012.

COULON, Alain. **A condição de Estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador-BA: Edufra, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAUSTER, Tania. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 82, p. 31-36, 1992.

D'ÁVILA, José Luis Piôto. Trajetória escolar: Investimento familiar e determinação de classe. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 19, n. 62, p. 31-63, abr. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100003>. Acesso em: ago. 2017.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

FIGUEIREDO, Natália Gomes da Silva; SALLES, Denise Medeiros Ribeiro. Evasão escolar na educação profissional: quando a escola legitima a exclusão. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO IFSP-I CONEPT, I., 14-18 set. 2015, Sertãozinho-SP. **Anais...** São Paulo: IFSP, 2015. Disponível em: <pre.ifsp.edu.br/submissao/index.php/conept/i-conept/paper/view/74/26>. Acesso em: ago. 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. De escolas públicas estaduais ao Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA): “a fabricação das exceções”. In: PIOTTO, Debora Cristina (Org.).

Camadas Populares e Universidades Públicas: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 45-88.

LAHIRE, Bernard. **O sucesso escolar nos meios populares:** as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LEONTIEV, Alexis. **Actividad, consciencia y personalidad.** México: Editorial Cartago de México, 1984.

_____. **O desenvolvimento do psiquismo.** 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, Marcelo; SILVA, Itamar Mendes. Ensino Médio Integrado no Espírito Santo: Perspectivas do debate acerca qualidade a partir dos resultados do desempenho de estudantes no ENEM. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 26., 2013, Recife. **Anais...** Goiás: Anpae, 2013. p. 1-18. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/MarceloLima-ComunicacaoOraliint.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1987. p. 191-211.

MEC-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Federal São Paulo – IFSP (Serviço Sociopedagógico). **Levantamento qualitativo e quantitativo:** questões para o estudo da evasão. São Carlos: IFSP, 2015. Disponível em: <http://www.ifspsaocarlos.edu.br/portal/arquivos/publicacoes/2015/22_05_ssp_Relatório_EvEvas_2014-2013.pdf>. Acesso em: jan. 2017

_____. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – campus** de São Paulo. 2016a. Disponível em: <<https://spo.ifsp.edu.br>>. Acesso em: dez. 2016.

_____. **Instituto Federal São Paulo – campus** Sertãozinho. 2016b. Disponível em: <<http://srt.ifsp.edu.br>>. Acesso em: dez. 2016.

_____. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP.** 2016c. Disponível em : http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206 Acesso em: Dezembro,2016.

NASCIMENTO, Nayara Dias Pajeú. **A oferta do ensino médio integrado como política pública no Tocantins:** uma análise da percepção dos estudantes. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins; FORTES, Maria de Fátima Ansaloni. A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na sociologia da educação contemporânea. **Paidéia**, Belo Horizonte, n. 2, p. 57-73, 2004.

NOGUEIRA, Cláudio Marques; RESENDE, Tania de Freitas; VIANA, Maria José Braga. Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 62, p. 749-772, jul./set. 2015.

NOGUEIRA, Cláudio Marques M. et al. A influência da família no desempenho escolar: estudo de dados da geração escolar 2005. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 379-396, 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 42-56, jan./fev./mar./abr. 1998.

_____. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, p. 133-144, maio/jun./jul./ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a10>>. Acesso em: ago. 2017.

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. Relação família-escola transmutada: da aderência aos papéis e à experiência social. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 113-123, jan./jun. 2012.

PIOTTO, Debora Cristina. Universitários de camadas populares em cursos de alta seletividade: Aspectos subjetivos. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 2, 229-242, jul./dez. 2010.

_____. Estudantes das camadas populares na USP: encontros com a desigualdade social. In: _____ (Org.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p.133-166.

PIOTTO, Debora Cristina; ALVES, Renata Oliveira. O ingresso de estudantes das camadas populares em uma universidade pública: desviando do ocaso quase por acaso. **Rev. educ. PUC-Camp.**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 139-147, maio/ago. 2016.

PIOTTO, Debora Cristina; NOGUEIRA, Maria Alice. Inclusão vista por dentro: a experiência via Inclusp. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 373-384, set./dez. 2013.

PIOTTO, Debora Cristina; ASBAHR, Flavia da Silva Ferreira; FURLANETTO, Flávio Rodrigo. Significação e sentido na psicologia histórico-cultural: implicações para a educação escolar. In: MOURA, Manoel Oriosvaldo (Org.). **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2017. p. 71-100.

PORTES, Écio Antônio. A vida universitária de estudantes pobres na UFMG: possibilidades e limites. In: PIOTTO, Debora Cristina (Org.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 167-238.

PORTES, Écio Antônio; SOUZA, Letícia Pereira de. O nó da questão: a permanência de jovens dos meios populares no ensino superior público. In: SEMINÁRIO 10 ANOS DE

ACÇÕES AFIRMATIVAS: CONQUISTAS E DESAFIOS, 21-22 nov. 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ; Flacso do Brasil; GEA – Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil, 2012. Disponível em:

<http://flacso.org.br/files/2015/03/Apresentacao_Ecio_Portes.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 61-80.

REGO, Tereza Cristina. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, Marta K.; SOUZA, Denise T. R.; REGO, Teresa C. (Org.). **Psicologia, educação e temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 47-76.

RESENDE, Tania de Freitas; NOGUEIRA, Cláudio Marques M.; NOGUEIRA, Maria Alice. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, out./dez. 2011.

ROMANELLI, Geraldo. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P.; VILELA, Rita A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 245-264.

SOUZA, Maria do Socorro Neri Medeiros de. Estudantes de origem popular nos cursos mais seletos da UFAC. In: PIOTTO, Debora Cristina (Org.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 89-132.

TETZLAFF, Iris Maria Bosco; PIOTTO, Debora Cristina. Longevidade escolar nas camadas populares: o papel da escolha da escola. In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL SUDESTE DA ANPED, 12., 13 jul. 2016, Vitória-ES. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. p. 233-239.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VIANA, Maria José Braga. Em que consiste a excelência escolar nos meios populares? O caso de universitários da UFMG que passaram pelo programa bom aluno de Belo Horizonte. In: PIOTTO, Debora Cristina (Org.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 13-43.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fortes, 2009.

APÊNDICE “A”

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Olá, tudo bem? Meu nome é Iris, sou filha de um pedreiro e uma costureira, que me incentivaram a estudar, e realizei meus estudos, grande parte, em escolas públicas. Também passei por um processo de escolha pelo ensino médio público, passei por um vestibulinho, ansiedade e muito mais. Continuo estudante e gostaria de lhe falar um pouco sobre a pesquisa que estou realizando e sobre o que conversaremos na entrevista.

Eu venho estudando “longevidade escolar em meios populares”, e nesses estudos observei que “a escolha da escola de ensino médio teve um importante papel na constituição das trajetórias de sucesso”, o que me estimulou **investigar e conhecer como se dá o processo de escolha da escola de ensino médio público pelos estudantes**. Estou interessada em conhecer as histórias dos estudantes, o percurso educacional, a rede de relações e as expectativas educacionais e de futuro.

Fizemos um primeiro levantamento, procurando investigar de quais escolas públicas provêm os estudantes ingressantes em duas importantes universidades públicas, e ganharam destaque os alunos oriundos de escolas públicas técnicas federais. Outros estudos nos mostraram que as escolas federais se destacam em diversos aspectos analisados nos trabalhos, como critérios de escolha, aspectos culturais e de acompanhamento educacional. Nesses estudos também vimos a força dos condicionantes sociais nas escolhas e, por isso, buscamos, mediante uma rede de relações, selecionar os estudantes de ensino médio técnico federal para realizar as entrevistas e verificar **como se dá o processo de escolha pela instituição técnico federal**.

Por isso, eu gostaria de:

- Conhecer sua experiência, ouvir suas lembranças e histórias marcantes da época de escola. Gostaria que você me contasse sobre momentos ou pessoas que marcaram sua vida, em seu percurso educacional.**
- Saber como você chegou até a escola onde você está estudando atualmente.**

Questões a serem abordadas, caso não tenham sido mencionadas:

- Você conhecia a oferta ou opções de escolas de ensino médio? Quais eram?
- Em que momento o ensino médio técnico federal surgiu como opção de escolha para você?

- Por que escolheu essa escola? Você recebeu algum tipo de orientação?
- E a escolha pelo curso, como foi? Por que escolheu esse curso, especificamente? Houve orientação ou participação de alguém?
- Qual sua relação com os estudos?
- Em quais escolas você já estudou? (pública, particular e períodos). Como foi a trajetória, como foram as relações com amigos, professores?
- Como foram os últimos anos do ensino fundamental? Como foi a trajetória, como foram as relações com amigos e professores?
- Quais suas expectativas com o ensino médio e com o término dele?

- Qual sua idade?
- Em qual cidade e em qual bairro você reside?
- Quantas pessoas moram em sua residência? Quem são? (Idade, escolaridade, parentesco, trabalho ou ocupação)
- Vocês conversam sobre os estudos?
- Quem contribui para as despesas da família?
- Você trabalha atualmente ou já trabalhou? (Qual atividade, remuneração, horários, ambiente de trabalho, hierarquia, o que o levou a esse emprego, suas expectativas, e qual a percepção da família com relação ao seu emprego?)
- O que você faz nas horas de lazer?
- Gostaria de acrescentar algo ao que já foi dito?

APÊNDICE “B”

ENTREVISTA DO ESTUDANTE LUIZ

Iris: Apresentação e questão principal.

Luiz: Há..., primeiramente eu acho que a creche, a partir da creche eu fui..., era pública, eu estudei somente em escola pública, e a creche assim foi que deu uma base, um fundamento pra mim legal. Porque eu gostei bastante, eu lembro..., eu não me lembro muito bem né... faz bastante tempo, mas eu recordo de bons momentos e aprendizados que eu tive lá que às vezes me ajudam até hoje. Aí, nisso era em [cidade A] que eu fiz a creche, aí depois eu mudei pra [cidade C], que é onde eu comecei a estudar no..., no fundamental. Aí teve uma... como que eu vou dizer..., há assim..., é...

Iris: Você cursou o ensino fundamental lá em [cidade C]?

Luiz: Isso. Aí eu comecei lá, só que aí, eu não sei como que, que acontece, tipo assim..., eu faço aniversário em setembro, que é no segundo semestre do ano, aí lá tinha algo da escola assim, que como eu fazia no segundo semestre do ano e eu mudei e eu fui para lá no meio do ano, eu não consegui entrar na escola, eu não consegui pegar a vaga. Então eu fiquei meio ano sem estudar e depois eu retornei, na..., aí no próximo ano retornei na mesma série que eu já estava fazendo. Então tipo assim, automaticamente eu fiquei um ano já pra trás devido eu fazer aniversário no segundo semestre. Mas aí tudo bem, aí..., aí o primeiro, o segundo ano, terceiro, quarto, quinto assim, foi..., há... foi muito bom. Eu tive, sempre mantive os mesmos amigos, a gente sempre caíamos assim, nas mesmas salas, e os professores..., os professores eram excelentes, sempre me ajudou no que eu precisava, ensinou de acordo com a minha capacidade, eu conseguia aprender, entender, e hoje eu sou muito grato a eles. E..., o que mais que eu posso dizer..., há, de problemas assim da escola, até o quinto ano era uma escola, não tenho nenhum problema a dizer a ela, era excelente, eu ficava em período integral né, de manhã até à tarde, e sempre foi bacana estudar lá, eu sempre gostei, meus pais também aprovaram a escola, os professores. Aí já quando eu fui pro..., no..., aí pro sexto ano, aí eu fui pra outra escola, que é de lá de [cidade C] também. Aí a escola lá, assim, é boa, excelente, tem professores legais, mas já não era com a mesma qualidade de ensino que eu tinha antes, porque muitos..., os alunos lá,

há..., assim, não sei se por estarem já crescendo, amadurecendo, tipo..., tem muitos que não davam valor e acabavam que..., dentro de uma sala de aula poucos queriam estudar, que realmente estavam ali pra aprender, e muitos não, muitos acabavam atrapalhando a aula. Mas, assim, dos professores em si, do sexto, sétimo, e oitavo ano, não tenho nada a dizer sobre eles, eu sempre quis estudar, sempre estudei, sempre estava me esforçando e eles me ajudando, estavam retribuindo esse esforço meu, independente se a sala estava colaborando ou não. Aí do oitavo, nono, e o primeiro, que inclusive eu já tinha feito o primeiro lá também, aí foi mais umas..., umas mudanças assim, mais drásticas ainda, por causa que aí cada ano assim, que foi passando, menos alunos estavam concentrados em estudar, e mais estavam lá só por estar, só por marcar presença. Mas..., não sei..., os professores sempre estavam ali comigo, presentes ali, me ajudando, passando a matéria pra mim, para eu ir fazendo, e foi no..., no nono ano, a professora de português, ela mora aqui perto e estava sabendo..., ela sabia né, do processo, do processo seletivo pra poder entrar, aí ela chegou no nono ano e falou para mim e pra mais uns colegas meus que..., que tinha o processo para a gente poder se inscrever, tentar fazer a prova né.

Iris: Processo seletivo aqui, do Instituto Federal [da cidade B]?

Luiz: Isso, processo seletivo aqui do Instituto [da cidade B]. Aí ela falou pra gente, aí eu fui na internet fiz a inscrição e vim aqui em [cidade B] fazer a prova. Aí na primeira vez que eu tentei eu não consegui, não sei por quê, a quantidade de acertos da minha primeira vez que eu fiz e da segunda vez, foram uma..., uma diferença de 5 questões, mas a primeira vez eu não consegui entrar. Aí eu fiquei lá e fiz o primeiro ano lá de novo, aí eu pensei em continuar lá o primeiro, segundo e terceiro, só que aí eu..., assim, eu me decepcionei por causa que, tinha, como que eu vou..., por exemplo, umas duas matérias que não tinha professor, aí eu fiquei o ano inteiro sem aquela matéria, e o conteúdo lá, tinha aqueles caderno do aluno que eles falam que é apostila né, praticamente os professores, alguns, a maioria quase, dava aula somente em cima daquilo, então tipo assim, pediam pra gente fazer, a gente fazia, aí eles davam uma provinha no final, qualquer coisa e dava nota.

Iris: Isso era uma escola lá de [cidade C] ?

Luiz: Isso, era lá de [cidade C].

Iris: E era Escola Estadual ou Municipal?

Luiz: Era Estadual. A primeira que eu me referi, que eu fiz até o quinto ano, era Municipal. A escola foi excelente, agora essa, é a Estadual que eu fiz do sexto ao primeiro lá, aí então, acontecia isso, as professoras, os professores davam aula muito em cima, sobre apostila, alguns..., e poucos que davam aula assim, diferente, de outros..., pode até ser o mesmo conteúdo, mas dava aula sem utilizar o caderninho do aluno. E essa professora de português era uma delas, ela não dava muito..., ela falava assim que não gostava muito, que às vezes misturavam um pouco do conteúdo, do..., do conteúdo, da matéria, e aí ela dava a aula dela, a aula dela era boa, excelente. Aí ela me indicou, fiz a primeira vez e não consegui, aí eu fiz o primeiro, novamente lá, eu fiz o primeiro novamente não, eu fiz primeiro lá! Aí aconteceu isso, umas matérias que não tinha professor, aí a gente ficou o ano inteiro sem ver nada sobre aquela matéria, e tipo assim, aí os professores, não sei se eram tática deles, mas realmente deu pra perceber que eles só estavam ali e davam aula para aqueles que queriam, que queriam mesmo estudar, e estavam deixando os outros de lado, abandonava. Muitos às vezes, nem marcavam presença dos alunos, chegava no fim do bimestre dava presença aleatória pra todo mundo, mas é assim, por eu sempre me destacar, eu não..., aí não acontecia nada comigo assim de falta, essas coisas, eu sempre ia, nunca fui de faltar. Mas, aí eu percebi que devido eu não ter aula de certos conteúdos no primeiro, e um baixo, uma baixa qualidade do ensino que eu estava tendo, eu percebi que eu, eu ia ter capacidade pra continuar ali no segundo e no terceiro, porque eu gosto de estudar, é algo que, tipo assim, me interessa que vai, vai fazer meu tempo valer a pena, de eu parar ali e fazer aquilo, mas eu percebi que, tipo assim, pro meu futuro já não iria me ajudar, que ia me trazer problema, tipo, se eu fosse fazer um vestibular pra tentar entrar numa universidade pública, eu não..., com o ensino que estava tendo lá, não que eu estou desmerecendo a escola mas, só com aquele ensinou eu não ia conseguir. Aí foi aonde eu resolvi fazer inscrição de novo aí eu passei, aí depois que eu passei, eu ainda pensei bastante porque eu ia ter que voltar pro primeiro novamente. Por um lado eu ainda estou decepcionado, estou meio chateado que eu voltei o primeiro, mas aí eu fiz a inscrição, vim né, mas por outro lado compensa, está compensando essa mágoa que eu estou sentindo de ter voltado, por causa que eu estou vendo matérias diferentes, estou vendo coisas a mais do que eu não via, estou tendo aulas de todas as matérias e mais a técnica ainda, que pode ser..., que possa ser que eu goste e queira seguir nisso, nessa área porque, eu ainda não sei o que eu pretendo fazer, alguma

faculdade assim, não sei que área que eu pretendo seguir. Mas eu sempre quis estudar e sempre me esforcei pra isso. Acho que é isso...

Iris: Quando essa professora o orientou pra você fazer o vestibulinho aqui, no Instituto Federal, você tinha outras opções de escola de ensino médio ou só essa onde você fez o primeiro colegial?

Luiz: Então, tinha essa, e eu fiz a inscrição só pro instituto, mas também tinha ETEC [Escola Técnica Estadual - Centro de Educação Tecnológica Paula Souza], só que eu não consegui pegar o prazo de inscrição eu perdi, aí eu não consegui fazer inscrição na ETEC, então eu realmente fiz a inscrição só aqui na primeira vez, aí já na segunda vez, que eu tentei aqui de novo eu fiz a inscrição aqui, e fiz a..., a..., o vestibulinho no SENAI [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial] também, só que meu foco mesmo era aqui, porque o SENAI ele não oferecia o ensino médio, ele oferecia só o técnico. Aí eu acabei que consegui passar aqui e no SENAI também, passei nos dois, mas meu foco maior era aqui, porque eu estava buscando um ensino médio melhor e não o técnico, porque realmente o técnico aqui eu..., escolhi por causa que..., tinha que escolher, pra poder fazer, vamos se dizer assim, mas meu foco maior era só o ensino médio, ter um aprendizado melhor, só isso.

Iris: E a escolha do curso, como foi?

Luiz: Deixa eu ver..., a primeira vez que eu fiz eu escolhi para química, aí eu não consegui, aí pela segunda vez eu pensei..., eu fui meio pessimista, eu falei: “não a primeira vez eu tentei pra química e não consegui, e agora eu não vou tentar pra química de novo”, aí foi onde eu tentei pra automação, aí eu passei, aí eu fiquei em automação. Mas, mudou meu pensamento, antes eu pensava que era algo que eu não ia gostar, que eu não ia querer, mas, pelo que eu estou vivenciando aí na escola é algo bem legal, estou..., estou gostando bastante e posso sim, no futuro, pode acontecer de eu seguir nessa área mesmo.

Iris: Como é seu relacionamento aqui, no Instituto, nessa fase do ensino médio, com amigos e com professores?

Luiz: Há, com amigos assim..., há, tipo, eu acho que é igual em todas as escolas, pelo menos

foi comigo, o relacionamento com os amigos. Há, a gente só percebe a diferença da amizade, de tipo assim, aqui eu sei que meus amigos, todos, querem estudar e quando a gente vai estudar, a gente vai fazer algo certo, vai estudar e focando no estudo. Nas outras escolas não, às vezes a gente combinava com o amigo de estudar e acabava que saía uma brincadeira aqui, uma brincadeira ali e não saía nada no final. Mas, o relacionamento assim de amizade é o mesmo, só que aqui você tem uma influência de que se você precisar estudar e você não quiser ir, seu amigo vai te influenciar a estudar, “não, faça, você tem que fazer”. E com os professores, há é muito legal, porque eles te ajudam, te apoiam, tudo, é...,há..., eles conversam com a gente, pra gente fazer as coisas, pra gente ter um futuro excelente, pra gente conseguir passar numa universidade pública, e é legal que aqui eles tem um horário de atendimento do professor ao aluno, que nas outras escolas não tem isso, então tipo assim, a gente pode vir fora do horário de aula e tirar uma..., e conversar com o professor sobre a matérias, fazer um exercício que ele passou que a gente não consegue, é isso ele..., eles nos dão um suporte muito legal e bastante eficiente, explicam bem a matéria, não deixam muitas dúvidas. Mais é aquela pressão de estar no Instituto, de que é difícil, mas você vir e acabar fazendo, entendendo as coisas, acaba que não fica tão difícil.

Iris: Seus pais fizeram ensino médio? Como foi a escolaridade deles?

Luiz: Então..., o meu pai, ele..., antes era, acho que era até o segundo colegial né, não tinha até o terceiro, e meu pai acho que ele completou até o segundo naquela época, já minha mãe não, minha mãe fez até o quarto, ela teve que parar pra..., porque o pai dela não deixava ela estudar, tinha ciúmes né, aí colocou ela pra trabalhar cedo, aí ela não terminou de estudar, aí depois de um bom tempo assim, aí que ela..., que ela conheceu meu pai, aí eles casaram, aí meu pai convenceu ela, aí ela fez o supletivo e terminou os estudos.

Iris: Do ensino fundamental e médio, ou só do fundamental?

Luiz: Isso. Então do fundamental eu tenho certeza que ela terminou, agora do médio eu não me recordo se ela fez do médio, agora do fundamental eu tenho certeza que ela fez, agora do médio não me lembro, acho que ela só começou.

Iris: Qual a profissão deles?

Luiz: Então, o meu pai, o último emprego dele, ele era sócio de uma lanchonete na Rodoviária, mas o meu pai sempre foi açougueiro. Agora no momento ele está desempregado, ele desfez a sociedade, e está aí, trabalhando de moto taxista autônomo, procurando alguma coisa, tentando como açougueiro de novo. E minha mãe sempre trabalhou em escritório, recepção, e agora no momento ela também está desempregada. Minha mãe também já limpou como diarista, é assim, agora não sei o que que eles vão fazer agora. Mas minha mãe está procurando emprego na área de administração e recepção também, esta parte de escritório, e meu pai também tá procurando emprego assim nas áreas que ele já trabalhou.

Iris: Você trabalha?

Luiz: Eu trabalhava com meu pai, quando ele era sócio lá da lanchonete eu trabalhava com ele, por causa que o horário que eu estudava na outra escola favorecia. Aí quando eu entrei aqui no Instituto aí eu parei, por causa que o horário aí já ficou meio apertado, aí eu precisava de um, de um..., de algumas horas a mais para estudo, aí eu parei, aí agora eu trabalho só aos domingos na parte da manhã, assim das oito à uma hora.

Iris: Com quem você tem mais afinidade para conversar sobre a escola, sobre os estudos? Você tem o hábito de conversar sobre isso em casa?

Luiz: Sim, sim com os dois. Não é tipo assim, eu tenho mais afinidade com um ou com o outro, é os dois. Se eu vou falar..., quando eu vou falar assim da parte da escola assim, às vezes eu falo só com um se o outro estiver ausente, mas geralmente é eu e os dois pra gente conversar sobre escola, ensino, meus pais sempre me apoiam, me dá força para mim continuar vindo, às vezes eu estou muito cansado, não quero fazer, aí eles: “não, você tem que descansar, você não pode carregar muito a mente”, mas eles sempre me apoiam quando eu vou conversar, em relação assim, se eu tô com um problema na escola ou não, alguma dificuldade em alguma matéria, sempre os dois ali juntos, nunca é um sozinho.

Iris: Quando você falou em vir para o Instituto, quando sua professora comentou sobre o Instituto com você, o que eles acharam?

Luiz: Há, acharam bom. Porque meu pai, depois que eu falei, ele sempre quis que eu viesse para cá, ele já conhecia já a escola, ele já tinha passado em frente, como é que eu vou dizer,... Eu não conhecia, meu pai já conhecia, ele já tinha visto, aí tipo assim, quando eu falei que eu queria vir, eles apoiaram a ideia, falou: “não, você quer ir mesmo?”, eles só perguntaram se era realmente o que eu queria, se eu estava disposto a..., como é que eu vou dizer, se eu estava disposto assim, a pegar meu tempo e direcionar realmente a estudo, porque aqui eu estudo bem mais do que eu que eu estudava na outra escola, aí eu falei é que eu estava, que era isso que eu queria, aí eles falaram eles sempre, ai eles falaram que iam me apoiar só, no que eu precisasse. Por causa que, como eles não tiveram oportunidades na minha idade pra estudo, então eles falaram assim que não queriam que eu vivenciasse a mesma dificuldade que eles vivenciaram, para mim chegar no futuro e estar igual eles hoje. Não tem assim, um ensino de qualidade, então devido a isso não conseguem um trabalho mais fácil, aí eles simplesmente querem que eu estude. Meu pai..., eu trabalhava, aí eu falei pro meu pai que eu ia parar de trabalhar pra estudar, e ele não me questionou por isso, ele falou assim: “não, você realmente quer parar? Quer estudar?”, e eu falei: ”eu quero”, então ele falou assim: ”então tá bom, eu vou te tirar.” Aí ele foi lá e me tirou, deixou eu só estudando, aí... fora isso...

Iris: Quando essa professora falou sobre o Instituto, você pensou na distância?

Luiz: Nesse caso assim eu não pensei tanto em relação à distância, porque a frequência de ônibus daqui para lá e quanto de lá para cá, é bem grande, é tipo assim..., é bastante..., tem bastante horário de ônibus que dá pra eu chegar a tempo aqui. Mas eu não sei..., como é que eu vou dizer..., eu fui analisar essa parte de vir, depois que eu fiz, depois que eu entrei. Porque no entanto meu pai falou que se eu entrasse ele ia dar um jeito de me trazer, ele mesmo me trazia para eu poder vir, então não teve muito pensamento da distância, assim de lá para cá.

Iris: Por que você acha que ela indicou essa escola para você e para os seus amigos?

Luiz: Assim ela era uma pessoa, uma professora bem experiente já, e ela era muito amiga dos alunos. Então, ela via nosso desenvolvimento, nosso andamento..., e eu acho que ela indicou por saber que a gente tem capacidade de vir e conseguir fazer, de querer o bem pra nós alunos.

Iris: Ela comentou geral, para a turma toda, ou chamou um grupinho selecionado?

Luiz: Ela chamou um por um, chamou separado fora da aula, fora da sala de aula e falou né, ela não falou para todo mundo. Mas na escola tinha um cartaz lá, de..., do Instituto, mas para mim e pro... meus outros amigos que ela falou, foi separado, não foi pra a sala toda, foi mais pessoalmente.

Iris: E como você foi como aluno? Gostava de estudar?

Luiz: Sim, sempre gostei.

Iris: Passou por repetência ou recuperação?

Luiz: Ah..., assim..., eu agradeço hoje a todos os professores e eu tenho, foram excelentes professores, por justamente isso, nunca reprovei, nunca fiquei de recuperação, sempre fui um aluno de notas altas, boas notas. Mas eu não me considero que eu sou tipo assim, que eu sou um excelente aluno, eu me considero assim que, eu gosto de estudar e eu faço isso naturalmente, então tipo..., eu gosto de estudar e tenho que estudar, então eu junto as duas coisas e sai um resultado bom. Eu não vou dizer assim que: “ah eu sou um excelente aluno”, e falar que aquele, que aquela outra pessoa não é um excelente aluno, não é simples, a diferença é que eu me esforço em aprender, e eu quero aprender. Às vezes ele não, às vezes o conceito dele é outro, às vezes ele quer fazer outra coisa que goste, mas, devido ao meu esforço ao meu andamento, as minhas notas sempre foram altas, eu sempre tive um bom andamento na escola, relacionamento com professores e colegas dali sempre foi legal.

Iris: E suas expectativas, ao término do ensino médio? O que você pretende?

Luiz: Então, aí..., eu não sei viu, o quê que eu pretendo. Eu não sei em qual outra área que eu quero estudar quando eu terminar o ensino médio, eu parei pra pensar já, mas nada me vem na cabeça assim de falar: “não, é isso que eu quero, e é isso que eu vou fazer.” Tem várias coisas que eu gosto de fazer, que eu sei fazer, eu me dou bem com matemática, já pensei em..., continuar estudando nessa área matemática, mas..., também não sei se é isso. Também já pensei em..., seguir, em..., como é que eu vou dizer assim..., ah eu me alisto, então já pensei muito se for chamado, de seguir numa carreira militar, no exército ou mesmo até, se eu não conseguir,

tentar alguma coisa na Polícia Militar, essas coisas mas de faculdade pra frente, depois do ensino médio eu ainda eu não tenho uma ideia concreta do que eu quero.

Iris: Você tem pretensão de trabalhar na área do ensino técnico que você está cursando?

Luiz: Ah..., não é bem uma pretensão, mas tipo assim..., eu penso assim..., se eu não conseguir em outras áreas, já que eu me dou bem com essa área, eu posso tentar também. Às vezes eu não consigo entrar na área que eu quero, e essa eu já estou..., eu já vou sair qualificado como técnico, então eu posso tentar nela também. Eu penso assim, que se eu não conseguir na outra eu tento pra ela.

Iris: Você tem horas de estudo, momentos de estudar em casa?

Luiz: É mais aleatório. Aí acaba que viram momentos de estudo às vezes quando eu marco com alguns grupos da minha sala, quando formam grupos pra fazer trabalhos, aí a gente marca, aí viram, que a gente fica ali algumas horas ali estudando, ou às vezes quando tem alguma tarefa para a gente fazer em casa, é nessas horas, mas não tem uma hora certa que todo dia eu falo: “não, todo dia tal hora eu vou estudar”. Eu não me preocupo muito por causa que aí eu não durmo legal, se eu ficar preocupado aí eu fico muito ansioso, aí eu não consigo dormir, aí eu fico pensativo, começa a me dar dor de cabeça se eu ficar muito pensando naquilo, então eu deixo vir a vontade, aí eu vou lá e faço.

Iris: O que que você gosta de fazer nas horas de lazer?

Luiz: Tipo assim, eu gosto bastante de estar com a família, com meus pais, meus avós, tios, todos reunidos. Lá em casa, tipo assim, todo domingo todo mundo se reúne na casa da minha avó, e é o que eu gosto de fazer, eu vou lá fico com a família, a mente viaja um pouco desse mundo da escola, assim, sair um pouco fora. Ah, e é esses momentos que eu gosto assim, ou às vezes eu fico conversando com os amigos pelo celular, jogando algum jogo, essas coisas que eu fico fazendo.

Iris: Quanto aos projetos que há no Instituto, alguns projetos são remunerados. Você participa de algum deles ou mesmo de outro, que não seja remunerado?

Luiz: Então eu não participo, porque eu acho que aos primeiros anos, para os primeiros anos não tenho assim..., ah eu acho que eles exigem a partir do segundo ano para poder participar dos projetos. Eu não sei qual a finalidade deles, se é do aluno, por estar no primeiro, de conhecer a escola, ver como é o andamento, mas tem alguns projetos que abrem vagas para o primeiro ano, mas são poucos, mas mesmo assim eu ainda não participo deles. Mas a partir do segundo ano que eu estiver eu pretendo participar sim deles, não mesmo por causa da remuneração mas tipo assim, por causa de uma experiência a mais, por causa de um curso mais que a gente vai estar fazendo. Essas coisas assim.

Iris: Existe algo mais que você gostaria de acrescentar? Existe algum outro ponto, positivo ou negativo, do Instituto, do ensino médio ou do ensino fundamental, que você gostaria de acrescentar?

Luiz: Ah..., eu só acho assim..., que eu estudando aqui, agora eu tenho chances ter uma educação, uma universidade, com uma qualidade bem maior do que se eu estivesse, do que se eu estivesse continuado estudando onde eu estava. Aqui eu acho que vai me abrir portas para um futuro melhor, um futuro mais amplo, que eu posso escolher as coisas assim..., de maneira mais fácil que não vai me prejudicar.

Iris: Então você acha que valeu a pena deixar aquele ano para trás e continuar?

Luiz: Com certeza. E tenho alguns amigos meus que estão fazendo o primeiro ano lá agora também na escola [da cidade C], e que eu estou tentando conversar com eles, estou tentando convencer eles a também perderem o ano, perderem assim, entre aspas né..., porque aqui ele vai, ele vai ser recompensado por isso, mas estou tentando convencer eles em vir fazer o processo seletivo de novo pra entrar, por causa que aqui vai mudar a vida deles. Então tipo assim, porque a minha vida escolar do que eu vivi do meu fundamental até do primeiro que eu fiz lá, aqui mudou tudo, aqui eu entrei aqui, é como se eu tivesse começado a estudar novamente, eu ver..., tenho uma visão diferente de educação, de ensino, de escola. É isso, também uma visão diferente do mundo, porque aqui eles mostram muita coisa para gente que tá acontecendo, uma coisa que eu, as outras escolas não comentavam muito, ah..., é igual essas leis que estão aprovando, que querem reduzir ensino médio, e fazer corte..., as outras escolas

nem apresentavam, elas simplesmente aceitavam o que estava acontecendo, deixava o governo fazer. Já aqui não, eles tentam colocar uma visão na gente de que a gente veja assim, que eles estão querendo tirar a nossa educação, que a gente lute por isso. É assim, aqui é uma escola excelente, pretendo continuar estudando aqui, pretendo até fazer um, um superior aqui, porque eles oferecem cursos superiores aqui também e pretendo continuar aqui e indico para muitos amigos, eu indico praticamente pra todo mundo que me pergunta sobre ela, eu falo: “não, vai e faz”, porque eu gosto bastante.

Iris: Em sua escola do nono ano havia bastante divulgação ou não?

Luiz: Então..., tinha poucos cartazes, poucos assim que eu digo, uns 2 ou 3 na escola que tinha. Mas, quase..., quase ninguém parava para ler, para ver o que que era. Eu mesmo não vi pelo cartaz, só fui ver o cartaz depois que a professora tinha me falado, senão eu também nem estaria sabendo da escola.

Iris: Eu gostaria de lhe agradecer. Obrigada pelo seu tempo.

Luiz: Por nada.

APÊNDICE “C”

ENTREVISTA DO ESTUDANTE GILBERTO

Iris: Apresentação e questão central.

Gilberto: É... Ok. Meu nome é Gilberto, sou estudante daqui do Instituto, campus de [cidade B]... Não sei se tá muito baixo minha voz, mas, é... Falando da grade básica..., é quando eu era criança eu fiz Creche, acho que cerca dos 2 aos 5 anos, daí então eu entrei no “Parquinho” que eu não lembro o nome, não sei qual que era..., vamos dizer que eu fiz o primário e aí quando eu terminei o primário, que era grade básica, desenho, essas coisas assim, no máximo letra de forma, mas eu não tenho certeza... Aí eu fui pro 2º ano do Ensino Fundamental, que eu acho que foi quando começa a mudança entre 2º ano, 1º ano, que eu acho que ainda não existia o 1º ano. E aí como eu tinha acabado de fazer o primário eu passei pro 2º ano.

Iris: É, antigamente era série, e depois passou para o ensino de 9 anos.

Gilberto: Sim... Aí começou essa mudança de ano invés de série, enfim, eu fui pro 2º ano. No meu 2º ano do Fundamental eu fiz, logo de início, foi no [escola municipal 1] daqui de [cidade B].

Iris: Você morava aqui em “cidade B”?

Gilberto: Sim. Eu morei até 2011 aqui em “B”. Então eu cursei durante acho que uns 2, 3 meses no [escola municipal 1], o 2º ano, e aí eu tive que mudar. E aí eu fui pra outra escola, pública também, como o [escola municipal 1]., era o [escola municipal 2]. E eu estudei lá durante o 2º e parte do 3º ano, eu sempre mudei bastante. E era uma escola que tinha dois andares, é..., a infraestrutura era legal, os professores ficaram até surpresos, porque quando eu cheguei eu sabia ler e tals e a grande maioria dos estudantes ainda não sabiam. Eu lembro até hoje, porque foi bem marcante. E..., acho que no 2º semestre do meu 3º ano eu tive que trocar de escola de novo, porque eu mudei. Aí eu fui pra escola [escola municipal 3]. Acho que é assim.

Iris: Quais os motivos das mudanças? Você mudava por conta das escolas serem próximas da sua casa?

Gilberto: Sim, exatamente isso. Eu mudava de casa então tinha que mudar de escola. E o [escola 3] com certeza foi a escola pública Municipal, pelo menos no meu Ensino Fundamental, que teve a maior qualidade, assim, em professores, infraestrutura, foi uma escola muito marcante porque eu estudei do 3º ao 4º ano. Aliás, perdão, do 3º ao 5º ano mesmo. Eu concluí a grade do Fundamental I lá. Ah! E eu tive uma professora de Português chamada Bete, e ela era muito..., vamos se dizer assim..., ela exigia bastante dos alunos e ela era muito técnica ao retratar as matérias. Mas ela, é..., e o fato dela pegar no pé, vamos se dizer assim, abraçar alguns alunos pra pegar mais ainda..., sei lá, me tornou muito mais forte e muito mais focado nos estudos. Durante todos esses anos eu sempre gostei de estudar, mas eu acho que o que deu um rumo e um foco, tipo, falou “vai!” foi ela. E isso eu tava no 4º ano ainda, então isso foi muito importante pra marcar mesmo, assim, minha carreira como estudante. E aí quando eu tava no 5º ano, acho que em outubro/novembro, ah, já tava basicamente com todas as notas fechadas, eu tive que me mudar. E aí eu não participei da formatura do Fundamental I, e aí eu mudei pra [cidade C]. Foi quando teve o período das férias e tals, e aí entrei na escola Estadual também pública, que é a [escola estadual 4]. E aí foi começando a trajetória... E lá basicamente eu fiz meu Fundamental II inteiro, não me mudei mais. Que foi 6ª, 7ª, 8ª e 9º ano. E a escola não tinha muita premiação com relação à Olimpíadas, aluno destaque, essas coisas assim. As Olimpíadas que eles propunham Português e Matemática e no máximo o concurso da EPTV.

E no..., no 8º ano eu fui considerado aluno destaque, que foi o 1º ano que eles fizeram o concurso (pausa). É! No 7º ano eu passei na OBMEP, na 1ª fase, mas eu não pude fazer a 2ª..., a 2ª etapa. No 9º ano..., tá, eu passei na OBMEP de novo e aí eu fiz a 2ª fase e eu ganhei menção honrosa. E minha professora de Português, Rosa, também muito importante na minha carreira também como aluno, é..., ela me chamou pra fazer a redação da EPTV e, ao todo, assim, acho que ela chamou uns 30 alunos. Só que aí eles em si fizeram uma seletiva pra saber quem era o melhor das redações. Eu não lembro o tema, acho que é... Ah, nem vou tentar lembrar, que vai registrar tudo meio errado. E eu lembro que minha redação foi uma das escolhidas pra enviarem. Não tive nenhum resultado com relação à EPTV, mas foi muito gratificante saber que foi passado na seletiva. E no 8º ano, eu esqueci de citar, eu fui escolhido pelo professor Sebastião, meu professor de Geografia, pra representar o projeto na escola..., representar pra fora, é..., em um concurso que tinha sobre sustentabilidade. E fizeram uma votação na escola entre os alunos

do 8º, 7º e 6º ano e o meu projeto também foi escolhido pela escola. E aí eles fizeram uma seletiva com a teoria, eu tive que apresentar, e tals, e não fui escolhido pra ir, pra ir pras outras cidades na próxima etapa, mas houve uma premiação na faculdade [nome da faculdade] aqui de [cidade B] e eu vim aqui e eles premiaram, fizeram todo, a gratificação, aplaudiram, agradeceram pela participação e tals. E eles me deram acho que um livro, uma medalha como representante da escola e tals, e algo assim. Foi..., foi..., acho uma reunião de umas 5 horas, lá dentro fizemos uma interatividade entre os alunos pra... Ah, não lembro muito bem porque já faz muito tempo.

E... Foi muito marcante a escola. Mais ou menos em março? É, em março, do meu 9º ano, eu não vou lembrar o mês, eu acho que era o ano, era de 2013, eu acho..., sim. Eu comecei a ficar mais reflexivo com relação a entrar no Ensino Médio, porque era algo totalmente novo. Aí um desses dias, assim, de reflexão, minha professora Roberta de Geografia é..., ela veio conversar comigo porque tava no início ainda, mas, ela pegou e perguntou pra mim se eu tinha intenção de ficar ali ainda, o que eu ia fazer quando chegasse no 1º ano. E eu peguei e falei que eu não fazia a menor ideia! Que ia continuar estudando, normal. E aí ela pegou e falou pra mim dessa instituição do campus aqui de [cidade B], ela falou pra mim explicando de uma maneira muito grandiosa, que era uma escola que eleva muito os alunos, tem muitos recursos, ajuda, tem curso Técnico; falou que os professores tinham horário de atendimento, que realmente os professores ajudavam. E ela falou que sinceramente era muito melhor do que onde a gente estava, porque como é a frase que os professores sempre falam que “os bons, a gente tem que salvar, tirar daqui”. Quando você encontra esses professores, assim, você realmente ouve. Eu fiquei muito reflexivo, eu fiquei totalmente sei lá, iludido, desorientado querendo saber. E aí no mesmo dia eu entrei no site e não vi nada de inscrição! Pra mim era tudo novo, não tinha vaga, não tinha nada, e eu não sabia o que tava acontecendo. E aí justamente nesse dia, exatamente um dia depois, uma amiga da minha mãe foi conversar com ela e realmente estavam falando sobre a escola, que no caso é a mãe do Renato e da Paula. Falou tudo isso... Falaram que tinha que fazer uma prova pra entrar, que no caso eu não sabia, só que ela falou que as inscrições começavam cerca de setembro ou outubro. Aí eu já fiquei mais calmo, que eu ia ter tempo pra me preparar. Mas..., saber desse tempo... (pausa), foi meio precoce, assim, vamos se dizer, mas deu pra estudar e tals, deu pra focar mais e foi muito importante também; mas creio que é muito melhor as pessoas saberem antes porque é uma construção gradativa pra estudar, do que saber sei lá, um semestre antes de fazer a prova. E aí eu continuei 1 ano estudando normal, desempenho..., ah, continuei. E aí quando foi chegando próximo da inscrição, eu meio que

olhava todos os dias de nervosismo pra não perder a etapa. E eu nem sabia que existia isenção, nem sabia da existência do termo e tals, e aí eu fiz a inscrição, normal, imprimir o boleto e paguei, depois que eu fui saber. E..., justamente com foco nisso eu também me inscrevi na ETEC aqui de [cidade B] que é feito em conjunto com o [escola estadual de ensino médio da cidade B]. Aí..., só tinha..., só oferecia um curso só integrado, que era o de Administração. E aí foi isso, eu fiquei muito na expectativa durante os períodos de inscrição e prova, inscrição e prova. E eu continuei, além de ter que estudar pras provas, que foi o que eu não fiz, eu não estudei muito, não estudei quase nada pros dois vestibulares; tinha que estudar normal na escola, mas o ensino nem era tão pesado assim, então..., sei lá, estudei.

Aí chegou dezembro, acho que as provas foram aplicadas dia 18, e..., uma semana depois, sei lá, dia 18 e 25, alguma coisa assim, uma foi no sábado e a outra no sábado também. E a primeira prova que eu fiz foi da ETEC lá no [escola estadual de ensino médio da cidade B] mesmo e sei lá, foi um susto quando eu vi o vestibular, 50 questões e eu já não sabia quantas questões tinha. E aí eu fiz o vestibular e eu fiquei “nossa” (pausa)... Tipo, eu fiquei meio assustado, porque eu sabia, tinha certeza que eu tinha errado bastante e realmente, acertei metade da prova (riso). Aí tinha muitos..., muitos assuntos que eu nem conhecia ainda, tipo, muita parte eu nem conhecia, eu nunca tinha visto, principalmente na parte de Ciências. E aí eu fiquei assustado. E aí quando eu cheguei em casa eu tive que rever uma parte, Física eu nunca tinha estudado, que não tinha na minha escola anterior. Muita parte de Biologia eu nunca tinha estudando e foi aí que eu aproveitei pra revisar um pouco pra ver se eu ia tá preparado pra outra prova, porque realmente o foco era entrar aqui. Eu queria entrar aqui mesmo, fazer Automação Industrial integrado. Administração pra mim seria como uma válvula de escape porque eu não queria continuar onde eu estava, porque os dois seriam ótimos pra mim de qualquer maneira, além do curso, é óbvio.

E aí eu fiz a prova daqui, vim com alguns amigos que também estudavam comigo e tals, e a prova eu achei ainda mais difícil, só que..., eu consegui me classificar. E quando eu terminei a prova eu fiquei muito pessimista, eu cheguei em casa, sabe? Arrasado, destruído, porque eu falei: “eu não quero estudar aqui, não quero voltar pra cá [escola estadual da cidade C]”. Não que seja uma escola horrível, tipo, era uma escola que até hoje eu considero muito boa comparada às outras estaduais que tem aqui, eu acho ela muito boa. Mas..., quando eu cheguei no 9º ano eu cheguei tipo... (pausa). “Como é que eu vou crescer, sabe? Como é que eu vou estudar? O que eu vou fazer depois que sair daqui do 3º ano? Será que esse ensino é bom ao ponto de me fazer ganhar um emprego?” Nessa época..., eu sempre pensei em faculdade, mas

eu não pensava em como eu entraria numa faculdade terminando lá, como eu conseguiria com o ensino que eles oferecem. E eu sabia que eram as duas únicas opções pra me ajudar, que seria o ETEC ou aqui o IFSP. E chegou em janeiro e eu tava (pausa)..., tentei até me desligar, porque eu sabia que eu..., tinha certeza que eu não ia passar pelo menos aqui, porque lá eu tive até um resultado legal, na ETEC. E aí eu tava jogando bola, eu acho, alguma coisa assim, e foi o dia inteiro jogando bola, e aí eu cheguei em casa e chequei. Muito tempo que eu não checava pra saber o resultado, peguei e chequei. E tinha saído a classificação, não era nem a chamada. Aí quando eu vi a classificação, nossa, aí eu não sabia como é que funcionava o esquema de vestibular, nossa, aí que eu me decepcionei ainda mais. Aí eu “puf”, esqueci, deixei pra lá. Aí nessa mesma noite minha mãe me ligou falando pra eu olhar de novo, que eu tava sendo convocado na 1ª chamada. Aí eu falei: “nossa, não acredito”. Tinha todas as datas lá pra inscrição, e eu esqueci de falar, mas o curioso é que nesse dia eu já tinha sido classificado na ETEC, foi mais ou menos 1 semana antes, já tinha sido convocado. E nesse dia minha mãe já tinha feito a inscrição pra mim, já tinha feito a matrícula na escola!

Iris: Na ETEC?

Gilberto: Da ETEC! Porque eu tinha certeza que não ia passar aqui [IFSP]. E..., ela me ligou falando que eu tinha passado, aí eu falei: “nossa tem que..., tem que ter um jeito de tirar essa matrícula, porque eu tenho que estudar lá [IFSP], eu quero estudar lá!” Aí cerca de 1 ou 2 dias depois, porque eu acho que era sexta, alguma coisa assim, e eu tinha que ir só na segunda; aí a gente foi lá e eles fizeram mó papelada, mó burocracia pra devolver, porque eles não queriam perder um aluno (riso). Eu tinha sido muito bem classificado, eu tinha ficado em 15°.

Iris: Isso porque você achou que não, né?

Gilberto: Sim, que não ia passar em nenhuma. Aí eles não que..., não queriam liberar. Mas eles tiveram né, porque eu nem estudei, foi só a matrícula. E aí eu vim aqui todo nervoso com a minha mãe fazer a matrícula depois acho que de umas 2 semanas, porque tem diferença a convocação e os dias. E eu tava muito nervoso vendo pessoas novas! Acho que tinha sido a 2ª vez que eu tinha entrado aqui... Não, 3ª. Porque eu tinha vindo pra fazer a prova e tinha vindo na semana de novas ciências e tecnologia, pra ver como que era os trabalhos científicos aqui. E eu fiquei, normal, né, maravilhado com os projetos... Tava super nervoso com a minha mãe,

não sabia nem pra onde eu ia, aí eu até..., conheci pessoas que viriam estudar comigo também que estavam indo fazer a matrícula, mas..., é..., eu ainda me senti muito fechado no dia da matrícula. E aí o que eu achei muito legal quando eu entrei no primeiro dia é que não era um dia letivo, é..., era um dia letivo, mas era um dia pra apresentar a escola e os alunos. No caso são 2 dias que eles fazer *tour* pela escola, mostram é, todos os locais..., é..., ah, o teatro, as salas, os diferentes laboratórios. Eles fazem tipo gincana, fazem “*just dance*” ali no auditório, então é pra enturmar mesmo, pra fazer união entre as galeras e apresentar as turmas. São 2 dias assim, é quinta e sexta. Aí foi muito legal. Aí depois na segunda começou o dia letivo e..., basicamente eu me senti muito realizado de saber que eu passei, fiquei muito feliz. Só que também veio a pressão, porque eu sabia que ia piorar muito o estudo, ia ficar muito mais pesado comparado ao que eu estudava antes. (pausa)

No 1º bimestre até os professores vinham conversar comigo, falavam que eu era muito fechado, que não sei o que, porque eu tava muito nervoso. Até na reunião conversaram com a minha mãe pra falar algo assim. Mas aí depois eu comecei a ficar mais tranquilo, me senti com mais liberdade dentro da escola. Mas..., é..., o 1º passo que aquela professora fez pra mim foi muito importante, ela vim falar. Porque é uma professora de realmente se importa com o aluno, e se.... às vezes, ela não ter falado aquilo, às vezes a mãe desses colegas também não poderia ter falado e aí como que eu ia descobrir? Porque eu ainda tava muito desnorteado.

Iris: Foi um comentário entre mães?

Gilberto: Sim, sim, exatamente!

Iris: Entendi.

Gilberto: Deu uma luz pra eu traçar o caminho, mas..., é..., eu tive professores muito bons. Que eu tava falando na parte dos vestibulares, que eu não sabia muito do assunto de Ciências, mas eu tive um ótimo professor de Ciências. Eu ainda receio de ter tido aula só 1 ano com ele, porque eu tive 2, 3 anos com professores ruins, literalmente. Mas ele salvou o 9º ano porque ele comprimiu a matéria e conseguiu passar muito bem, explicar muito bem. E...

Iris: Isso lá na escola de [cidade C]?

Gilberto: Isso, no [escola estadual da cidade C], no 9º ano. Só que ele era um professor que os alunos não valorizavam muito, era uma aula que os alunos dormiam. Eles nem saiam da sala, era literalmente 60% da sala dormindo. E... Professor Lobato, no caso, ele ensinou muito bem e ajudou bastante a fundamentação pra aprender as matérias aqui pra não ficar pra trás. Mas eu acho que a matéria que eu mais senti déficit, com certeza foi Matemática, quando eu entrei. Nossa, foi absurdo, assim, o nível de comparação. Além do professor..., no caso, que eu tenho, ele tratar de maneira mais avançada, é..., meu professor anterior não tinha sido tão avançado assim na matéria, então eu não tive uma base muito boa (pausa). Mas depois que eu entrei eu realmente analisei a diferença que tem entre as instituições públicas. É..., tirando a parte de recursos, do..., do..., da estrutura da escola, a gente analisa tipo a liberdade, sabe? O que os professores proporcionam, os próprios alunos, porque as pessoas nas outras escolas geralmente são muito mais fechadas, agressivas e..., sei lá, elas são opressoras literalmente. Ninguém invade espaço de ninguém, todo mundo lida como invasão, e não, só como estou andando e pronto! E aqui não, as pessoas debatem muito mais, os professores debatem muito mais. É uma liberdade muito boa.

Ah, falando da parte de recursos, os professores tem horário de atendimento, de recuperação. Nas aulas eu acho que cerca de 90% dos professores são abertos a debate, a questionamento, que era algo que você nunca via, a gente parar pra perguntar mesmo e o professor responder com tanta afinidade. É lógico que tinha, mas os alunos não tinham a liberdade de perguntar, porque além do medo do professor dar uma má resposta, era fato que os alunos iam dar uma má resposta. Tipo, de ficar incomodado com a pergunta, de vaiar, de: “ih, que burro”, essas brincadeiras idiotas assim (pausa). Elas até existem aqui, mas nada comparado ao que existe nas outras escolas. Então..., entrando aqui, você começa a traçar um pouco mais um sentido mais positivo com relação a vestibular, porque eles mostram mais, eles falam mais sobre ENEM, Unicamp, Fuvest e tals, como funcionam os processos seletivos. Eles focam mais no futuro, falam em faculdade, no que você quer cursar, tipo..., você têm que cursar, e mesmo que você não queria você vai ver como é bom e tals, que os estudos que levam pra frente, essa ideologia, assim, que o professor sempre tenta passar. Aqui, ah..., como eu já falei de novo, eles focam mais na liberdade, sabe? Eles se sentem na obrigação de falar isso pra você, que é o que você não vê muito nas outras escolas. Não é nem culpa do prof..., não é nem culpa do professor, sei lá, é um ciclo vicioso. O aluno não sabe que tá lá pra estudar e o professor se cansa de tanto levar, sabe? De não ver o reconhecimento e tals. E aí fica um ciclo, o professor não se dedica

tanto mais, e o aluno muito menos, e é muito difícil você ver os que tão ali porque amam estudar, gostam de estudar, vão pra estudar.

Iris: E aqui você sentiu essa diferença?

Gilberto: Sim, com certeza. Fazendo acho que uma comparação, assim, o que eu via na sala pelo menos. Em uma sala de mais ou menos 35 alunos, o que eu via antes era que 10 alunos realmente gostavam de estudar, então, por exemplo, sobra 25. Desses 25, eu acho que 15, tipo, estavam ali, normal, ou por não lavar a casa, mas..., ou talvez prestassem atenção. E aí, acho que sobra 10, e esses 10 estavam ali realmente pra atrapalhar a aula, literalmente, pra tipo, bagunçar, desrespeitar qualquer aluno, oprimir, bater, xingar, quebrar cadeira, porta, realmente fazer furdunço dentro da sala. E aí você via medo no olho dos professores, de chamar atenção. Você via medo, literalmente. E na maioria das vezes eles optavam por chamar atenção de quem não fez nada, sabe? Implicar com aquele que estuda, porque não pode chamar atenção do outro, porque quem estuda realmente tem a educação a ponto de ouvir e se sentir mal depois. E aí é quando, você invés de selecionar e ajudar o aluno, e ajudar ele a evoluir, você oprime ele e faz ele ficar ali pro resto da vida. E aqui eu basicamente não vi isso, é a diferença que realmente só te faz evoluir. (pausa). Então foi uma experiência muito boa. Eu pensei que eu ia muito mal, comparado ao que...as notas, sabe? Quando você intercala o que você era antes e o que você é depois, mas ficou bem..., empatado, vamos se dizer assim. Eu não tive um declínio muito ruim nas notas. Mas o aprendizado foi muito melhor, com certeza, foi bem marcante. Apesar de serem muitas aulas e matérias, os professores ensinam muito bem, eles tem uma formação muito boa.

Iris: E você pensou na distância quando você optou por fazer a ETEC ou a Federal, ao invés de ficar lá onde você estava estudando?

Gilberto: Então, no primeiro momento eu fiquei muito atordoado, porque eu tinha 14 anos e pegava, e pensava: “nossa, vou ter que pegar ônibus todos os dias, acordar cedo”. Eu logo pensei na responsabilidade, de longe, e tipo..., de ter que..., vamos se dizer, me proteger, tudo isso ao mesmo tempo. Só que eu sabia que eu não podia ficar lá. Eu foquei mesmo “não posso ficar aqui, sei lá, como? Como? Como eu vou crescer e aprender?” Eu estava me sentindo muito incomodado já. Com questão até, o *bullying*, sabe? De você ser o aluno que estuda e ser zoadado,

ou mexerem na sua bolsa, algo do gênero, e aí você se sente muito incomodado. Aí nem me afetou tanto saber que eu ia... Muitas vezes eu venho a pé pra escola hoje. Quando eu não pego o ônibus eu tenho que vir a pé, e é um pouco distante. Não de casa, é óbvio. Da rodoviária, algo assim.

Mas foi bem confortante entrar. E na parte do andar, me preocupou só antes do vestibular, mas depois eu já fiquei bem mais aliviado, que muita gente que é de outra cidade enfrenta maior problema. Tipo, eu saio da escola e chego em casa cerca de 40 minutos, no máximo, então..., tem gente que passa mais de 1 hora. Quem usa a van, por exemplo, às vezes demora 1 hora pra chegar em casa, então não faz sentido, porque deixa em casa e pega na escola (riso). Então eu não me sinto numa situação desconfortável. O problema é pegar chuva, igual no dia de hoje (riso).

Íris: E..., o que os seus pais acharam quando você comentou dessa professora, de estar vindo fazer o Vestibulinho do Instituto? Ou da ETEC..., o que eles acharam?

Gilberto: Então, é..., minha mãe é separada do meu pai, então eu moro com os meus irmãos, minha mãe e meu padrasto. No caso minha mãe ficou muito feliz quando ela veio falar pra mim da existência dessa escola que a amiga dela tinha falado. Falou tipo..., meio que me obrigando (riso): “você tem que fazer!” Sem reconhecer que eu queria muito fazer, que eu tava muito feliz dela falar! E ela..., nossa (pausa). Sei lá, só me ajudou, só apoiou demais, me deixou muito feliz. E..., eu falei que eu tava muito pessimista e decepcionado no período de aprovação, e era sempre ela que falava: “você tem que passar, é lógico que você vai passar, você sempre foi ótimo aluno, não tem como”, sabe? Mãe sendo positiva, sempre colocando a mão no ombro. E aí quando ela viu e falou pra mim, ela ficou muito feliz e..., até liguei pro meu pai pra falar. Meu pai, nossa, ficou feliz demais também. Nem consi..., porque foi uma ligação, mas deu pra notar, sabe? Ficou muito feliz: “meu filho na instituição Federal!” Foi muito bom.

Iris: E a escolha pelo curso, como foi?

Gilberto: Então, é... Quando eu me inscrevi eu sabia que existia o curso de Eletrônica, Automação e Química. Eu queria muito fazer o de Eletrônica, só que eu acho que eu vi que o de Eletrônica eu não podia me inscrever, porque é um projeto acho que a parte, é pros alunos do [escola estadual da cidade B] daqui, que eles fazem..., não entendo muito bem, eles estudam

lá e cursam o Técnico aqui. E aí o que, vamo se dizer, sobrou (riso), mas não é sobrar, foi Química e Automação. Só que o termo Automação Industrial eu não conhecia, não fazia a mínima ideia do que era esse curso. E aí eu pesquisei pra saber o que que era. E aí, literalmente, eu vi que me encaixou exatamente no que eu queria, sabe? O perfil. Muita gente escolhe aqui realmente pelo ensino, nem se importa muito com o Técnico. É o que você vai ver na maioria das entrevistas, com certeza. Mas eu realmente era o que..., eu fazia, eu sempre brinquei com fios, sei lá, esses brinquedos assim, eu sempre tentei fazer uma coisa... E eu realmente me identifiquei e escolhi pelo curso, porque era o que eu sempre fiz e o que eu amava. Então eu só fiquei mais positivo ainda, sabe? Em querer entrar, eu tenho que entrar, que vai ser a especialização numa área que você gosta. Então foi uma escolha muito fácil, muito fácil.

Iris: E ao término do Ensino Médio quais suas pretensões?

Gilberto: Então, é... Quando eu entrei em Automação, é..., eu sempre quis cursar, até cerca do 8º ano eu já pensava em fazer algo relacionado a Engenharia ou Arquitetura..., ou virar Artista, sei lá, algo do gênero. Ou até Professor, não sabia do quê. Aí com..., sei lá, com esse desânimo, esse baque com a Matemática e tals, acho que no 1º ano eu já fui desistindo da Engenharia e tals. No 2º tô quase desistindo de vez. Mas, é..., acho que nas férias desse ano, eu comecei a ver uns vídeos motivacionais e eu me interessei muito por Medicina. E hoje com certeza tô dando foco nisso e eu sei quando terminar o 4º ano, é..., esqueci de falar isso no vídeo, aqui são 4 anos de Ensino Médio, 1º, 2º, 3º e 4º. Com certeza vou prestar pra fazer Medicina, porque serei um futuro Médico ainda, sou um futuro Médico. Eu to muito..., muito emocionado sabe, quando eu realmente decidi, fui até em Workshop de Medicina lá na USP daqui de Ribeirão. Aqui teve uma feira de profissões e aí tinha Medicina, óbvio que eu fui na palestra. No mesmo um dia teve lá no [escola estadual da cidade B] também, e eu fui também pra ver, porque eu só queria sabe? Confirmar, sabe? Ver o quão maravilhoso é. E eu realmente eu sei que, eu vou cursar Medicina, é muito difícil escolher assim, mas, eu já sei.

Iris: Você trabalha?

Gilberto: (pausa) Eu não sei se contaria como trabalho, mas eu faço projeto de extensão aqui na escola. Projeto de extensão é..., quem faz projeto de extensão conta como bolsista, eu

recebo uma bolsa mensal. E tem alguns tópicos a cumprir, pesquisa, ensino, palestras, essas coisas assim, então eu acho que conta sim como trabalho.

Iris: E você tem horário de estudo fora do período de aula?

Gilberto: Não, eu não sou muito organizado não. Eu até me puno às vezes porque eu não consigo focar e eu venho mais cedo pra escola estudar, não consigo. Eu tento estudar em casa e não consigo. Às vezes eu deixo de sair pra estudar (riso) e eu não consigo. E aí minha mãe fica muito brava, porque ela queria que eu fosse, e eu falei que não podia, e tals. Mas..., isso vai mudar, eu realmente preciso focar mais, porque eu não consigo me concentrar muito. Mas eu não deixo de fazer pelo menos as lições obrigatórias e nenhum tipo de lição. Quando eu falo de não conseguir estudar, assim, é algo a parte, sabe? Coisas extras, coisas que eu infelizmente não me interessam e aí fica muito difícil, assim, de estudar. Eu realmente não tenho nenhum cronograma ainda.

Iris: E nas horas de lazer, o que você costuma fazer?

Gilberto: Ok. Acho que no 9º ano..., deixa eu voltar um pouco pra retroceder pra falar antes e depois. Como eu falei, é..., eu tava numa fase que eu jogava muito futebol porque..., ah vamos se dizer assim, foi algo que eu arranjei pra fugir, tipo, contra o *bullying* da escola, porque eu tava meio acima do peso e tals, e eu tinha que tinha que emagrecer pra ver se mudava e virava o jogo. Então eu jogava acho que umas 2, 3 horas 5 vezes por semana, no mínimo 3 horas. E aí, é..., eu entrei no IFE, é óbvio que isso ia mudar, porque o estudo ia ficar muito pegado e tals. E eu também treinava *jiu jitsu*. Era um ponto muito importante porque eu treinava de 2 a 3 vezes por semana, e aí quando eu entrei aqui eu tive que migrar da onde eu treinava pra outro lugar. E aí foi onde eu comecei a deixar mais de lado porque chegava a noite e eu tava muito cansado, e o treino era a noite, tinha que comer bem antes, tinha que comer mais porque, além de tudo, tinha que lutar depois e aí eu comecei a..., vamos se dizer assim, arrastar, sabe? Tipo, ir pouco ou não ir. Mas eu ainda continuei treinando. E até hoje eu vou, e treino a cada 1 mês mais ou menos, mas não é nem pelo fato de não ter tempo, porque o tempo existe, mas é o cansaço mesmo. Depois do estudos a gente só quer chegar em casa e deitar e dormir quando chega. Ou ouvir música que é algo que eu gosto muito também, músicas diversas. Eu tinha um canal no *Youtube* também. Eu..., eu fazia tutoriais do *Windows 7*, tentava ajudar a galera só com

o que eu sabia, mesmo que eu tenha só o curso básico só, mas, eu realmente ajudava bastante e eu ficava muito feliz. E aí eu não consegui focar mais no canal e não consegui fazer mais nada porque a escola tomava muito tempo. Agora, tirando futebol, *Youtube* e *o jiu jitsu...*, acho que eu não fazia mais nada. Aí um passatempo que eu comecei a manter mais agora é fazer corrida de resistência. Depois, tipo, da escola, que é o horário que me sobra, a partir das 7 hora, aí eu corro, relaxo, corro com meu amigo também. Então dá pra dar um foco e não desistir, sabe? Quando um não quer o outro vem: “não, a gente vai! Não tem dessa!” Então ajuda a focar bastante. Então..., aí eu não perdi muito nessa migração entre parar de treinar e continuar correndo pra continuar mantendo o corpo. Acho que era isso.

Iris: Sobre os estudos. Com quem você tem mais afinidade para conversar?

Gilberto: Ah..., com certeza falar sobre matéria, educação, essas coisas assim, eu tenho mais intimidade com os amigos mesmo, com o grupo, quando a gente faz um debate, expõe opiniões, que na maioria das vezes não são as mesmas, realmente a liberdade é maior, até pelo fato de..., de em casa, tipo, meio familiar, às vezes tá só eu e minha mãe em casa, ou eu e meu irmão, então não é aquele algo generalizado de todo mundo junto, porque eu quase não fico em casa. Só a noite, basicamente. Então não dá pra, tipo, reunir mesmo e debater. Então realmente, além de ser o maior tempo que fica na escola, é de tá o meio assim mais próximo de saber, assim. Família não muito.

Iris: O seu irmão é mais novo ou mais velho?

Gilberto: Meu irmão é mais velho.

Iris: E ele não fez o Instituto?

Gilberto: Não. Não. Ele terminou o Médio, mas ele tentou..., acho que, é..., ele fez o 1º semestre de Ciências da Computação, mas aí abandonou.

Iris: Agradecimentos e desligou o aparelho de gravação.

[Segunda parte] Aqui o estudante solicitou para ligar novamente o gravador que ele gostaria de acrescentar mais uma fala.

Gilberto: Nem é tão importante, é só pra falar de um ponto da minha migração, e tals. Tá, é..., falando da migração entre ensino público antes e depois do IF, é..., eu falei de alguns méritos que eu tive no 9º, 8º ano. E aqui, o ano passado teve um concurso literário, e eles fizeram premiação pra poesias do Ensino Médio inteiro e até do Ensino Superior. E aí eu fiz uma poesia e aí eles dividiram, é..., escolheram mesmo, é..., acho que 10 ou 8 melhores e eu..., a minha foi premiada e no caso foi publicada no livro deles. Então, é... Como eu falei que eu esperava me decepcionar mais, cair muito as notas, mas a escola no primeiro momento ela pode até fazer isso, mas depois ela mesmo te evolui, ela evolui a grande maioria. Então nem foi tão decepcionante assim porque teve resultado.

Iris: Você teve resultado aqui no Instituto também, é isso?

Gilberto: Sim, é exatamente isso.

[Agradecimentos]

APÊNDICE “D”

ENTREVISTA DA ESTUDANTE OLÍVIA

Iris: Apresentação e questão central.

Olívia: Bom, meu nome é Olívia. Meu pai é tratorista e minha mãe é faxineira. Eu estudei do 2º ano ao 5º ano na escola pública também, só que municipal. Essa época foi muito boa porque a escola tinha vários projetos como xadrez, aula de dança e..., eu tenho boas lembranças. Eu lembro que eu fazia até teatro e eu me apresentei várias vezes no teatro. Aí quando eu fui pro..., pra escola Estadual, que foi do 6º até o 1º, no 6º ano, a gente não conhecia muito bem a escola, era tudo novo, a gente era empolgado. Só que aí, conforme foi passando o tempo, no 7º aí já tinha aqueles professores que não queria dar aula, os alunos que não queria estudar, não queria saber de nada, só ficava no fundo fazendo bagunça e isso atrapalhou muito, porque eu sempre gostei muito de estudar, eu nunca fui uma aluna baderneira, as minhas notas sempre foram boas, e isso prejudicava bastante. Mas ainda no 7º controlava a turma. Agora, já no 8º, a turma era insuportável. Os professores mal conseguiam dar aula, não cobriam o conteúdo e os alunos não se importavam com isso. Quando a gente falava pra eles “poxa, a gente quer estudar” eles riam da nossa cara. Aí ia pra direção e eles não faziam nada, eles passavam a mão na cabeça e mandava voltar pra sala. E os professores, né, ficavam quietos, porque eles não podiam reclamar. Agora no 9º..., no 9º sempre foi piorando a situação, porque..., é..., os alunos eles não tinham muita mentalidade assim “eu vou pra escola, eu vou estudar”. Não, “eu vou porque eu sou obrigado, porque minha mãe não deixa eu ficar em casa”. Então foi sempre muito difícil a sala.

E... Teve um aluno que ele era muito terrível na sala, ele chegou a ameaçar a professora, ele brigou com a professora e ela estava grávida! Isso era um perigo pra ela. E ela ficava muito estressada. E a gente ficava mais ainda, porque ele não parava, sabe? Quanto mais ele via o sofrimento dela, ele piorava, ele... Uma vez ele catou uma barra de ferro e falou que ia bater nela. Se não fosse a gente, ele tinha batido nela, e sabe lá Deus o que podia ter acontecido.

Aí no 9º ano eu já tinha uma professora de Geografia que chamava Rita. Ela sempre falou muito da escola Federal e ela apoiava a gente. Ela falava “poxa, você pode fazer, você é estudiosa, tem futuro”. Só que eu não tinha pensado muito no assunto, então passou o 9º. Aí eu tinha amigos que foram e fizeram a prova, mas também não conseguiram. Aí já deu aquela baixa auto estima, né, “ai, eu não vou conseguir passar!”. Aí eu fiquei aqui na escola mesmo.

Eu fiz o 1º, aí novamente essa professora me deu... (pausa) Não, aí ela não me deu aula mais, foi um outro. Ele falou também muito bem da escola, que a escola era boa. Só que muitos alunos não conseguiriam, ele disse, por causa do processo, né, que teve, ao longo dessa história. Aí eu não queria fazer a prova. Aí essa minha outra professora de Geografia ela veio conversar comigo e insistiu pra mim fazer a prova. Aí a minha professora de Português falou assim que se eu quisesse ela me dava aulas extras pra poder fazer a prova, mas mesmo assim eu não fui fazer a prova ainda! (riso)

Aí..., faltando acho que..., uns dez dias pra acabar a inscrição da prova no final do ano, a minha amiga falou muito na minha cabeça, aí eu decidi fazer a prova. Aí eu fiz a inscrição, tipo, faltando 5 dias pra acabar. Aí eu fiz. Hoje eu sou muito grata, né, porque se não fosse a insistência dela e da professora eu estaria aqui na escola pública e sabendo lá Deus, né, como que ia ser, porque é uma bagunça. Os meus amigos que ficaram, eles dizem que é quase impossível ter aula porque os alunos hoje eles não querem estudar. Então..., é..., uma semana antes da prova eu tive apoio de 3 professores que eu acho que se eles não tivessem dado as aulas extras eu não conseguiria ter feito a prova, porque foi uma prova muito difícil e foi muito concorrido. E eu agradeço muito a eles, eu até falo pra minha amiga: “poxa, se você não tivesse insistido (porque eu sou muito teimosa). Se você não tivesse insistido eu não estaria aqui”. Aí ela até fala: “não, se você foi você teve alguma..., algo que te tocou. Não foi só eu, né”. Ah, é isso.

Iris: E quando os professores..., uma professora e depois o outro professor falava com você sobre o Instituto Federal, você chegou a comentar em casa?

Olívia: Sim. Eu sempre falei muito com a minha mãe. Só que como eu já tinha feito o 1º, ficava aquela dúvida, né, “bom, eu vou e não vou”. Aí se eu fosse entrar lá eu tinha que voltar e fazer 1º, aí eu ficava: “ai, mãe, mas eu tenho que voltar 1 ano”. Aí ela sempre ficou meio assim comigo. Mas aí quando eu decidi fazer a prova, ela disse: “mas os seus professores não te orientaram e disse que a prova..., a escola era boa? Então você vai ter que se arriscar. É melhor perder..., perder um ano não, né, porque a gente nunca perde, a gente sempre vai ganhar mais conhecimento.” E eu não me arrependo de ter voltado o 1º ano porque as coisas que eu aprendi lá [no IFSP] eu acho que nem poderia aprender aqui [escola estadual].

Iris: E aí sua família... Sua mãe, né, que foi mais incentivadora, assim, ela insistiu pra você ir e tentar fazer a prova? Porque você não queria muito, né?

Olivia: Sim, é. Aí ela insistiu, falou pra mim “não, vai” me motivou. Até meu pai começou falar. E aí até quando eu consegui passar, o meu vô, por exemplo, ele me apoiava muito, sabe? Também. Ele ficou emocionado que eu passei! Porque eu não acreditava, sabe? Quando... Porque eu acertei, assim, eu acertei bastante, eu acertei mais da metade, mas eu não acreditei muito, não caía minha ficha! Porque era muito concorrido. Foi 1 vaga pra 10 alunos. Então foi uma... Foi muito emocionante na hora que eu passei.

Iris: E você chegou a comentar com os professores que te incentivaram que você passou?

Olivia: Sim. Como a minha professora é..., ela mora perto da escola e o ônibus que eu pego é também perto. Ela ficou muito feliz, ela comentou com a escola inteira, ela fala pros meus amigos: “poxa, por que que vocês não tentam também?” sabe, eu já fui lá na escola, eu falei com eles. Falei: “ó, não é perda pra ninguém voltar no 1º ano, porque além do mais, as coisas que eu tô aprendendo agora eles nem aprenderam ainda no 2º ano”. Então, assim, é uma ótima escolha que foi feita, eu não me arrependo.

Iris: E como foi seu percurso? Houve recuperação ou reprovação?

Olivia: Eu sempre fui uma ótima aluna! Quando eu estudava no Fundamental, do 2º ao 5º, minha mãe diz que as professoras queriam me levar embora, porque eu não dava trabalho, eu era muito quieta. Eu..., eu acho que no 1º ano eu fiquei muito revoltada porque eu ia estudar e os meus amigos não deixavam, sabe? Eles faziam muita bagunça. Até eu meio que briguei com professor porque ele não passava lição, ele chegava, colocava o material, ficava no celular ou saía da sala. E hoje ele não olha na minha cara. Mas eu não guardo rancor, nem nada, sabe? Mas eu falei pra ele assim: “você também faz parte da minha vida, você..., mesmo não querendo, você me ajudou a ir pra uma escola melhor, sabe?”. Ele ficou meio assim. Aí até um professor meu que apoiava os alunos, um dia ele falou assim que não achava muito certo a gente abandonar nossa escola. Só que eu falei assim pra ele: “se a escola não dá o suporte que a gente precisa, não tem como ficar aqui.” Falei assim: “e também se os alunos não querem estudar é porque a escola também não oferece conhecimento suficiente ou outras atividades.” Porque lá

era assim, a gente chegava e ficava o dia inteiro na sala, não tem..., aula de Educação Física era raro. Ou só saía, não fazia aula diferente nenhuma, sabe? E hoje o IF pra mim me proporciona muitas coisas. Lá oferece cursos, extensão, projetos de dança, de música... Praticamente eu fico o dia inteiro na escola, desde cedo até 6 horas, então foi uma escolha muito boa.

Iris: Você faz outras disciplinas? Diferentes, além da grade do Técnico?

Olívia: Eu faço Cálculo, Cálculo Diferencial e faço Inglês. É de manhã, na quarta e na quinta.

Iris: E quando você estava no 9º ano você tinha opções escolas de ensino médio?

Olívia: É, é só uma escola aqui. Então só tinha ela. Aí como..., eu ainda não tinha tanto conhecimento sobre a escola lá, porque eu nunca tinha ouvido falar, só pela minha professora, então eu fiquei meio ‘assim’, sabe? Porque até então as minhas amigas não queriam cursar a prova, então eu fiquei “ah, eu vou sozinha...” E eu não tinha muito conhecimento... Então optei por ficar por aqui mesmo.

Iris: Você pensou na distância, chegou a ter a possibilidade de não ir por conta da distância?

Olívia: Por conta da distância não muito porque eu faço curso em outra cidade, então pra mim não é estranho eu ter que sair daqui pra ir pra lá porque eu já me locomovo muito longe. E por conta dos meninos que já estudavam lá, eles pegam ônibus e o ônibus para aqui em frente à minha casa. Porque eles pegam os alunos com deficiência pra levar pra APAE. Então por conta da distância eu não me preocupei muito. Até o meu pai falou que se fosse preciso pagava van pra me buscar e levar.

Iris: Aqui na cidade era só essa escola, né, que você já estudava. E você tinha opção de ir para cidades vizinhas fazer outras escolas? Ou você nem pensou nessa possibilidade?

Olívia: Sim. O meu professor de Geografia, ele disse que se eu não conseguisse passar na Federal, eu poderia ir pra uma Estadual em [cidade B ou A] que é bem melhor que aqui! Ela oferece mais recursos, sabe? Só que pra mim não compensava muito porque era longe, eu ficava assim: “ah, mas pra eu sair daqui de uma Estadual pra ir em outra Estadual..., não compensa

muito, eu não vejo muita diferença do ensino, sabe?” Ele disse que era diferente, mas eu não acredito muito não.

Iris: E seus pais comentavam sobre a diferença de uma escola pra outra?

Olívia: Não, eles não tinham muito conhecimento. Quando eu comecei falar do IF, das outras escolas, aí que eles começaram a perguntar: “ah, mas você quer? O que que você procura? Procura, né, você quer fazer uma faculdade, você tem que estudar mais, tem que se dedicar”. Até então, esse ano, quando eu entrei lá, eu senti muita diferença. Eu sofri muito nos primeiros meses porque é muito corrido, é muita matéria, é muito cansativo. Porque ó: você tem que pegar o ônibus, chegar lá, depois pegar ônibus pra vir embora e cansa essa rotina. E os professores também, eles dão muita matéria, trabalho toda semana... Então, assim, é muito puxado, é pra quem realmente quer. Até os meus amigos falaram assim: “Ah, eu vou pra lá porque é melhor”, eu falei ó “Vocês acham que vão brincar lá? Porque não é assim, fácil. É puxado lá”.

Iris: E você acha que essa diferença, assim, de ser mais puxado que você comenta, que é mais difícil... Se deve a quê?

Olívia: Ó, eu acho que..., falta muito conhecimento que a escola não proporcionou [a escola anterior]. Porque as matérias que os professores cobravam no começo do ano, eram matérias, que era pra eu ter visto no 8º, 7º ano e que eu não tinha conhecimento. Então isso atrapalha muito lá na frente. Aí você fala assim, por exemplo, no 7º ano você tem que dar uma matéria e não dá “ah, mas não vai fazer falta...” Faz. Hoje eu vejo, sabe? Que tem muitas matérias que eu fico... Aí o professor fala assim: “mas você não fez o 1º ano já?” Mas eu não tive conhecimento. As matérias que entra no 1º ano, como Física, Química, Biologia, eu mal tinha aula aqui no 1º ano. Eu saía mais cedo quase todos os dias. Então essas matérias me fizeram muita falta.

Iris: E a escolha pelo curso, como foi?

Olívia: Ah, o curso né... Porque tinha duas opções: ou Química ou Automação Industrial. Bom, eu queria fazer Automação (riso), mas eu fiquei pensando, né, porque mexe com muita matemática e física e eu não era muito chegada, né. Aí depois meus amigos falou assim: “ai, mas só tem menino!” (riso) aí eu ficava tipo: “ah, mas não vejo problema”. Só que como tinha

muita matemática..., porém eu gosto, mas era muito difícil, e as minhas amigas que tentaram o Vestibulinho tinham ido pra Química..., aí eu fui pra Química também.

Iris: E quando a professora e o professor comentaram de você prestar o IFSP, eles falaram mais pessoalmente ou foi mais geral?

Olívia: Eles falavam com poucos. Como..., os alunos que eram daqui e foram pra lá, todos os professores eles não falavam tipo: “ah, o IF é bom por isso”, eles falavam assim: “você tem como base os seus amigos que estudavam aqui, vê com..., pergunta pra eles como que era...” Aí perguntava, falava pra eles e eles falavam que era muito bom, que tinha atividades. Aí a minha professora pegava muito no meu pé, ela falava: “não, você vai fazer essa prova nem que eu te leve lá arrastada pra fazer!” (riso).

Iris: Então foi a grande incentivadora mesmo, né?

Olívia: Foi, ela foi muito. Até hoje ela fala assim: “tá vendo que eu falei que você ia passar na prova!”. Ela me pergunta, todos os dias, como que eu tô, se eu tô tendo dificuldades, ela até fala assim: “se eu puder ajudar, você pode contar comigo”. Até os meninos que são, tipo, do 2º, 3º, eles falam: “olha, se vocês tiverem precisando de ajuda podem contar com a gente”, sabe?. A gente é bem unido, todos estudantes daqui, porque a gente soma quase 15 estudantes daqui. Então eles sempre falam: “ah, se precisar de ajuda, pode vim”.

Iris: E o relacionamento entre você, professores, e amigos lá do IFSP? Você sente diferença do Fundamental e agora no IFSP?

Olívia: Ó, os professores de lá eles brincam muito, e..., eles não ficam, tipo, só na matéria, sabe? Eles se importam com o que a gente sente, como a gente tá. Por exemplo, se a gente tá triste eles param, simplesmente, a aula e perguntam: “o que tá acontecendo?” A gente discute se é uma coisa pessoal ou um problema. Por exemplo, se você tá sofrendo algum tipo de preconceito, essas coisas. Porque acontece sempre. Até o dia que eu fui roubada, por conta que eu tava saindo do IFESP, os professores pararam e conversaram, deram dicas, sabe “ô, não desça sozinha”. Eles sempre apoiam muito e incentivam muito os alunos lá (pausa). Até os

alunos..., a gente é bem unido lá na sala. Sempre tem as panelinhas, né, que fazem... Eu não tenho discórdia com ninguém na minha sala.

Iris: E com relação aos estudos, assim, na sua casa, você tem um horário pra estudar, ou lá no IFESP como é a sua dedicação?

Olívia: Por conta de estudo, eu tento estudar sempre quando eu chego em casa, mas tem dia que você tá tão cansada que você não quer ver nenhum livro na sua frente. Mas tem dias que é obrigado, você tem que chegar e estudar, porque é uma matéria difícil, precisa de mais concentração. Tem os trabalhos em grupo também, a gente sempre procura fazer na escola de manhã ou até a tarde, só que a tarde é mais complicado por causa do horário..., aí tem tudo isso.

Iris: Com o término do Ensino Médio lá no IFSP, o que você pretende após?

Olívia: Ó, eu quero fazer faculdade de Educação Física por..., eu não sei, eu acho uma bobeira, mas eu não tive Educação Física e eu sempre fui apaixonada, sabe? Eu sempre queria fazer esporte. Até então, no 7º ano eu jogava o interclasse com outras escolas e eu me apegava muito, sabe? Eu sempre gostei muito de esportes. E eu não sei, eu acho que isso foi uma motivação pra mim, por conta que eu não tive, eu quero poder ter esse conhecimento e transmitir pra outras pessoas. Eu sempre falo isso, aí até um povo da minha família fala assim: “ai, mas você vai estudar..., olha onde você estuda! Você faz Química e você vai fazer Educação Física? Por que você não segue na área da Química?” aí eu falo: “não, mas eu quero, eu sempre quis fazer Educação Física, mesmo que eu estudasse em qualquer outra escola”. Foi uma coisa pessoal, assim, mesmo.

Iris: Então em Química você não tem pretensão de partir pra essa área?

Olívia: Não. Eu tenho um foco em Educação Física, né, mas como minha mãe fala: eu sempre posso mudar de opinião, porque ainda tem 3 anos pela frente, né, muita coisa vai mudar. Mas eu não acho não (riso). Eu pretendo ficar mais aqui perto. Fazer em cidade A, né? Ou em cidade D, porque é os lugares mais pertos... Porque depois fica longe, aí é ruim, né?

Iris: Você trabalha?

Olívia: Não... A escola exige muito tempo, né? Aí já tem que fazer estágio no 3º ano... E como tem..., lá na escola tem curso de extensão que você pode tá f..., você faz uma entrevista e se você enquadrar nos perfis que eles procuram, você pode tá recebendo uma bolsa de 400,00 reais pra estudar. E não é..., assim, é puxado um pouco pra gente que mora em cidade C, é porque tem que levantar muito cedo e vir pra escola, mas é bem interessante porque você ganha pra aprender, então é muito interessante.

Iris: E o que você gosta de fazer nas suas horas de lazer?

Olívia: De lazer..., bom, eu encontro com as minhas amigas, né? Porque eu quase não vejo elas. E eu fico a semana inteira na escola. E eu gosto de ir no cinema (pausa), eu gosto de ler também. Ah, às vezes a gente se encontra com a minha família..., eu não sou muito de sair, eu sou mais caseira.

Iris: Quando você foi prestar o IFSP foram mais amigas do 1º que também tentaram voltar atrás?

Olívia: Sim. Do 1º ano eu lembro que foi..., foram 4 pessoas só. Foram 4? (pausa). Acho que 5. E dentro dessas que prestaram o 1º, todos nós passamos. Então foi muito legal. Até então, tiveram alunos do 9º ano e eles passaram. Foi porque teve professores que apoiaram eles, eu acho que se não tivesse esse apoio não teriam..., assim, passado, né? Porque é muito fraco só o conhecimento que a gente recebia aqui. E teve muita dedicação da parte nossa, deles também. Porque se eles não tivessem falado “não, vou estudar” eles não teriam passado. Mas teve gente que mesmo assim, se dedicou, mas não conseguiu passar. Mas que esse ano eles falaram que vão tentar de novo. E eu falo “se precisar de ajuda, tá aí, eu tô aqui pra ajudar”. Aí eu tenho duas amigas que elas estão no 9º e uma no 1º. Eu dei minha prova, peguei o edital, mostrei as matérias, falei “ó, essa é a matéria!” Eu tenho os resumos que eu fazia ano passado pra estudar, que até então..., eu falei pra elas: “eu estudei uma semana antes da prova, eu não estudei mais que isso”. Porque eu não ia fazer a prova. A minha mãe sempre falou: “não adianta você querer se matar de estudar, não vai adiantar, você vai esquecer.” E eu peguei pra estudar numa segunda até no sábado. Aí no sábado eu estudei só de manhã e não peguei em nenhum livro mais, que a prova era no domingo. Eu falo pra elas: “ó, não é assim, não precisa se matar de estudar, você

tem que entender porque não adianta nada você ler, ler, ler e não entender”. Porque eu, particularmente, comecei ler e eu não entendia. Aí eu fui na minha professora de Português e ela me ensinou matérias que eu tinha que ver no 1º e que não dava tempo dela ensinar. E, justamente, teve duas matérias que ela me explicou que caíram perguntas na prova e eu acertei as duas questão..., as duas questões que caíram que ela me ensinou, eu aprendi. Então eu sou muito grata à ela. Ela ficou muito feliz, ela fica até emocionada quando a gente fala pra ela: “ah, professora, brigado, você incentivou a gente”. Aí eu falo pra elas que não precisa se matarem de estudar, tem o tempo certo. Tem gente que tá estudando o ano inteiro! Eu falo assim, estudar é bom, mas muito também atrapalha porque eles começ..., eles tão revendo o conteúdo desde lá do Fundamental, do 7º, 8º... Eu falo, os temas que eles pegam não é o contexto da época, é tipo do 9º e do 8º, dá pra você focar mais neles em menos tempo, não precisa ficar se matando.

Iris: Você comentou que a professora de Português e o professor de Geografia, no outro ano, falaram que você poderia procurar eles para estudar para o vestibulinho. E eles ajudaram, como foi?

Olívia: A gente foi em 3 pessoas, 3 alunos: eu, uma amiga e um menino. A gente estudou durante 3 dias com eles. Foi um dia Português..., aí o professor de Matemática, ele dá aula lá no IF, só que ele não era nosso professor. E esse meu amigo, ele tinha prestado a prova no ano anterior e não tinha conseguido. Então ele estava com a prova e tinha questões que a gente tava com muita dúvida. Aí ele [o professor de Matemática] sentou com a gente e resolveu a prova inteira! A parte de matemática. E eu acho que ajudou muito, que eu não tinha matemática, meu professor não gostava de dar aula, então... E hoje ele me dá aula lá no IF. E ele brinca muito comigo, ele fala: “olha, tá vendo, eu falei que você tinha chance de passar, imagina se você não passasse?”. Aí eu falo: “é professor, a gente é muito grato pelas suas aulas, sabe?”. E ele falou que ele ajudava a gente com o maior prazer, porque ele era o professor, ele gostava que os alunos queriam sempre estudar e queria melhorar.

Iris: Como você viu essa mudança do 1º que você estava fazendo pro IF? Como você sente essa mudança?

Olivia: Olha, foi uma mudança muito brusca da minha vida porque..., em relação a algumas matérias, como Português, eu não sofri, porque o que a professora tá passando eu já aprendi. Então eu não sofro com trabalho e com questão de entendimento nessa parte. Agora, no resto das matérias eu fico um pouco perdida ainda em algumas matérias. Mas o IF proporciona horários extras e horário de atendimento. Então, por exemplo, hoje, segunda-feira, você durante a aula você não entendeu, então você pode tirar suas dúvidas em outro horário. O professor fica lá 3 horas com você numa sala..., às vezes a sala mesmo vai. Às vezes o conteúdo é muito difícil pra pegar apenas em uma aula, duas. E acaba sendo difícil, né, o professor tirar dúvida de todo mundo e tendo que explicar o conteúdo todo.

Aqui no [escola Estadual], praticamente, na escola que eu estudava eu não estudava. Eu fiquei muito irritada no 1º ano, até o professor de Geografia, ele..., uma vez ele conversou com a minha mãe e ele falou que eu estava muito nervosa, que eu ficava xingando muito (riso). Mas é porque eu queria estudar e os meus amigos não deixavam! E eu fiquei muito nervosa, isso até afetou meu psicológico, eu fiquei muito tensa, eu chegava com dor de cabeça. Então eu não me arrependo de ter voltado pro 1º pra estudar lá no IF, eu até agradeço todos os professores que me incentivou e minha mãe, até então.

E... (riso) No começo eu falei pra minha mãe: “ah mãe, eu quero desistir, eu quero parar!”. E no IF eu tirei minha 1ª nota vermelha (riso). E você não tem noção, isso mexeu com meu psicológico de um jeito que eu falei pra minha mãe: “não! Eu não quero mais fazer o curso, eu vou desistir!” E minha mãe: “não, você não vai desistir. Você não quis? Agora vai continuar até o final! Não é porque uma nota vermelha vai fazer tanta diferença na sua vida”.

Iris: Então você vê como um ponto positivo?

Olivia: Sim, muito positivo! Eu acho que vai me ajudar muito a abrir novos caminhos. Porque até então os professores falam... E lá, eles visam a gente falar muito, falar muito em público, sabe? Eles fazem muitos seminários. E eles dizem pra gente não sofrer tanto na faculdade, porque a minha professora de informática ela fala assim que ela sofria muito porque ela não gostava de falar em público. E ela recebeu muita nota baixa... E então ela fala que desde o Colegial os professores tem que incentivar os alunos, sabe? A falar, a se expor, não ficar com vergonha, tímido.

Iris: E teria um ponto negativo?

Olivia: Ah eu não vejo um ponto negativo (pausa). Assim, o ruim é os amigos, né? Eles falaram assim quando eu passei: “ah, você vai mesmo lá pra escola? Você não vai ficar aqui com a gente?”. Aí eu falei assim: “vocês nunca vão deixar de estar comigo. Vocês vão estar comigo no meu coração. Só que..., eu chamei vocês pra fazer a prova”. Ó, das minhas melhores amigas, ninguém foi. Nenhuma foi. Então eu falei assim: “vocês poderiam ir”. E elas falam assim: “aí, mas eu não sou inteligente”. E aí eu falei assim: “eu também não sou, nossa, a menina que só tira 10, 10, 10... E eu consegui passar! Então eu acho que vocês nem sequer tiveram interesse, sabe?” Aí eles ficam meio assim comigo porque eu falo essas coisas, elas ficam “você só fala isso porque você passou” e eu falo “não, não é isso, é porque se vocês tivessem estudado vocês tinham a mesma chance que eu tive”. E eu tenho uma amiga que eu converso mais e ela estava me mostrando a matéria. A matéria que ela tá aprendendo agora eu já aprendi e já tô em outra. Então eu falo, faz falta, porque ano passado, por exemplo, em Química eu não vi nada! Eu vi só densidade, foi muito básico, subia muita aula. Na rede... Estadual sobe muita aula, porque os professores faltam, não querem dar aula, e os alunos adora, né, porque vai embora, mas..., aí depois afeta, né, mais pra frente.

Iris: Você poderia me falar o nome desses dois professores que foram os incentivadores?

Olivia: Posso. É... Eu não sei o nome inteiro. Rita, Marta, Saulo. Rita é de Geografia, Marta é de Português.

Iris: A Marta que mora perto do IF?

Olivia: Não, a Rita. Saulo é de Geografia também.

Iris: Você teria algo a acrescentar?

Olivia: Acho que não, acho que eu falei tudo (riso).

Iris: [Agradecimentos].